

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS SUDOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM AMBIENTE E
SOCIEDADE (PPGAS)

SANDRA PEREIRA ALVES

AS FOLIAS DE REIS EM QUIRINÓPOLIS (GO): Resignificações da tradição e das
relações sociais nos espaços urbano e rural na contemporaneidade

QUIRINÓPOLIS-GO
2025

SANDRA PEREIRA ALVES

AS FOLIAS DE REIS EM QUIRINÓPOLIS (GO): Resignificações da tradição e das relações sociais nos espaços urbano e rural na contemporaneidade

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste (PPGAS-UEG), para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Caes.

Linha de Pesquisa 02: Dinâmicas Socioeconômicas e Culturais em Ambientes Urbano e Rural.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Caes.

Universidade Estadual de Goiás
Pró-Reitoria de Graduação
Coordenação de Programas e Projetos
Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais – SIBRE
Biblioteca Campus Sudoeste - Quirinópolis

Como referenciar:

ALVES, Sandra Pereira. **As Folias de Reis em Quirinópolis (GO):** ressignificações da tradição e das relações sociais nos espaços urbano e rural na contemporaneidade. Orientador: André Luiz Caes. 2024. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade, Universidade Estadual de Goiás - UEG, Quirinópolis, 2024. (Linha de pesquisa: Dinâmicas Socioeconômicas e Culturais em Ambientes Urbano e Rural).

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos Direitos Autorias (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Elaborada conforme dados fornecidos pelo(a) autor(a).

	Alves, Sandra Pereira.
A474f	As Folias de Reis em Quirinópolis (GO): ressignificações da tradição e das relações sociais nos espaços urbano e rural na contemporaneidade / Sandra Pereira Alves. - Quirinópolis, 2024. 174 f. Orientador: André Luiz Caes. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade) - Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste - Quirinópolis, Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Ambiente e Sociedade, 2024. 1. Folia de Reis - História. 2. Manifestação Religiosa. 3. Tradição Popular - Folia de Reis. 4. Patrimônio Cultural - Quirinópolis. 5. Festas Religiosas - Goiás. I. Caes, André Luiz, (orient.). II. Título. III. Universidade Estadual de Goiás. CDU – 398.3(817.3Quirinópolis)

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca - SIBRE/UEG
Bibliotecária: Leusimar Lourenço Abreu – CRB-1/2606.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/UEG)

Na qualidade de titular dos direitos de **Sandra Pereira Alves**, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA n.1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a **Lei nº 9610/98** e permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade da autora.

1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO

Dados do autor (a):

Nome completo: Sandra Pereira

Alves E-mail:

sandrap.alves@outlook.com

Dados do trabalho

Título: **AS FOLIAS DE REIS EM QUIRINÓPOLIS (GO): Resignificações da tradição e das relações sociais nos espaços urbano e rural na contemporaneidade**

Nº de páginas: 174 (Cento e setenta e quatro)

Nome orientador(a): Dr. André Luiz Caes

Tipo de produção

Tese

Dissertação e Produto Técnico Tecnológico (PTT)

Dissertação

Tese e Produto Técnico Tecnológico (PTT)

Curso / Programa

Mestrado Acadêmico em Ambiente e Sociedade

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade

Câmpus / Unidade / Polo: UEG - Campus Sudoeste - Sede Quirinópolis-Goiás

Data de defesa: 16/12/2024

2. PERMISSÃO DE PUBLICAÇÃO E ACESSO AO DOCUMENTO *

Concorda com a liberação total do documento

SIM

NÃO (Neste caso o documento não será publicado por até um ano a partir da data de defesa).

Assinalar justificativa para o caso de impedimento e não liberação do documento

Solicitação de registro de patente;

Submissão de artigo em revista

científica; Publicação como capítulo

de livro;

Publicação da dissertação/tese em livro.

* Em caso de não autorização, o período de embargo será de **até um ano** a partir da data de defesa, prorrogável para mais um ano.

* Em caso de necessidade de dilatação deste prazo, deverá ser apresentado formulário de solicitação para extensão de prazo para publicação, devidamente justificado, junto à coordenação do curso.

* Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Ciente de que, mesmo em circunstância de embargo da produção para publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, a produção deve ser entregue em sua totalidade para que seja publicada conforme permissões assinaladas.

Documento assinado digitalmente
 SANDRA PEREIRA ALVES
Data: 13/02/2025 23:17:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Quirinópolis, 12 de fevereiro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 ANDRE LUIZ CAES
Data: 12/02/2025 23:11:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Câmpus
Sudoeste
Quirinópolis



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação do Programa de Mestrado em Ambiente e Sociedade

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE

SANDRA PEREIRA ALVES

Aos dezesseis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro (16/12/2024), às quatorze horas (14h), na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis, teve lugar a Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado de Sandra Pereira Alves, intitulada “**As Folias de Reis em Quirinópolis (GO): ressignificações da tradição e das relações sociais nos espaços urbano e rural na contemporaneidade**”. A Banca Examinadora foi composta pelos Professores: **Dr. André Luiz Caes** (Orientador e Presidente da Banca), **Dra. Maria Idelma Vieira D’ Abadia** (Membro Externo) e **Dr. Hamilton Afonso de Oliveira** (Membro Interno). Os examinadores arguíram na ordem citada. O(a) mestrando(a) respondeu satisfatoriamente às questões apresentadas. Às **15:30** horas a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, estabelecendo os seguintes resultados:

Prof. Dr. André Luiz Caes



Documento assinado digitalmente

ANDRE LUIZ CAES

Data: 16/12/2024 16:08:52-0300

Verifique em <https://validar.ib.gov.br>

Ass. _____

Aprovado(a) () Reprovado(a) ()

Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D’ Abadia



Documento assinado digitalmente

MARIA IDELMA VIEIRA D ABADIA

Data: 16/12/2024 21:43:19-0300

Verifique em <https://validar.ib.gov.br>

Ass. _____

Aprovado(a) () Reprovado(a) ()

Prof. Dr. Hamilton Afonso de Oliveira



Documento assinado digitalmente

HAMILTON AFONSO DE OLIVEIRA

Data: 17/12/2024 07:34:38-0300

Verifique em <https://validar.ib.gov.br>

Ass. _____

Aprovado(a) () Reprovado(a) ()

OBS: A banca examinadora aprovou a Dissertação com Louvor e recomendou que seja realizada a publicação em artigos e livro

Presidente da Banca – Prof. Dr. André Luiz Caes

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDRÉ LUIZ CAES
Data: 16/12/2024 16:07:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ass. _____

Resultado final: APROVADO(A) (X) REPROVADO(A) ()

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestrando(a) examinado(a) e pelo Coordenador do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Sociedade.

Documento assinado digitalmente
gov.br SANDRA PEREIRA ALVES
Data: 17/12/2024 08:23:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Mestrando(a): _____

Documento assinado digitalmente
gov.br ISALUCIA DE MORAIS
Data: 07/02/2025 11:52:21-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Coordenador(a): _____

Obs: O(a) aluno(a), sob a supervisão do orientador, deverá encaminhar, no prazo de até 60 dias, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento e devidos encaminhamentos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por tudo e em todo o tempo!

Aos meus pais, pelo apoio inabalável, pelos ensinamentos e pelos valores que guiaram minha caminhada. Por todas às vezes que não pude ir aos encontros de família por causa dos estudos.

Ao meu amado esposo, cuja força e amor foram inabaláveis nos momentos desafiadores relacionados à saúde. Sua presença constante e apoio incondicional foram a luz que iluminou os caminhos mais difíceis desta trajetória acadêmica.

Expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, Professor Dr. André Luiz Caes, pelo apoio constante ao longo deste processo. Obrigada por ter me ajudado nos momentos em que a saúde do meu esposo estava abalada devido ao acidente e as consequências advindas dele. Agradeço pela paciência quando a minha psique e o meu físico não mais aguentavam estudar e escrever. Gratidão pelo carinho! Gratidão por não ter desistido de mim!

À Universidade Estadual de Goiás, em especial ao Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ambiente e Sociedade, Câmpus Sudoeste, manifesto minha sincera apreciação. A oportunidade de integrar esta instituição e participar deste programa foi fundamental para o aprofundamento dos conhecimentos e para o amadurecimento acadêmico.

Agradeço a estimada banca, pela leitura atenta do meu trabalho, disponibilidade e generosidade intelectual para comigo, apresentando riquíssimas considerações e me auxiliando a contornar tecnicamente os rumos da minha pesquisa.

Aos participantes das entrevistas, cuja generosidade e disposição enriqueceram esta pesquisa, manifesto meu reconhecimento. Suas vozes e histórias foram essenciais para a construção do conhecimento sobre as dinâmicas contemporâneas das Folias de Reis na região.

À população da Sub-região da Pedra Lisa, cujas histórias e vivências estiveram no cerne desta dissertação. A dedicação de vocês à preservação das tradições e à construção de relações sociais autênticas é um testemunho inspirador da riqueza cultural de Quirinópolis. Aos foliões, devotos e suas famílias, meu carinho e admiração.

A todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram com este trabalho, seja fornecendo informações, apoiando nas etapas de pesquisa ou oferecendo suporte emocional. Cada contribuição valiosa enriqueceu o resultado final desta dissertação.

Que esta dissertação seja também uma homenagem a todos aqueles que, de diferentes formas, participaram da concretização deste trabalho, e que ela possa reverberar o respeito pelas tradições, o fortalecimento das relações sociais e a importância da fé em nossas vidas.

Que este estudo possa contribuir para a compreensão mais ampla das Folias de Reis em Quirinópolis, ressaltando a importância das tradições culturais e das relações sociais na contemporaneidade.

RESUMO

Este trabalho é uma análise da Tradição da Folia de Reis centrado-se nos grupos de foliões do município de Quirinópolis no estado de Goiás. A pesquisa teve como objetivo traçar as origens, as adaptações e as ressignificações dessa manifestação religiosa e ao mesmo tempo cultural e seu papel na definição das identidades dos foliões e devotos. A definição do período da análise incluiu os anos de 1918 a 2023, permitindo uma investigação sobre as mudanças nas práticas e representações culturais no município, em função das transformações sociais e econômicas nos ambientes urbano e rural que influenciaram o festejo de Santos Reis. Trata-se de um estudo que valoriza os protagonistas históricos cotidianos, portanto, foi crucial a adoção da técnica de entrevistas semiestruturadas, utilização de iconografia, fontes audiovisuais, fontes bibliográficas relacionadas ao assunto, junto à investigação de campo e observação participante para a execução da análise. Considerando a relevância e a força cultural das festividades populares, em especial a de Santos Reis, foram investigadas várias discussões teóricas sobre o fenômeno festivo, com o objetivo de entender seu significado e sua posição, reconhecendo-o como um facilitador entre os desejos individuais e comunitários. A Festa de Santos Reis representa um local de memória construído pelas intervenções e manifestações dos integrantes sociais presentes (os foliões e devotos). A investigação dos dados indicou que mesmo as festividades da Folia de Reis tendo suas origens na época colonial, elas continuam a apresentar, na contemporaneidade, suas especificidades, com algumas mudanças e integrações, em um esforço de preservação para as gerações futuras.

Palavras-chave: Folia de Reis. Tradição. Ressignificações. Relações Sociais. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This work is an analysis of the Epiphany tradition, focusing on groups of revelers from the municipality of Quirinópolis in the state of Goiás. The research aimed to trace the origins, the adaptations, the resignifications of this religious and cultural manifestation and its role in defining the identities of revelers and devotees. The definition of the period of analysis included the years from 1918 to 2023, allowing an investigation about the changes in the cultural practices and representations in the municipality, due to the social and economic transformations in urban and rural environments that influenced the celebration of the Three Kings day. This is a study that values the everyday historical protagonist, therefore, the adoption of the technique of semi-structured interviews, use of iconography, audiovisual sources, bibliographic sources related to the subject, together with field research and participant observation were crucial for the execution of the analysis. Considering the relevance and cultural strength of popular festivities, especially the Three Kings day, several theoretical discussions about the festive phenomenon were investigated, with the aim of understanding its meaning and position, recognizing it as a facilitator between individual and community desires. The Three Kings day festival represents a place of memory built by the interventions and manifestations of the social members (the revelers and devotees). The investigation of the data indicated that even though the Three Kings day festivities have their origins in the colonial times, they continue to present, in the contemporary times, their specificities, with some changes and integrations, in an effort to preserve them for future generations.

Key words: Epiphany, Tradition, Resignifications, Social Relationships, Contemporary

SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CF/88	Constituição Federal de 1988
DCRSP	Departamento de Cultura e Recreação de São Paulo
DETELQUI	Departamento Telefônico de Quirinópolis
FECLQ	Faculdade de Educação Ciências e Letras de Quirinópolis
GO	Goiás
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEG	Universidade Estadual de Goiás

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A materialidade expressa pela bandeira.....	37
Figura 2 - Folia Tradição da Pedra Lisa: O traje do palhaço.....	39
Figuras 3 e 4 - O trio de arcos e o altar: entrega das bandeiras “Lá no Vaca”.....	40
Figura 5 - Mapa da Evolução Histórico Geográfica das fronteiras de Goiás.....	55
Figura 6 - Bandeira da cidade de Quirinópolis-GO.....	60
Figura 7 - Mapa das sub-regiões: base de dados: SIEG – Mapas (2023).....	63
Figura 8 - Córrego Pedra Lisa.....	66
Figura 9 - Imagem da Igreja Velha Matriz na época de 1920.....	71
Figura 10 - Coreto da Praça Coronel Jacinto Honório.....	73
Figura 11 - Entrada para Pedra Lisa.....	80
Figura 12 - Faixa e Estandarte utilizados pelo líder inicial da Celebração de Santos Reis - Pedra Lisa.....	81
Figura 13 - Cabrinha Xavier, 1º Capitão de Folia da região. Casamento do “Zé Major (20/04/1974)”.....	82
Figura 14 - Mosaico: Venda do “Zé Major”.....	82
Figura 15 - João Rodrigues Barcellos à direita, conhecido como Ganga: (2º Capitão de Folia da região), aproximadamente em 1970.....	84
Figura 16 - Exemplo de vestimentas dos Foliões da Pedra Lisa.....	85
Figura 17 - Recepção e chegada da folia na residência: Os tambores.....	86
Figura 18 - Folia de Reis capitaneada pelo senhor Horton com a coroa (2016).....	87
Figuras 19 e 20 - Praça Nego Tulica.....	90
Figura 21 - Embaixador João Batista, no centro.....	91
Figura 22 - Embaixador Lauro Campos com a bandeira da sua Companhia.....	96
Figura 23 - LEI 3.271 de 2018: Declara como Patrimônio Cultural Imaterial a Companhia de Santos Reis Magos do Oriente e Companhia de Santos Reis Foliões da Pedra Lisa do Município de Quirinópolis.....	97
Figura 24 - Capitão Paulo com o bandolim e os foliões.....	98
Figura 25 - Estabelecimento de Entretenimento “Lá no Vaca” (frente e lateral).....	113
Figura 26 - Thadeu e Doralei: Festeiros de 2023: Reza do terço de saída das Folias “Lá no Vaca”.....	114
Figura 27 - Localização da reza do terço e chegada das folias “Lá no Vaca”.....	114
Figura 28 - Reza do terço que antecede a saída das Folias: “Lá no Vaca”.....	116

Figura 29 - Reverência do folião no terço que antecede a saída das Folias “Lá no Vaca”....	118
Figura 30 - Início do giro na Sub-região das Perdizes.....	119
Figura 31 - Joelhos ao chão, é devoção!.....	120
Figura 32 - Giro da Companhia na região da Cascalheira.....	123
Figura 33 - Giro da Companhia em Denislópolis.....	125
Figura 34 - Pagamento de promessa.....	134
Figura 35 - Emprego de Van para deslocamento dos foliões.....	142
Figura 36 e 37 - A cozinha é coletiva: Pedra Lisa.....	145
Figura 38 - Mosaico: Preparativos para a Festa em 2024: Venda do Zé Major - Pedra Lisa.....	146
Figura 39 e 40 - Ornamentação: Preparativos para a Festa em 2024: Venda do Zé Major - Pedra Lisa.....	148
Figura 41 – Infraestrutura da Festa de Reis – Pedra Lisa (2024).....	148
Figura 42 – Geovana com o avó Luís Wanderley e o bisavô Nego Tulica (2016).....	152
Figura 43 – Ensaio da Folia de Reis Companhia Lauro Campos – CERECA.....	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações Demográficas: Quirinópolis (1940 a 2010; 2022).....	76
Tabela 2 - Caracterização da Companhia Estrela do Oriente.....	93
Tabela 3 - Caracterização da Companhia Visitantes do Oriente.....	99
Tabela 4 - Caracterização da Companhia Lauro Campos.....	154

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - O Extraordinário como mantenedor da tradição.....	44
Diagrama 2 - Jornadas simbólicas de fé.....	129
Diagrama 3 - A festa e suas conexões.....	139
Diagrama 4 - Resignificações da tradição.....	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - NA SALVAGUARDA DA TRADIÇÃO POPULAR	23
1.1 O patrimônio cultural.....	24
1.2 Reflexões sobre o patrimônio natural e cultural no Brasil.....	29
1.3 A Folia de Reis em terras brasileiras: patrimônio cultural material e imaterial da nação.....	31
1.4 A correlação entre a prática votiva e os ex-votos: o princípio sentimental da troca.....	41
1.5 Memória e identidade: conexões para se compreender a religiosidade popular.....	45
CAPÍTULO 2 - QUIRINÓPOLIS NO TEMPO E ESPAÇO HISTÓRICO – GEOGRÁFICO: O RURAL E O URBANO	52
2.1 Breve consideração a respeito do povoamento do Sudoeste Goiano.....	53
2.2 A narrativa sobre a ocupação de Quirinópolis-GO.....	57
2.3 A paisagem e o cotidiano rural em Quirinópolis: recursos naturais e o processo de ocupação do território.....	63
2.4 A urbanidade Quirinopolitana.....	70
2.5 A Folia de Reis em Quirinópolis: Tradição Pedra Lisa.....	79
2.5.1 Companhia de Folia de Reis Estrela do Oriente.....	91
2.5.2 Companhia de Folia de Reis Magos do Oriente.....	94
2.5.3 Companhia de Folia de Reis Visitantes do Oriente.....	98
CAPÍTULO 3 - AS FOLIAS DE REIS EM QUIRINÓPOLIS: RESSIGNIFICAÇÕES DA TRADIÇÃO E DAS RELAÇÕES SOCIAIS NOS ESPAÇOS URBANO E RURAL NA CONTEMPORANEIDADE	103
3.1 A tradição e a construção da realidade social na contemporaneidade.....	103
3.2 Uma reflexão sobre o sagrado e o profano e seus entraves.....	106
3.3 Jornadas simbólicas de fé: rituais que conectam cidade e campo.....	111
3.4 Quando os santos chegam, é dia de festa!.....	130
3.5 A tradição ressignificada.....	141
CONCLUSÃO	157
REFERÊNCIAS	160
ANEXO A	173

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é investigar o surgimento das práticas da Folia de Reis na cidade de Quirinópolis/GO, observando suas transformações nos espaços urbano e rural, seus significados para os participantes e as ressignificações que sofreu na contemporaneidade; ainda refletir sobre as relações sociais que ocorrem nesses espaços, tendo como pano de fundo a memória e a representação que contribuiu para a preservação desse legado cultural e construção da identidade da coletividade da região. Procurou-se entender a manifestação como local de memória, a partir das práticas e representações que permeiam este evento sob a influência da devoção comunitária.

Quirinópolis está localizada no interior do estado de Goiás, mais especificamente na região Sudoeste e, como muitas regiões goianas, a sua ocupação foi iniciada com o impulso da mineração e da atividade agrícola e criação de gado no Brasil interiorano. Em meio a esse cenário rural surgiu a Folia de Santos Reis, uma ação relevante no espaço público sagrado, oriundo do ritual coletivista, conduzido por devotos, exibindo um catolicismo simbólico e popular, distante das doutrinas tradicionais.

A análise temporal da pesquisa abarca desde a chegada dos paulistas e mineiros na região para a povoação, marco que indica o começo da religiosidade na localidade e a sua afirmação no ambiente rural, bem como as mudanças que se verificaram nessa expressão cultural. O período prolongado de análise trouxe uma compreensão mais apurada das modificações que se desenvolveram na Folia de Reis, possibilitando perceber uma certa diferenciação nas práticas frequentes.

A religiosidade sempre integrou a vida do povo brasileiro e, em Goiás, segue o mesmo padrão, detalhe observado em cada parte desbravada de seu extenso território. Ao examinar o mapa do território goiano, percebeu-se uma variedade de nomes de cidades que prestam homenagem a vários santos adorados no catolicismo, herança da implantação cristã nos estágios iniciais de sua colonização. Essa crença se manifesta por meio de atividades como as peregrinações, terços, festas, cânticos, toadas e batuques, oração em conjunto, com considerável cobertura pelas mídias. A presença dessas expressões no cotidiano do povo goiano leva as pessoas a experiências extraordinárias e proporciona um novo sentido e energia para superarem os percalços e frustrações do dia a dia.

Assim, nesse ambiente favorável, a Folia de Reis descobriu espaço fértil para brotar e florescer em grande parte do país. Trata-se de uma tradição com base religiosa e cultural originária dos países ibéricos, geralmente liderada por leigos; foi trazida ao Brasil pelos jesuítas e, em seguida, incorporada pela Igreja Católica na catequização de africanos e indígenas com o intuito de exercer controle social.

A Folia de Reis é uma festividade tradicional que ultrapassa a dimensão espiritual de sua origem e une elementos sagrados e profanos, apresentando variações locais, alguns de seus elementos têm passado por mudanças relevantes ao longo dos anos. Numerosos pesquisadores afirmam que a cultura e os hábitos de um certo grupo humano são vistos como a perpetuação de velhas práticas vividas por essa comunidade. Contudo, de acordo com Hobsbawm e Ranger (2008) em *A Invenção das Tradições*, certas ‘práticas’ embora aparentem ser ancestrais, na realidade são recentes ou criadas. Por isso, o emprego do conceito demanda cautela. Os autores sugerem que o pesquisador não se concentre apenas na análise da continuidade das heranças culturais, mas sim,

no modo como elas surgiram e se firmaram. Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 2008, p. 9).

A pesquisa sobre a Folia de Santos Reis tem como objetivo evidenciar e apoiar várias questões que surgiram a partir da análise do patrimônio cultural imaterial, das celebrações populares, da tradição, da memória e da identidade ligadas a essa expressão cultural. Dessa forma, fundamentado nesses conceitos, o estudo atual busca examinar a Folia de Reis. Nessa breve perspectiva histórica apresentada, transparece o fato de que as Folias constituem uma manifestação cultural que atravessa a história do catolicismo no Brasil e, também, da cultura brasileira, na qual a inter-relação entre os espaços rural e urbano sempre foram presentes e com mútuas influências. No caso específico das Folias, de tradição fundamentalmente rural ela se tornou também uma manifestação urbana, acompanhando as transformações que foram acontecendo no Brasil, principalmente com a crescente migração das pessoas para a área urbana.

Assim sendo, é de fundamental importância verificar de que forma a sociedade contemporânea, capitalista, industrial e tecnológica tem provocado ressignificações nas Folias de Reis nos referidos espaços da cidade de Quirinópolis-GO e como estas se adaptam para se manterem atuais e assim perpetuar a tradição. Entender a dinâmica sociocultural das Folias de Reis local atrelada às ressignificações, refletir sobre como se dá a construção e manutenção

dessa tradição, qual a identidade que molda a vida dos foliões e participantes e como ocorrem as relações sociais nos espaços rural e urbano é de suma importância para se compreender os efeitos do tempo atual nos grupos sociais em análise.

Diante do exposto, indaga-se: Como a tradição da Folia de Reis possibilita criar e manter vínculos de identidade, representação comunitária no cenário sociocultural dos habitantes da cidade e do campo? Como as mudanças nos espaços urbano e rural ainda refletem a história das Foliias e interferem em sua atual constituição? A Folia de Reis, como representação cultural, evidencia as particularidades da localidade constituindo-se como fonte de informações e memória da comunidade quirinopolitana? As transformações sociais e econômicas advindas da modernização¹ na região de Quirinópolis, inspiraram e viabilizaram as ressignificações da Folia de Reis em sua representação e representatividade coletiva? Quais as ressignificações locais das crenças e rituais da Folia de Reis? Como é e como se dá a participação de homens, mulheres e crianças nessa manifestação religiosa? Quais são os papéis que lhe são designados? Existem dificuldades para formação de novos integrantes da folia? Qual conexão os foliões possuem com a Igreja Católica?

Investigando o objeto de pesquisa eleito a partir desses questionamentos haverá contribuições com as pesquisas sobre a cultura popular no Brasil e também com as manifestações culturais do Sudoeste goiano, além de estabelecer uma perspectiva sociocultural das relações dos grupos de foliões com a cidade e seu entorno rural.

A atuação da Folia de Reis é muito mais do que uma simples cópia do que foi passado pelos mestres e ancestrais dos foliões, pois ocorre uma modificação de suas práticas, notadas durante a celebração; novos aspectos são incluídos e, em seguida, repassados pela tradição às novas gerações. Esses elementos se tornam significativos e são frequentemente analisados por sociólogos, historiadores e antropólogos, dado que, por intermédio das festividades populares, é factível reconhecer as modificações que ocorreram em um grupo, bem como investigar suas pluralidades. Conforme relatado pelos participantes dos grupos de foliões, a movimentação dos giros da Folia da zona rural para a urbana se deu no início da década de 1990, porém é relevante enfatizar que atualmente a festa conecta as duas regiões do município.

No entanto, este fragmento sinaliza claramente uma quebra significativa na jornada do grupo, uma vez que ocorreram lentamente alterações, antes, ao longo e após essa modificação espacial da celebração. As equipes tiveram que modificar os horários da execução dos giros -

¹ A transformação e evolução voltada para o fortalecimento da economia agrícola e pecuária. Uma fase diferente de transformação do Estado, indiscutivelmente orientada pelos princípios desenvolvimentistas depois de 1970.

antigamente pousavam nos locais onde a bandeira ficava, na atualidade não. A disponibilidade de tempo passou a ser menor para a realização da festa, apesar dos participantes mais maduros se dedicarem de maneira completa ao evento, já os foliões mais jovens têm dificuldade em estarem completamente engajados nas ações devido aos seus compromissos na região (educação, trabalho), mas eles se organizam para participarem da melhor forma possível.

Por meio da pesquisa, notam-se as constâncias e as mudanças ocorridas nas ações e nas representações culturais dos participantes da Folia de Reis em questão, em decorrência das modificações sociais e financeiras resultantes da alteração do espaço do folguedo. Portanto, é essencial examinar os impactos dessas modificações do evento para o coletivo em foco, uma vez que influenciam as relações entre a coletividade.

A fase inicial da pesquisa sobre o patrimônio cultural não material e a realização da Folia de Reis no Brasil concentrou-se na revisitação de fontes literárias, utilizando livros, artigos de revistas acadêmicas, documentos de conclusão de estudos, diversos textos em anais de encontros, além de dissertações e teses de mestrado e doutorado. Nesta fase, refletiu-se sobre o desenvolvimento dos conceitos e temas, visando alinhá-los às diretrizes da pesquisa e reforçando os métodos selecionados. A intenção é permitir que o pesquisador acesse diretamente tudo o que foi redigido, falado ou filmado sobre um assunto particular, abrangendo conferências e debates registrados de alguma maneira, tanto em publicações quanto em gravações (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A obtenção de relatos orais se mostrou um meio valioso para o direcionamento deste estudo, uma vez que o conjunto de participantes analisados não produziu registros escritos ao longo dos mais de sessenta anos de atividade na localidade. O método de investigação é baseado na abordagem da entrevista semiestruturada e em outros métodos mesclados, nos arquivos de relatos das vivências dos indivíduos. Indiscutivelmente, essa abordagem foi decisiva para a obtenção de dados, visto que as narrativas das vivências dos integrantes do grupo durante o evento religioso da Folia de Reis possibilitaram caminhos para perspectivas de novas leituras de suas realidades sociais. O registro fotográfico da representação da jornada dos Reis Magos pelos participantes ao longo do caminho e sua análise foram vitais para a investigação. Esse material visual possibilitou, a partir de sua observação, reconstituir cenas passadas e contemporâneas vivenciadas pelos seguidores nas festividades, facilitando a restauração da memória dos fiéis durante as entrevistas e conversas casuais.

No primeiro capítulo foram propostas algumas observações acerca do conceito para a compreensão do termo patrimônio imaterial, bem como das políticas e ações públicas

atinentes a sua salvaguarda. Os dados considerados foram apoiados em argumentos da academia, leis e preceitos que servem de parâmetros para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Num segundo momento o folguedo da Folia de Reis é apresentado no âmbito brasileiro como um modelo de patrimônio imaterial, exaltando a importância da preservação de sua tradição, identidade e memória, na manutenção do legado cristão da jornada dos Reis Magos. São destacados pontos sobre a atividade de devoção e os ex-votos como uma relevante representação da espiritualidade popular. E, no final, frisa a importância da memória e da identidade para uma compreensão mais profunda do conhecimento gerado e passado entre as gerações de foliões. Os conceitos aplicados neste capítulo, assim como os pensadores e teorias que o respaldam, serão discutidos e articulados neste espaço a fim de construir a linha de raciocínio que deu suporte a este estudo, delineando um caminho que pretende, neste capítulo, ajudar a compreender a relação entre memória e identidade e suas conexões na análise da espiritualidade popular. Também analisa que a crença em determinados dons místicos conectados a santos leva à devoção que, em diversas ocasiões, se apoia em uma situação excepcional como o milagre, visando estabelecer e espalhar a santidade, além de colocar em evidência as habilidades e os locais de atuação dos santos, neste trabalho especificamente, Santos Reis.

O segundo capítulo reserva-se a algumas reflexões sobre o avanço econômico e a estrutura política de Quirinópolis, Estado de Goiás, refletidos no dia a dia das pessoas; busca-se compreender a valiosa perspectiva das origens, a evolução e o progresso de uma cidade que nasceu de um pequeno vilarejo no final do século XIX. Durante o período em que uma grande quantidade de mineiros e paulistas mudaram e fixaram-se na região, ocupando e demarcando localidades, principalmente com base na posse de terras até então pouco ocupadas, edificando propriedades e pequenos povoados ligados à produção agrícola e à criação extensiva de gado que frequentemente contava com esforço familiar. São elencadas as interações culturais e sociais, de maneira que, ao mostrar o urbano e o rural, isto é, as propriedades dos recursos naturais e as atitudes humanas, os ambientes são ilustrados até abordá-los sob as características da Comunidade Pedra Lisa, onde nasceu a Folia de Santos Reis.

O terceiro capítulo, intitulado “As Foliagens de Reis em Quirinópolis: Ressignificações da Tradição e das Relações Sociais nos Espaços Urbano e Rural na Contemporaneidade”, visa examinar a época das jornadas e da festividade de Santos Reis, descrevendo as atividades do grupo, a movimentação do giro, a função que cada indivíduo ocupa na expressão cultural e sua importância na comunidade. Aborda relatos de visitas em residências, acompanhados de

várias práticas rituais em itinerários determinados, as quais envolvem canções, toadas, símbolos e caminhos a serem seguidos ao longo dos dias de peregrinação, doações, prendas, compromissos, banquetes e acolhimento pela comunidade guardiã do patrimônio cultural. Enquanto a Companhia de Reis executa seu trajeto, múltiplas famílias são visitadas pelo grupo de foliões que é recebido com calor humano e atenção pelos responsáveis das casas. Analisa-se por meio da metodologia de entrevistas semiestruturadas e da iconografia aspectos gerais da Folia de Reis de Quirinópolis, abrindo espaço para o protagonismo feminino e realçando a importância do idoso.

Há ênfase na festividade de Santos Reis como uma necessidade coletiva, na qual os membros sociais buscam vencer as dificuldades e desafios da vida diária. São, por isso, considerados os pontos que envolvem as mudanças, as constâncias e ressignificações que esta expressão cultural teve ao longo dos anos, principalmente na contemporaneidade. Um ponto importante que será discutido é a ansiedade dos participantes em preservarem os costumes na cidade, já que, conforme os responsáveis, os grupos têm encontrado sérios obstáculos para continuar com a festividade. Foi destacado o estudo das celebrações espirituais populares, examinando a herança e os costumes da população, visíveis nos rituais e nas festividades. Elas criam conexões sociais entre pessoas, incentivam a cooperação, despertam sentimentos e memórias. Proporcionam um ambiente de criatividade, atração, encantamento, maravilha e júbilo.

A festividade de Santos Reis se apresenta como um cenário favorável para a criação de identidades, a ratificação e o desenvolvimento de novos preceitos vitais para a vida comunitária dos indivíduos da comunidade. A fim de conduzir a pesquisa, foi crucial o contato com os organizadores dos grupos de foliões. É importante mencionar que, além dos relatos obtidos nas entrevistas, também ocorreu junto aos grupos pesquisados a coleta de imagens, músicas, gravações, assim como a participação efetiva ao longo do giro, isto é, da trajetória de peregrinação coletiva. O contato próximo com os participantes foi essencial para as conclusões do estudo.

CAPÍTULO 1: NA SALVAGUARDA DA TRADIÇÃO POPULAR

Este capítulo visa apresentar uma análise sobre a ideia de Patrimônio Cultural, assim como revisa conceitos pertinentes à Folia de Reis e, para isso, explora-se a fundamentação conceitual de autores renomados que impactaram na criação deste campo de conhecimento.

Algumas considerações são feitas a respeito da prática votiva e dos ex-votos como uma importante manifestação da religiosidade popular. E, no final, mostra a importância da memória e da identidade para uma compreensão mais profunda do conhecimento gerado e passado entre as gerações de foliões.

Os conceitos aplicados, assim como os pensadores e teorias serão discutidos e articulados neste espaço a fim de construir a linha de raciocínio que deu suporte a este estudo, delineando um caminho que pretende evidenciar a relação entre memória e identidade e suas conexões na análise da espiritualidade popular.

Também será analisada a crença em determinados dons místicos conectados a santos que leva à devoção e, em diversas ocasiões, se apoia em uma situação excepcional como o milagre, a fim de estabelecer e espalhar a santidade, além de colocar em evidência as habilidades e os locais de atuação dos santos, neste trabalho, especificamente, Santos Reis.

Para otimizar a lógica da escrita, o capítulo foi segmentado em seções que permitem leituras e consultas independentes, possibilitando breves intervalos e o retorno a tópicos teóricos se necessário.

1.1 O patrimônio cultural

Os anos 1930 marcaram o início da proteção do patrimônio cultural no Brasil com a criação da Inspetoria Nacional dos Monumentos, em 1934, e do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) no ano de 1937. E de acordo com Fonseca (2005, p. 106-107), “as duas organizações foram responsáveis por identificar e preservar os monumentos que representavam a identidade nacional promovida pelo regime Vargas entre 1930 e 1945.”

Como afirma Gonçalves (2002, p. 33) as riquezas culturais brasileiras foram empregadas para reforçar a titularidade do país enquanto nação e “a autoridade dos intelectuais nacionalistas para falar em nome do patrimônio com o objetivo de reconhecer, proteger e preservar a identidade nacional”. Ganhou maior notoriedade com a participação de intelectuais associados ao modernismo brasileiro dos anos 1920, especialmente aqueles que estavam próximos de Mário de Andrade, que se destacou no setor por sua atuação no Departamento de Cultura e Recreação de São Paulo (DCRSP) de 1935 a 1938, razão pela qual surgiu o SPHAN (RAFFAINI, 2001).

O Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, designou Rodrigo Melo Franco de Andrade, Diretor Especial de Criação do SPHAN, para apoiar a criação de um novo órgão de proteção do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil. Em seguida, Mário de Andrade foi nomeado para o cargo. Brito (2017, p. 52-53) ainda explica que:

Mário de Andrade está presente em grande parte dos estudos sobre a criação do SPHAN e invenção do patrimônio histórico e artístico nacional, seja pelo seu protagonismo dentre os modernistas, ou devido a suas pesquisas que adentravam o reconhecimento da arte e arquitetura nacional desde a primeira década do século XX. Pesa ainda o fato de Mário receber, em 1936, o convite do ministro Gustavo Capanema para elaborar o pré-projeto que nortearia a salvaguarda do patrimônio nacional.

O modelo de Mário de Andrade foi desenvolvido a partir de seu trabalho no Departamento de Cultura e Recreação da Cidade de São Paulo (DCRSP), sendo o objetivo encontrar e preservar uma variedade de expressões culturais brasileiras, organizadas em estilos eruditos e populares (BRITO, 2017).

O Patrimônio Imaterial ou Cultural que Mário de Andrade denomina de Patrimônio Cultural inclui métodos de trabalho, conhecimento e as várias formas de expressão da cultura popular. Assim sendo, “há espaço para o tradicional e o moderno, o que é considerado culto e o popular, que em harmonia e estruturados, sinalizavam para um panorama de uma nação rica culturalmente” (ANDRADE, 2002, p. 273-274).

Conforme Chuva (2009) a abordagem brasileira sobre o patrimônio é assinalada por uma fusão de conceitos e tradições modernas e essas características decorrem de debates modernistas sobre o papel da cultura brasileira no mundo. Tais características ficaram claras por meio da ligação entre tendências estéticas do passado e propostas contemporâneas, considerando diferentes interpretações. A referida autora enfatiza que a proteção de bens arquitetônicos e históricos que representam a identidade brasileira e fortalecem a unidade nacional começou a ser defendida no Brasil a partir da década de 1930, especialmente após a fundação do SPHAN. Para Chuva (2009, p. 147):

No Brasil, o decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, foi a primeira norma jurídica brasileira a dispor acerca da limitação administrativa ao direito de propriedade, criando o instituto do tombamento. Este é um ato administrativo que deu origem à tutela do estado sobre o patrimônio histórico e artístico nacional, em virtude do valor cultural que lhe fosse atribuído, por meio do SPHAN.

Com isso, a atribuição de promover o instrumento legal do tombamento, o SPHAN e os quatro Livros que compõem o Tombo (Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico; de Belas Artes e das Artes Aplicadas) firmada pelo Decreto-Lei Nº 25, novembro de 1937 (CHUVA, 2009).

De acordo com Carvalho e Meneguello (2020) o tombamento se tornou o principal pilar da política de preservação do patrimônio e o único método de patrimonialização existente.

Fonseca (2001) afirma que, desde a década de 1970, os responsáveis pela promoção e implementação da política do patrimônio cultural discutiram novas perspectivas sobre a preservação dos valores culturais e introduziram, por exemplo, o conceito de referência cultural, graças aos estudiosos da Geografia Cultural, Antropologia, Linguística, História Cultural, bem como os enfoques socioambientalistas:

Entendia-se que o patrimônio cultural brasileiro não devia se restringir aos grandes monumentos, aos testemunhos da história oficial, em que sobretudo as elites se reconhecem, mas devia incluir também manifestações culturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira – os índios, os negros, os imigrantes, as classes populares em geral (FONSECA, 2001, p. 112).

Ao término dos anos 70, a implementação da ideia de 'tecnologias patrimoniais' nas ações do Centro Nacional de Referências Culturais representou uma iniciativa inovadora no Brasil em relação às práticas tradicionais (FONSECA, 2001). Os detentores dos saberes, ações e meios de expressão foram iluminados pelo surgimento da noção de referências culturais, segundo a mesma autora.

As discussões sobre Patrimônio Cultural e Cultura, após a Ditadura Militar, possibilitaram a criação de dois artigos na Constituição Federal de 1988, os quais ampliaram os conceitos de patrimônio histórico e artístico para incluir o patrimônio cultural. Esses artigos também introduziram a categoria de bens de natureza material e imaterial, dando origem a discussões sobre o direito fundamental ao patrimônio cultural.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I. as formas de expressão;

II. os modos de criar, fazer e viver;

III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas;

V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1988, Art.216).

O crescimento da ideia e da função dos elementos que compõem o Patrimônio Cultural fez com que as diretrizes patrimoniais do Brasil se dedicassem mais às manifestações culturais populares. Isso acabou com a hegemonia do "patrimônio em pedra, cimento e cal" que havia sido estabelecida desde 1930. Com isso, começou o estudo das celebrações e maneiras pelas quais as religiosidades populares são expressas no Brasil. Essas celebrações foram de notória importância para a formação da cultura nacional e são muito comuns entre os brasileiros. O estudioso Tomaz (2010, p. 7) esclarece:

[...] o termo patrimônio histórico, cujo conceito focava o monumento, a materialidade, aos poucos vem sendo substituído por um termo mais amplo, mais abrangente, o chamado patrimônio cultural, entendido como o conjunto dos bens culturais, referentes às identidades coletivas. Essa nova forma de abordar o assunto enriqueceu a noção de patrimônio, englobando sob a mesma perspectiva as múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, particularidades gastronômicas, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos, os quais passaram, a partir daí, a ser valorizados pelas comunidades e organismos governamentais nas esferas local, estadual, nacional e até mesmo internacional.

O autor identifica as novas releituras que o conceito de patrimônio vem sofrendo no século XXI, destacando-o não exclusivamente como monumento físico, mas entendendo sua representação enquanto símbolo e identidade.

Depois de um breve intervalo sem atividades, o Departamento de Cultura (fundado em 1985) foi restabelecido em 1992, ao lado da entidade encarregada do Patrimônio Histórico (IPHAN). Essa última instituição está diretamente ligada ao Ministério da Cultura e tem se

comprometido com a preservação do legado cultural do Brasil, bem como sua promoção e desenvolvimento no cenário social e econômico.

Em 1997, o IPHAN organizou o congresso denominado “Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção”, com a finalidade de criar orientações e ferramentas legais para defender e resguardar os bens culturais no Brasil, por meio da “Carta de Fortaleza”². Depois desse evento, houve o aumento do interesse por esse grupo, levando à formulação e validação do Decreto nº 3551, datado de 04 de agosto de 2000, que estabeleceu o Cadastro de Bens Culturais de Características Imateriais e iniciou o Projeto Nacional de Proteção do Patrimônio Imaterial (PNPI).

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) possui a intenção de sustentar e incentivar parceiros a colaborar com os órgãos governamentais nos âmbitos municipal, estadual e federal na área educacional, em organizações não governamentais, nas entidades privadas ligadas de maneira direta à cultura e à pesquisa, tornando viáveis projetos de identificação, reconhecimento, proteção e promoção do patrimônio cultural imaterial. A iniciativa acarretou alterações relevantes na compreensão de patrimônio cultural, auxiliando na elaboração de orientações que identificassem os bens culturais de origem imaterial no Brasil como ativos e não estáticos, devendo ser revistos e assegurados no decorrer do tempo. Ainda, viabilizou a recuperação dos indivíduos históricos desconhecidos que estiveram e estão ativamente envolvidos em diferentes manifestações culturais que simbolizam a multiplicidade cultural brasileira.

No ano de 2002, o país garantiu suas primeiras aprovações no IPHAN, com destaque para o “Ofício das Paneleiras de Goiabeiras” e a “Arte Kusiwa” (representação artística dos Wajãpi), que incentivou a “Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial”³, ocorrida em 2003, quando se formulou o documento mundial orientador da Unesco que engloba essa categoria de patrimônio. Por meio dele, os estados se tornam os zeladores desses elementos, devendo salvaguardá-los.

O trecho do Artigo 2º, parágrafo 1º da mencionada Convenção esclarece:

² Este documento recomendou ao IPHAN a realização do inventário desses bens em âmbito nacional, a integração das informações produzidas ao Sistema Nacional de Informações Culturais (SNIC) e a criação, pelo Ministério da Cultura, de um grupo de trabalho para desenvolver estudos e propor a edição de um instrumento legal dispendo sobre a criação do instituto jurídico denominado Registro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1584#:~:text=A%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20instrumento,produziu%20a%20Carta%20de%20Fortaleza>. Acesso em: 02 set. 2023. Carta de Fortaleza. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

³ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

Para os propósitos desta Convenção,

1. O 'patrimônio cultural imaterial' significa as práticas, representações, expressões, conhecimentos, habilidades – assim como os instrumentos, objetos, artefatos espaços culturais associados a eles - que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado por comunidades e grupos em resposta ao seu ambiente, sua interação com a natureza e sua história, e lhes fornece um senso de identidade e continuidade, promovendo assim o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana. Para os propósitos desta Convenção, será dada consideração somente ao patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes, assim como com requisitos de respeito mútuo entre comunidade, grupo e indivíduos, e de desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2003).⁴

O patrimônio se concretiza por meio dos laços entre os indivíduos de uma comunidade e pelas múltiplas expressões do pensamento conjunto em que se fortalecem a arte, os saberes, as celebrações religiosas, os princípios herdados dos ancestrais, os costumes transmitidos ao longo do tempo.

Dessa forma, o patrimônio se expressa tanto na cultura material quanto imaterial dos grupos sociais, levando em conta a construção de suas habitações e edificações, a maneira como falam, os relacionamentos interpessoais, como rezam, fazem sua alimentação, exaltam suas divindades, festejam seus conhecimentos e habilidades, bem como suas conquistas. O Patrimônio (material e imaterial) se firma como manifestação importante de uma comunidade e mantém-se enraizado na lembrança desse grupo. Sobre essa questão, Dias (2006, p. 67) argumenta:

O patrimônio cultural é considerado, atualmente, um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos conteúdos e de novos significados, os quais, provavelmente, deverão sofrer novas interpretações de acordo com novas realidades socioculturais.

Portanto, o patrimônio cultural se concretiza mediante edificação sociocultural, pela experiência consistente de um povo, de uma comunidade, de uma nação. A comunidade atribui aos artefatos, aos elementos uma validação simbólica e cultural, um valor coletivo de identidade. A conservação dos bens culturais evidencia a conexão entre os aspectos materiais e imateriais, uma vez que os dois formam um todo inseparável.

Os conhecimentos e práticas só se realizam a partir da sustentação em elementos físicos, os quais são vistos como meios de difusão de cultura e responsáveis por manter a ligação dos indivíduos sociais com um passado mediado pelo presente. É a partir desse elo estabelecido entre a sociedade e o seu legado cultural que se exige a preservação. E a Folia de Reis está entre essas manifestações, objeto de estudo desta dissertação.

⁴ Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/convention>. Acesso em: 13 nov. 2024.

1.2 Reflexões sobre o patrimônio natural e cultural no Brasil

O patrimônio natural é expresso pela lembrança do mundo natural. Igualmente, caracteriza-se como um elemento da memória humana, pois detém significados e valores para diferentes comunidades sociais, tornando-se um símbolo histórico e parte da lembrança coletiva (RODRIGUES, 2000).

Para Scifoni (2006) apresenta uma dualidade, já que não se limita às plantas nativas ou a ecossistemas minimamente modificados pela interferência humana. Ao inserir-se na lembrança coletiva abarca, essencialmente, paisagens que resultam de intervenções culturais em que a existência humana é criada e sustentada.

A partir dessa ótica, Pelegrini (2006) argumenta que a definição de patrimônio ambiental assume aspectos sociais, destaca a concretização das interpretações atribuídas ao longo da história e confere uma abordagem eficaz, uma interpretação que apoia a consciência do uso comum do meio ambiente e, acima de tudo, a responsabilidade coletiva pelo território.

No entanto, as medidas voltadas à salvaguarda dos patrimônios naturais brasileiros foram oficialmente abordadas, em princípio, via Decreto-Lei nº 25 de 1937. Contudo, a conservação dos bens naturais, por meio deste aparato legal, foi limitada naquele período aos aspectos belos das paisagens e, assim, à concepção de natureza enquanto símbolo. Isso aconteceu em virtude desse conceito ter emergido em meio às inquietações culturais da época. Dessa forma, a ideia de patrimônio natural estaria ligada à ideia de monumento e foi sustentada por meio de uma visão conservacionista da natureza. A proposta de patrimônios naturais é um fenômeno bastante recente. Contudo, suas raízes são mais antigas, sendo que ele surge da inquietação acerca dos monumentos, que inicialmente se manifestam como históricos e artísticos para, posteriormente, serem reconhecidos também como monumentos naturais (SCIFONI, 2006).

Logo, a proposta de bem ambiental como símbolo foi a essência nas origens das diretrizes governamentais de preservação da fauna e flora brasileira e, de igual modo, guiou os primeiros passos na implementação da Convenção do Patrimônio Mundial no Brasil. Esse entendimento liga-se ao conceito de “mito da natureza intocada”, e de acordo com Pelegrini (2006), identificava os locais naturais preservados como espaços a serem protegidos da influência/interferência humana.

Entretanto, para compreender a mudança na definição de patrimônio natural, segundo o que foi abordado, o qual provém do campo cultural, é necessário perceber a própria modificação do termo de patrimônio cultural que, por muito tempo, foi circunscrito aos bens

materiais e estruturais, ou seja, construções e obras artísticas. A expansão da ideia de legado cultural e a subsequente adição de itens ligados a um significado de valor não material, englobados nas manifestações de vida, práticas, sabedorias, ensinamentos e entendimentos sociais somente se concretizou mais tarde, em razão de diversas influências globais (SCIFONI, 2006).

Um aspecto fundamental nessa nova abordagem é encontrado no documento base do México, criado na Conferência Mundial acerca das Diretrizes Culturais, sob a direção do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos) em 1985⁵. Dessa forma, levando em conta que a conceituação de patrimônio natural surgiu no contexto das práticas culturais, as iniciativas voltadas à preservação dos ambientes naturais caminharam com base nas normas e metodologias implementadas para a proteção de monumentos, sob a ótica cultural (PELEGRINI, 2006).

Vale ressaltar que para Scifoni (2006) o entendimento sobre recursos naturais da mesma forma passou por uma nova interpretação, especialmente em função da incorporação da relevância dos ideais coletivos ligados às práticas de preservação da natureza. O conjunto de bens naturais avançou juntamente com a definição de bens culturais, especialmente ao quebrar a visão de que patrimônio se limitava a monumentos pedra, cimento e cal, consoante ressaltado anteriormente. Essa nova interpretação da ideia surge dos movimentos sociais alternativos da década de 80 como resposta à situação ambiental, a qual se tornou progressivamente mais perceptível a partir desse momento.

Irving *et al.* (2008) destaca que a crise ambiental é o alicerce da análise sobre a modernidade e tem gerado, por diferentes caminhos, a demanda por reconexão entre sociedade, meio ambiente e cultura. Seguindo essa lógica, as atividades humanas, na visão inicial de patrimônio natural eram vistas como uma perigosa interferência para a harmonia dos ecossistemas, são redesenhadas como potenciais, principalmente em estratégias públicas.

Claramente, essa modalidade de discussão impacta igualmente a estrutura da Organização das Nações Unidas e as estratégias de implementação que estavam em uso na época, como a Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO. Além disso, em decorrência do diálogo global motivado pela consciência crescente da crise ecológica e da urgência de reconectar a sociedade, a natureza e as expressões culturais, o entendimento sobre recursos naturais atualmente sustentado pela Convenção integra ainda elementos da ecologia política.

⁵ Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2024.

A visão global dos desafios enfrentados por um planeta em dificuldade tem influenciado reavaliar a inter-relação entre os seres humanos e a natureza e, por consequência, tem promovido a busca por soluções sustentáveis que visem reverter o cenário de degradação ambiental, o que se manifesta também nos debates a respeito dos bens patrimoniais. Assim, a visão conservacionista acerca do meio ambiente tem lentamente integrado um aspecto muito mais sofisticado que leva em conta a conexão inseparável entre o meio ambiente e a sociedade, o que é igualmente evidenciado na Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO (PELEGRINI, 2006).

O reconhecimento da categoria de patrimônio ambiental dentro do escopo da Convenção surgiu em 1977, Decreto nº 74 de 30 de junho, posteriormente confirmado pelo Decreto nº 80.978 de 12 de dezembro de 1977. Apesar de o Brasil ter se comprometido com a Convenção em 1977, foi apenas em 1980 que a nação iniciou seu primeiro procedimento para o reconhecimento de um bem cultural dentro deste tratado internacional: a Cidade Histórica de Ouro Preto (PELEGRINI, 2006).

À luz das contínuas mudanças oriundas da modernização, a proteção ambiental e a preservação das tradições culturais passaram a ter a importância de garantir a longevidade dos elementos característicos da nação: culturais e ambientais. Dessa forma, apenas nas últimas décadas do século anterior que a proteção desses bens começaram a ser percebidas como uma conduta construtiva e sensata.

1.3 A Folia de Reis em terras brasileiras: patrimônio cultural material e imaterial da nação

A celebração dos Santos Reis é uma expressão de natureza religiosa do catolicismo popular do Brasil com origens ibéricas, levando em conta as características locais e regionais. Durante a história do Brasil, esta manifestação religiosa foi muito comum em áreas menos afetadas pelo domínio colonial. Ela entrou em diálogo com as camadas mais humildes da sociedade e da hierarquia religiosa. Isso contribuiu para a sua difusão entre a população menos favorecida, rural e de cidades medianas. A prática está relacionada às festividades religiosas ligadas ao ciclo natalino. As origens da Folia de Reis no Brasil podem ser rastreadas até as tradições portuguesas e espanholas, trazidas pelos colonizadores durante o período colonial. Ela incorpora elementos de festivais cristãos e celebrações populares, mas ao longo do tempo, adquiriu características únicas e distintamente brasileiras (REIS, 2010).

A Folia de Reis é preferencialmente realizada durante o período que vai das festividades do Natal até o Dia de Reis, em 6 de janeiro⁶. Durante esse tempo, grupos de foliões, muitas vezes vestidos com trajes coloridos e acompanhados por instrumentos musicais, visitam casas e comunidades, representando a jornada dos Três Reis Magos em busca do Menino Jesus (REIS, 2010).

Os participantes da Folia de Reis são conhecidos como “foliões” ou “reisados”. Os “reis” representam os Três Reis Magos - Melchior, Baltazar e Gaspar - que, segundo a tradição cristã, seguiram a estrela para encontrar e presentear o Menino Jesus. Os foliões, ao saírem em cortejo, geralmente vestem trajes coloridos, muitas vezes característicos da cultura local, isto é, algumas folias usam trajes bem chamativos e outras, vestuários do dia a dia. Mas no dia da entrega da bandeira, todos apresentam-se uniformizados (BOIERAS; CATTANI; SÁ, 2006).

Carregam consigo instrumentos musicais como violas, tambores e pandeiros. Durante a celebração da Folia de Reis, o grupo visita casas e comunidades, realizando apresentações artísticas, cânticos e representações simbólicas da jornada dos Três Reis Magos. Os líderes do grupo, frequentemente chamados de “capitães” ou “mestres”, desempenham papel crucial na organização da Folia de Reis. O Capitão, muitas vezes caracterizado como “Capitão-Mor” ou “Capitão dos Santos”, lidera o cortejo e coordena as atividades do grupo (BOIERAS; CATTANI; SÁ, 2006).

Cada região do Brasil pode ter suas próprias variações e interpretações da Folia de Reis, com nuances específicas da cultura local sendo incorporadas à celebração. A tradição é uma expressão cultural rica que envolve música, dança, teatro popular e, muitas vezes, tem um significado religioso profundo para os participantes. E, ao longo dos anos, a Folia de Reis sofreu adaptações e assimilações culturais conforme se espalhou por diferentes regiões do Brasil. Cada localidade pode adicionar elementos específicos de sua cultura, resultando em uma rica diversidade de práticas relacionadas à Folia de Reis em todo o país. Não se trata apenas de uma expressão religiosa, mas também carrega consigo elementos de resistência cultural e social. Em muitas comunidades, ela desempenha importante papel na preservação das tradições, na coesão social e na resistência cultural contra mudanças externas (RIBEIRO, 2021).

⁶ É importante destacar que as Folias podem fazer o giro em um período diferente do habitual. Essas festividades ocasionais são conhecidas como “Folias temporonas”, por não estarem alinhadas com o calendário cristão.

A história da Folia de Reis muitas vezes é passada oralmente de geração em geração. No entanto, ao longo do tempo, folcloristas, antropólogos e pesquisadores têm se empenhado em documentar e estudar essa tradição para preservar sua riqueza cultural e histórica. Portanto, a Folia de Reis, em terras brasileiras, é um fenômeno cultural complexo e historicamente enraizado e continua a desempenhar significativo papel na preservação da identidade cultural e na expressão religiosa de muitas comunidades.

A Folia de Reis tem suas raízes na tradição trazida pelos povos colonizadores e missionários portugueses, onde já era uma tradição estabelecida e, ao longo do tempo, mesclou-se com as tradições locais e as influências das culturas indígenas e afro-brasileiras, adaptando-se às características específicas do território brasileiro. Assim ressaltam Barbosa e Filho (2022, p. 144):

A Igreja Católica foi a principal responsável por introduzir os festejos e a principal responsável pelas tentativas de supressão dos mesmos, ao perceber que o povo recriava e praticava uma vida religiosa sem a presença do clero. Tais costumes sobreviveram e se incorporaram na cultura popular. Os costumes saíram das igrejas e capelas e migraram para as comunidades, ruas, e lugares distantes do olhar do clero. E por isso, a cultura popular é responsável de manter vivas manifestações religiosas originadas na Idade Média, aprendidas por leigos e repassadas de pais para filhos. A tradição da Folia de Reis é presente principalmente no Sudeste e Centro-Oeste do país. Ela celebra a visita dos magos ao menino Jesus. Os Magos, definidos pela tradição como Reis, são considerados padroeiros do povo, apesar de não serem considerados oficialmente 'santos' pela Igreja Católica.

Nota-se, desse modo, que a manifestação religiosa foi ganhando contornos e estilos próprios oriundos das diversas localidades onde se firmou. Cabe destacar, que no estado de Goiás, a Folia de Reis se desenvolveu principalmente durante o período do ciclo do ouro, quando foi intenso o processo migratório para a extração do minério. Isso levou à difusão de costumes e tradições populares na região. De acordo com Pereira (2007, p.49):

[...] a Folia de Reis consegue reunir o povo como sujeito histórico que é capaz de interpretar, criar e recriar a sua própria cultura. Num tempo de erudição, de linguagem sofisticada que divide, separa e exclui, a Folia de Reis apresenta-se como uma possibilidade de participação efetiva no campo religioso. Mas não é uma participação qualquer. O ritual da Folia de Reis é capaz de transformar pessoas comuns em personagens centrais de uma das mais importantes histórias ocorridas no âmbito do cristianismo.

A prática da Folia de Reis é transmitida de geração em geração, mantendo suas características originais, mas também incorporando elementos da cultura goiana. Originalmente, a Folia de Reis acontecia nas fazendas e sítios rurais, onde os grupos faziam o “giro” de casa em casa entre o Natal e o Dia de Reis (PEREIRA, 2018). Brandão (1977, p. 22) ilustra que “Giro é o nome dado à jornada cumprida pela companhia. É o nome do trajeto

feito entre os pousos, quando a Folia cumpre a obrigação de passar de casa em casa, pedindo esmolos em nome de Santos Reis”.

Analisar o trajeto do giro é fundamental para os foliões, pois a narrativa salienta que não se pode cruzar o caminho já percorrido. Essa interpretação é baseada no texto bíblico de Mateus 2, no qual os Magos são instruídos por um anjo a mudar de direção, já que Herodes pretendia eliminá-los. Conforme Evangelho de Mateus, Capítulo 2 (1-12, p. 1446-1447)⁷:

1. E, tendo nascido Jesus em Belém de Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,
2. Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.
3. E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele. 4.E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo.
- 5.E eles lhe disseram: Em Belém de Judeia; porque assim está escrito pelo profeta:
6. E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá;porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo, Israel.
7. Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera.
8. E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes, participai-me, para que também eu vá e o adore.
9. E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino.
10. E, vendo eles a estrela, regozijaram-se muito com grande alegria.
11. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra.
12. E, sendo por divina revelação avisados num sonho para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.

Corroboram com essa vertente Pessoa e Félix (2007, p. 200):

A folia precisa sair à direita. Assim se entende a viagem dos Três Reis. O exercício consiste o seguinte: olhando da casa em que a folia está saindo para o centro da circunferência que se vai percorrer, formando o giro, as primeiras casas onde vai cantar precisam estar à direita da casa da saída. [...] Se isso não acontecer, todo o giro está sob o risco de enfrentar sérios problemas, como, por exemplo, os foliões enrouquecerem, os instrumentos não se afinarem ou, no limite, alguma doença grave impedir os foliões de seguirem em frente.

Na década de 1970, o estado de Goiás passou por uma onda migratória motivada pela modernização do setor agrícola que resultou no aumento da população nas cidades. As inovações mecânicas e os aportes em infraestrutura fizeram com que o Estado viesse a se tornar destaque no setor agropecuário. Por outro lado, os trabalhadores rurais foram forçados a deixar as áreas agrícolas devido à implementação desse processo de modernização (SILVA JÚNIOR; VALE; WANDER, 2016). Devido a essa intensa migração do campo para a cidade,

⁷ Disponível em: https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf. Acesso em: 3 set. 2023.

famílias devotas de Santos Reis levaram consigo essa tradição, que também passou a ocorrer no meio urbano.

Pessoa e Félix (2007, p. 229 - 231) a respeito da Folia explicam:

Em Goiânia, a Folia de Reis está presente desde a fundação da cidade em 1933. Em 2002 foi realizado o primeiro 'Encontro de Folia de Reis' na capital, promovido pela Secretaria de Cultura. Esse encontro anual reúne dezenas de grupos da capital e do interior goiano. Ao longo dos anos, estimulou a realização de encontros similares em outras cidades goianas também. Atualmente, o Encontro de Folia de Reis de Goiânia mantém viva essa tradição religiosa e folclórica, preservando a memória da cultura popular goiana. No Estado de Goiás, surgiu, em 2002, o Encontro de Foliás de Reis em Goiânia, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura e Comissão Goiana de Folclore, com a intenção de atrair os ternos de Folia da Capital. Mas imediatamente o encontro foi 'tomado' pelos grupos do interior. A primeira edição contou com 8 grupos, a segunda, com 13, a terceira, com 28. O encontro de Goiânia provocou uma reação significativa nas foliás do interior, tanto no que concerne à participação no referido encontro, quanto à criação do encontro em outras localidades. Em 2005, já houve o I Encontro no Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade. Itapuranga já realizou duas edições e Aparecida de Goiânia, o segundo município em população do Estado, também entrou nesse circuito, em 2006. Em geral, os encontros que estão surgindo no Estado de Goiás seguem o formato planejado em Goiânia: por se tratar de um encontro, em nenhum momento se estimula competição ou classificação em quesito; inicia-se com uma alvorada e a Missa dos Foliões, uma abertura oficial, e seguem-se as apresentações dos grupos por sorteio. O encontro se configura, então, como uma grande celebração, na qual os foliões de cada terno têm a oportunidade de conhecer como se configuram todos os outros.

A Folia de Reis, em seu movimento itinerante, segue um roteiro tradicional que envolve saída, giro, pouso e chegada. Cada um desses momentos é marcado por atividades específicas, rituais e celebrações. A saída marca o início da jornada da Folia de Reis. Os foliões, vestidos com trajes típicos e carregando instrumentos musicais, partem de um local previamente determinado, como uma igreja ou a casa de um devoto. Antes de começar a caminhada, muitas vezes realizam uma breve cerimônia de benção para garantir proteção durante a jornada (LOBO, 2017).

Durante o giro, os foliões percorrem as ruas das comunidades, visitando casas, praças e outros locais. Enquanto caminham, entoam cânticos e tocam músicas tradicionais que contam a história dos Três Reis Magos e celebram o nascimento de Jesus. O giro é um momento de devoção, encontro com a comunidade e propagação da mensagem religiosa. O pouso representa a parada da Folia de Reis em um determinado local, podendo ser a casa de um devoto ou um ponto de referência na comunidade. Nesse local, os foliões são recebidos pela comunidade e podem realizar apresentações artísticas como danças, músicas e representações teatrais exibindo passagens bíblicas. Os devotos costumam oferecer alimentos e bebidas aos foliões durante o pouso (LOBO, 2017).

A chegada marca o final da jornada da Folia de Reis. Após percorrerem a rota predeterminada, os foliões retornam ao ponto de origem, uma igreja ou o local de saída. A chegada é frequentemente celebrada com a participação da comunidade local e pode incluir atividades festivas, agradecimentos e, em alguns casos, uma cerimônia religiosa (LOBO, 2017).

É importante observar que os detalhes específicos podem variar de uma região para outra, pois a Folia de Reis é uma tradição rica e diversificada, enraizada nas particularidades culturais de cada comunidade brasileira. Cabe ressaltar também a rica simbologia que permeia os elementos da Folia de Reis e a Festa, incluindo: bandeira, as roupas, fitinhas, a igrejinha, a estrela, instrumentos musicais e coroas (PEREIRA, 2018).

A bandeira da Folia de Reis se configura peça chave e dotada de significados. Geralmente, é decorada com imagens dos Três Reis Magos e outros elementos religiosos, sendo conduzida pelos foliões durante as caminhadas e reverenciada como símbolo sagrado. Ela representa a devoção dos foliões aos Três Reis e a mensagem religiosa que estão compartilhando. As bandeiras da Folia de Reis podem variar de uma região para outra e sua confecção muitas vezes é uma responsabilidade designada a membros específicos da comunidade ou mesmo aos próprios foliões. Suas características, incluindo seu design, cores e elementos decorativos podem variar significativamente refletindo as particularidades culturais e tradições específicas de cada comunidade que pratica a Folia de Reis (PEREIRA, 2018).

Durante as procissões e apresentações da Folia de Reis, a bandeira é conduzida pelos foliões de maneira reverente. A pessoa encarregada de carregar a bandeira muitas vezes desempenha o papel central nas atividades, por isso a bandeira é tratada com respeito e devoção ao longo do percurso. Trata-se de um elemento rico em simbolismos. Ela geralmente contém imagens dos Três Reis Magos (Melchior, Gaspar e Baltazar), da estrela guia, da igrejinha e outros elementos religiosos. As cores e símbolos presentes na bandeira carregam significados religiosos e culturais específicos para a comunidade (PEREIRA, 2018).

As vestimentas dos foliões são tradicionais e possuem características distintas. Os trajes muitas vezes incluem túnicas coloridas, capas, coroas e outros adornos que remetem à realeza dos Três Reis Magos. Essas túnicas podem variar em cores, sendo comuns tons de vermelho, azul e branco. A escolha das cores pode ter significados específicos como representar virtudes, elementos religiosos ou características associadas aos Três Reis (ALVES, 2007).

Fitas coloridas e bordados são comumente usados para decorar as vestimentas e a bandeira. As fitas, muitas vezes, possuem cores simbólicas e podem ser entrelaçadas nos

trajes e costuradas na bandeira. Os bordados podem apresentar padrões tradicionais e representar elementos específicos da tradição local. Em algumas regiões, os foliões usam calçados tradicionais que complementam o traje. Esses calçados podem variar de acordo com a cultura local e a escolha deles muitas vezes reflete a atenção aos detalhes na vestimenta (CAMPOS; GERALDO, 2012).

A igreja, durante as apresentações, pode ser usada como um pequeno altar portátil, onde são colocadas imagens religiosas e velas. Esse elemento simboliza a peregrinação dos foliões em busca da celebração do nascimento do Salvador. Diversos instrumentos musicais são utilizados pelos foliões para acompanhar as canções e os cânticos. Alguns dos instrumentos comuns incluem violões, sanfonas, tambores, caixa, pandeiros, cavaquinho, dentre outros. A música desempenha papel essencial na Folia de Reis, transmitindo as mensagens religiosas e celebrando o nascimento de Jesus (PEREIRA, 2018).

Não há possibilidade de escolher um bem material sem explorar o contexto em que foi construído, do mesmo modo o bem imaterial não pode ser analisado sem levar em conta as práticas que viabilizaram seu surgimento e realização. Um está intrínseco no outro. A participação dos foliões está conectada com os instrumentos musicais que vão fornecer a harmonia essencial para a performance musical, a espiritualidade, sendo a religiosidade então destacada pela bandeira. É importante ressaltar que ao analisar a bandeira com o enfoque da materialidade, observa-se uma ilustração, uma pintura da cena dos Reis Magos visitando o Menino Jesus, colocada em um tecido quadrado, fixado em um cabo de madeira espessa, ilustrado na figura 1.

Figura 1 - A materialidade expressa pela bandeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

O casal representado na figura 1 são Vanderley Martins e sua esposa Neuza Fernandes, devotos de Santos Reis e festeiros do ano de 2024. Segundo informações verbais do casal, quando pegam a responsabilidade de serem festeiros, em primeiro lugar devem ter fé. Eles trabalham sério, com honestidade e tudo que ganham canalizam para a realização da festa. E acrescentam “se você andar direitinho com os Santos, parece que a comida até cresce. Você vê, a gente faz comida pra seis, sete mil pessoas, ainda sobra panela cheia de comida. E isso é incrível!”. Segundo as palavras de Vanderley, sua mãe era muito devota e sempre quis pegar a bandeira para realizar uma folia. No entanto, não conseguiu realizar seu sonho, pois faleceu. E ele realizou o sonho de sua mãe, sendo festeiro. Não foi o pagamento de uma promessa, mas a realização de um sonho.

É válido ressaltar que cada etapa de fabricação é feita à mão e a arte é elaborada por devotos ou até por artistas plásticos da região. Normalmente a bandeira é decorada pelo festeiro, com flores de plástico e laços de cetim. Quem a ornamenta, geralmente é quem está pagando a promessa. Por trás da materialidade da bandeira encontra-se outro aspecto representado, a imaterialidade, expressa pelo simbólico, a fé, a confiança, a devoção em Santos Reis.

Quando os foliões chegam às residências a bandeira é acolhida com beijos pelos devotos; logo em seguida realizam o sinal religioso (sinal da cruz), evidenciando respeito e devoção. Algumas pessoas ainda põem a bandeira sobre a cabeça, almejando uma proteção dos Santos e de acordo com Horta (2011, p. 35),

o estandarte, a Bandeira que carregam, é considerado pelo povo como a materialização da presença dos ‘Magos’, de Jesus Menino, da Virgem Maria e São José, por isso é recebida com muito entusiasmo e reverência pelos moradores. Algumas regras em torno da Bandeira são estritamente respeitadas pelos foliões e devotos.

Esta prática pode ser associada à condição que Bloch (1993) discutiu em seu livro *Os Reis Taumaturgos*, visto que a população percebia, nos monarcas da França e Inglaterra, a capacidade de cura. As pessoas que estavam com alguma doença acreditavam fielmente que poderiam ser curadas, caso o rei as tocassem. Conforme o autor “[...] considera-se que o fluido curativo seja capaz de transferir-se da régia mão para uma coisa que essa mão tocou. Em torno do núcleo primitivo formado pelo rito oficial, não podia deixar de pulular todo um folclore” (BLOCH, 1993, p. 93). Esta narrativa pode ser comparada à bandeira de Santos Reis, considerada por devotos como um símbolo de cura e proteção.

Outro objeto que manifesta a materialidade é a máscara do palhaço e a sua espada ou bastão. O elemento usado para criar a porção que recobre o rosto é pele de animais. Depois de

concluir a frente, ela é acoplada a um cone, ou chapéu, a fim de permitir o encaixe da cabeça. O chapéu pode ser feito de palha e o cone coberto de tecido. A espada ou bastão é feito de madeira.

Horta (2011, p. 37) adverte que “este objeto em particular, o bastão, ao representar uma espada, de acordo com informações dos próprios foliões, faz alusão à caracterização simbólica dos soldados de Herodes, na Folia representados pelos palhaços”. São muitas as narrativas que explicam a chegada desse personagem misterioso. Uma das mais corriqueiras é a que eram espiões de Herodes que seguiram os Magos para achar o Menino Jesus e eliminá-lo, mas ao encontrá-lo se converteram. Preocupados em serem mortos por Herodes, fantasiaram-se e saíram em viagem com os Três Reis. Eles iam à frente deles, agindo de maneira divertida e brincalhona, para que Herodes não percebesse que eram os soldados, figura 2.

Figura 2 - Folia Tradição da Pedra Lisa: O traje do palhaço



Fonte: Arquivo particular de Paulo Benedito da Silva (1990).

Conforme imagem da Folia Tradição da Pedra Lisa na década de 1990, em Quirinópolis, os foliões estão trajados com calça preta, camisa branca e colete azul, aparentemente uniformizados, exceto, o palhaço, com sua roupa de cores marcantes. Na atualidade as folias de Quirinópolis não têm a figura do palhaço, muitas vezes conhecido com bastião, pois geralmente quem representa-o, está pagando uma promessa e os votos neste sentido, deixaram de existir. Normalmente, as máscaras são confeccionadas ou modificadas

pelos próprios palhaços, variando em tamanho e formato e recebendo decoração. Horta (2011, p. 38) a esse respeito, ressalta:

[...] o palhaço passa por situações de constrangimento, como os desafios que lhe são impostos ao chegar num terreiro ornado ou, ainda, o antigo costume de ser preso em algum cômodo da casa até que o dono decidisse soltá-lo. São eles também os únicos a ficar para fora das casas enquanto os outros rezam e cantam lá dentro; a espera pode ser demorada, debaixo de sol ou de chuva. Sempre os últimos a se servir nas refeições, os palhaços assumem nitidamente uma posição marginal dentro da Companhia.

A figura do palhaço desempenha importante papel nos grupos, sendo o responsável pelo elemento lúdico. Trajado com roupas vibrantes, chapéu e uma máscara, vai à frente da companhia, solicitando a permissão do morador para que o grupo entre na casa. Possui habilidades artísticas adquiridas por meio da tradição oral, desperta medo nas crianças e risos nos adultos. De acordo com Brandão (2004, p. 248) “o palhaço é um personagem da folia. Ele acompanha a jornada da companhia e é um dos seus membros”.

O altar, o presépio e o trio de arcos possuem significados profundos, simbólicos, mas ao mesmo tempo expressam a materialidade da Folia. São objetos que estabelecem relações equilibradas entre si, operando como elementos materiais que transmitem poder. A estrela é um objeto que fica localizado no altar sobre o presépio. Representa o astro-condutor que guiou os Reis Magos ao menino Jesus na manjedoura. Geralmente, o capitão canta versos sobre essa passagem bíblica, conforme mostrado nas figuras 3 e 4.

Figuras 3 e 4 - O trio de arcos e o altar: entrega das bandeiras “Lá no Vaca”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Os arcos geralmente são feitos com galhos, folhas de palmeiras e algumas flores artificiais e tem-se a obrigação de, no dia da entrega, os foliões pararem em cada um e realizarem uma cantoria específica direcionada para cada um deles. Após passarem pelos arcos, chegam ao altar. Em frente a ele é realizado o terço de entrega, as cantorias do nascimento e logo depois é feita a passagem das coroas para os próximos festeiros. Esse trio de arco e o altar são da entrega da bandeira em 2023, realizada “Lá no Vaca”, em que a Folia capitaneada pelo senhor Paulo apresentou-se primeiro e, após a conclusão de seus rituais, a Folia capitaneada pelo senhor Batista adentrou no recinto saudando os arcos, percorrendo a passarela até chegar ao altar e finalizar sua apresentação, cumprindo os ritos.

A Folia de Santos Reis é um exemplo da tradição oral pois, por meio dos versos, repentes espontâneos consegue se disseminar entre os foliões, sendo compartilhada sem formalidades entre os indivíduos das comunidades em que estão inseridas. A imaterialidade também pode ser percebida por meio dos instrumentos musicais. Além disso:

É através da comunicação e dos exemplos dos mais velhos, que novos saberes e identidades vão sendo construídos. A folia de reis é um grande exemplo de aprendizagem cultural, já que, a partir do momento em que a pessoa começa a fazer parte do grupo, é construído um laço de aprendizagem, amor e afetividade entre seus integrantes (PESSOA; SILVA, 2021, p.101-102).

A proteção do patrimônio imaterial está relacionada à transmissão do saber de gerações mais antigas para as mais nova e o instrumento jurídico que consegue salvaguardar esses bens é o registro.

1.4 A correlação entre a prática votiva e os ex-votos: o princípio sentimental da troca

O ser humano sente vontade de se expressar, procura maneiras de solucionar o que ele sozinho não consegue, nutre o desejo de manifestar suas conquistas, alegrias, dissabores, convicções, sua própria cultura e fé. Assim, segundo Menezes (2004, p. 236) “muitas vezes, é a partir do que o devoto é, ou do que ele gostaria de ser, ou do que o santo foi, ou do tipo de característica que até hoje lhe é atribuída que se instaura uma relação de devoção”.

A prática votiva⁸ no Brasil, desde a colonização, revelou-se cheia de diferentes influências. Tal fenômeno resultou da convivência de culturas diversas: portuguesas, povos

⁸ Com base em Frota (1981) considera-se que a prática votiva é um juramento, um voto, um compromisso firmado com os Santos, ou seja, a solicitação da assistência dos Santos para solucionar dificuldades e a garantia de retribuição caso o pedido seja atendido. O voto é a realização do compromisso. Os ex-votos são as atitudes que foram praticadas.

nativos e pessoas de ascendência africana, dentre outras. Houve, assim, a abertura para o sincretismo⁹, na medida em que não se reteve a religiosidade como nas localidades de origem, todavia, assimilou novos aspectos. Várias danças tradicionais compunham os rituais africanos, vistos como profanos pela igreja (COSTA, 1998).

O domínio do colonizador católico sobre os povos subjugados teve eco em manifestações sincréticas como a devoção a diversos santos, geralmente europeus que conquistaram na colônia uma nova identidade visual de afrodescendentes. As atividades dos cativos eram controladas e os costumes, os rituais africanos permaneciam na variedade de encontros e desencontros de identidades. Essa conexão transforma o cenário das tradições católicas comuns na Europa, com a diversidade de ritos e crenças religiosas das etnias presentes no Brasil (COSTA, 1998).

Em relação ao povo goiano, as suas manifestações populares de fé fazem uma conexão entre o devoto e o santo. A prática votiva dos agrupamentos sociais em suas práticas religiosas são parte de um processo na trajetória dos grupos sertanejos que praticam o catolicismo popular. Damatta (1987, p. 111) reverbera:

[...] a promessa é um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado. Se eu, assim, peço uma graça e, logo em seguida me sacrifico com a oferta de algo precioso para o santo (ou santa) de minha devoção, a lógica social faz com que ele (ou ela) também se obriga a resolver meu problema, atendendo cortesmente a minha súplica.

Luís da Câmara Cascudo escreveu extensivamente sobre tradições populares, folclore e cultura brasileira e uma de suas obras mais conhecidas e influentes é *Dicionário do Folclore Brasileiro*, publicado pela primeira vez em 1954. Nessa obra, aborda uma ampla gama de temas relacionados ao folclore brasileiro incluindo mitos, lendas, festas populares, rituais e diversas tradições culturais. Em seus mais variados verbetes, tem-se o seguinte: “o milagre é a representação do órgão ou parte do corpo humano curado pela intervenção divina e oferecido ao santuário em testemunho material de gratidão” (CASCUDO, 1954, p. 577).

A prática votiva vem desde as épocas mais remotas e na contemporaneidade encontra-se presente. Tal maneira de o ser humano estabelecer contato, relacionar-se e interagir com o sobrenatural é uma prática vista em todos os tempos e civilizações, pois “o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção, como a

⁹ Sua relevância no Brasil é grande, dada a profunda sensibilidade religiosa do povo e a efervescência de expressões religiosas existentes, de distinta procedência, da África, dos indígenas, dos caboclos, do cristianismo colonial-medieval, reformado e modernizado, das várias congregações cristãs. Aqui o catolicismo pode, ao encarnar-se e abrir-se a esta riqueza religiosa, criar um rosto novo (BOFF, 1994, p. 161).

exige; não apenas induz à aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional” (GEERTZ, 2008, p. 92).

Nesse sentido, o santo exerce a função de companheiro, aquele que conforta, orienta, resguarda e em quem o devoto pode confiar em todos os instantes. A devoção é uma interação, uma ligação forte e, dessa forma, surge tanto para estabelecer o contato com o santo, assim como para celebrar o resultado da graça alcançada.

A fé pode ser vista tanto como ponto de partida da relação santo-devoto, mas também como seu ponto de chegada. — Pedir com fé indica que a condição maior para receber uma graça do santo é acreditar nele. Portanto, essa expressão estabelece uma relação entre fé e eficácia, com o sentido de — recebi porque acredito! Já a fé como ponto de chegada: — Acredito por que recebi, ou alguém recebeu. Uma vai da crença no santo à graça que ele pode conceder, a outra parte da graça já concedida para chegar à crença nele. A devoção a um santo aparece assim associada a seu poder de realização (MENEZES, 2004, p. 242).

O milagre estabelece uma comunhão religiosa que estabelece vínculos. É como se fosse uma cumplicidade espiritual que sustenta uma conexão divina a qual une a tradição e o contemporâneo em uma única celebração.

As folias também contribuem para disseminar e aclimatar o catolicismo, criando momentos de reafirmação da fé, conagração coletiva e quebra da rotina. Na maioria das vezes é a promessa que move muitos devotos a deixarem suas casas e adentrarem outras como divulgadores da chegada de um Deus Menino que renasce a cada ano nas lapinhas dos moradores (BRITTO, 2015, p.178).

Oliveira (1985, p. 133) explica que “os vínculos de devoção demonstram trocas sociais e simbólicas em que o sujeito se legitima por meio do sagrado, sem intermediários religiosos, construindo uma relação direta entre o devoto e o santo”. Corroborando com esta narrativa Aquino (2011, p. 42) afirma:

O santo está ao alcance imediato do fiel: na imagem, na estampa, nos santuários, num cruzeiro à beira da estrada, numa gruta, ou nos arredores do cemitério. O fiel não precisa recorrer a um mediador especializado para contactar o santo; vai diretamente a ele, conversa com ele, expõe seus problemas, agradece as graças, ou simplesmente presta seu ato de culto.

Na história brasileira, para resgatar a essência da prática ex-votiva Figueiredo (2011, p. 39) explica que “precisamos recordar que a religião em Portugal sempre foi uma mistura de elementos advindos de diferentes culturas, como a romana e a muçulmana, entre outras”. Assim, os objetos de devoção podem ser vistos como um ponto de convergência entre as diferentes culturas e heranças geracionais que se mesclam. Trata-se, segundo Figueiredo (2011, p.39), de uma

forma de manifestação e de comunicação com o divino chegou aos dias de hoje, deve ser observada com extrema atenção, pois fala mais de seu tempo do que podemos imaginar ao passar os olhos nos pedidos e agradecimentos das salas de ex-votos de nosso país.

O hábito ex-votivo se evidencia nos diferentes segmentos da sociedade e está vinculado à devoção do povo. E, em conformidade com Parker (1996), as expressões populares de religiosidade são formas de manifestar de modo singular as angústias, as esperanças e os desejos que não encontram uma solução na religião oficial.

O ex-voto é algo íntimo do ser humano. Representa a sua singularidade e espontaneidade e está conectado com esse contexto religioso da comunidade e é próprio de cada um. É a obediência, a submissão em cumprir com o prometido para com o santo, sendo assim “o ex-voto é sem dúvida o que materializa a confissão mais direta, não só por ser a menos estereotipada como também por ser a menos sofisticada; em outras palavras, é a mais sincera” (VOVELLE, 1987, p. 116). E Scarano (2004, p. 31) complementa ao afirmar que,

[...] romarias e ex-votos modificados ainda ocupam parte significativa da religiosidade, sobretudo entre a população mais carente embora não sejam estes apenas interessados em pedidos e promessas. As romarias, ao comemorar as festas dos santos, constituem o momento de obter graças, pagar promessas, agradecer ao benefício recebido.

Observa-se que inúmeras pessoas começam uma relação de fé com um determinado santo por acreditarem nele; outras devido terem sido abençoadas ou conhecido alguém que tenha sido abençoado e, por isso, passam a dedicar-lhe fé. Realizar a Folia e a festa é honrar um pedido feito; trata-se de uma atitude indispensável para saldar a promessa estipulada entre o devoto e os Santos Reis. O hábito das festas adquire o aspecto de um relevante compromisso com o sagrado. Logo, percebe-se que um dos aspectos mantenedores da tradição é o “milagre feito pelos Santos”, uma vez que se refere a uma interação com sua devoção que abrange bênçãos e maravilhas consoante demonstrado no diagrama 1.

Diagrama 1 - O extraordinário como mantenedor da tradição



Portanto, a narrativa do extraordinário, aqui descrito como o milagre, interliga as várias facetas da fé: devoção, compromisso com o Santo, prática votiva e os ex-votos. A experiência com o extraordinário é, em boa medida, a razão pela qual a devoção aos Santos Reis permanece ativa, ou seja, o ex-voto é a chave para entender a rememoração da tradição da folia de reis atualmente.

Se a manifestação de devoção serve como um jeito de estreitar laços entre o fiel e seus santos de proteção de forma não palpável e simbólica, o símbolo de gratidão se converte na interligação material imediata entre esses dois extremos, o que é humano e o que representa o sagrado.

A prática de ex-voto é uma forma de devoção amplamente utilizada por diversas comunidades, simbolizando, por meio de uma linguagem simbólica, os agradecimentos aos santos por pedidos atendidos. Essa linguagem estabelecida com os santos pode ser representada de várias maneiras, seja valendo-se de símbolos, cânticos, ofertas, dramatização de uma cena ou linguagens desenvolvidas em conjunto, compreendidos por cada fiel de acordo com a visão de seu tempo, gerando uma reflexão em grupo sobre a crença no desejo de um milagre junto à manifestação da espiritualidade do praticante.

O pagamento da promessa é uma expressão votiva, ligada a um espaço de fé e a uma devoção específica, porém, igualmente, relaciona-se com conjuntos de crenças compartilhadas por uma coletividade. Em um sentido amplo, nota-se que o compromisso é reconhecido como o instante do apelo realizado pelo devoto aos seus santos intercessores, da mesma forma que a retribuição traduz-se na oferta em ovação, constituindo assim uma atividade de fiel agradecimento.

1.5 Memória e identidade: conexões para se compreender a religiosidade popular

Os conceitos de memória e identidade vêm sendo abordados com mais frequência desde o século XX, impactando significativamente as pesquisas nas áreas de ciências sociais e outros campos do saber. Quando se mergulha no território das identidades, os fatores associados à memória se fazem presentes, uma vez que têm o potencial de capturar e conservar as vivências humanas através da comunicação interpessoal.

Um dos principais representantes dos estudos do conceito de memória é Maurice Halbwachs (1857-1945), com a obra *A memória coletiva*. Nesse trabalho reconhece a presença da memória individual e coletiva, defende que uma não elimina a outra, mas se

completam. Interessante a citação que ilustra de modo lírico a visão do autor: “Nós não percebemos que não somos senão um eco” (1990, p. 47). Segundo ele, o sujeito que recorda está sempre envolvido e habitado por conjuntos de referência. Portanto, a memória é construída em conjunto, ainda que seja uma tarefa do indivíduo.

Para Halbwachs (1990, p. 26), mesmo diante de eventos vividos exclusivamente por nós, as recordações sempre serão compartilhadas porque na realidade nunca estamos sozinhos. “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. O teórico enfatiza que toda memória individual é afetada pela memória coletiva, cuja perspectiva se altera conforme a posição ocupada pelo indivíduo e essa posição também se transforma, considerando a interação estabelecida com outros contextos. A memória é um fundamento para a identidade e os dois termos estão intimamente conectados em torno da noção de um sujeito coletivo.

De acordo com Casadei (2010, p. 154) esse teórico “não só foi o primeiro estudioso a cunhar o termo ‘memória coletiva’, como também foi o primeiro a pensar em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, dominante nas pesquisas até então”.

Halbwachs (1990, p. 52) adverte que “não estamos habituados a falar da memória de um grupo. Mesmo por metáfora. Parece que uma tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou um cérebro individual”. Há uma ligação inerente entre a memória individual e a coletiva, considerando que não será viável para o indivíduo lembrar de memórias de um grupo com o qual suas memórias não se reconhecem. Fica claro que pensar, analisar a memória em grupo é estimular sua correlação com o passado, logo, com a tradição. Nossa memória não se preserva por meio dos grandes acontecimentos da história, mas sim nas histórias vividas. A memória individual não tem força suficiente para preservar um evento, a não ser que seja amparada pela memória histórica, aquela que deixa de ser pessoal para se tornar uma convicção grupal.

Para Halbwachs (1990, p. 54) todo indivíduo, ao recordar seu passado, sente a urgência de recorrer às memórias alheias: recorre, assim, a pontos de apoio que estão além dele e são estabelecidos pela comunidade. Explica ainda que “a memória individual não é possível sem as palavras e as ideias: ferramenta esta que o indivíduo não inventou, mas sim que emprestou de seu meio”. Justamente por isso o homem se conecta a parâmetros estabelecidos externamente a ele, determinados pela coletividade. Há uma conexão entre identidade e memória que deve influenciar na construção das identidades culturais.

Maurice Halbwachs propôs a ideia de 'memória coletiva'. No entanto, Michael Pollack, sociólogo e austríaco por nascimento, propôs que o termo fosse melhor delimitado como “enquadramento da memória”.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 8).

Em seu artigo *Lembrança, esquecimento e silêncio, de 1989*, o pesquisador analisa a ligação entre memória e identificação social e traz valiosas colaborações para a história oral. Já em seu trabalho intitulado *Memória e identidade social: Estudos históricos*, (1992) o estudioso explica que a memória é um fenômeno elaborado, especialmente quando se trata de uma memória nacional e estruturada com propósitos sociopolíticos determinados. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (p. 203). Mesmo no campo pessoal, a memória faz suas escolhas, quer dizer, o que ela retém, reprime, exclui, recorda, é claramente o desfecho de um autêntico trabalho de estruturação.

Essa estruturação pode ser intencional ou não intencional. Não obstante, enfatizou os componentes que compõem a memória individual e coletiva, os quais são, em primeiro lugar, os eventos vivenciados de forma indireta, ou seja, aqueles que foram vividos pelo grupo ou pela coletividade aos quais a pessoa se identifica. Ainda, de acordo com o teórico, é plenamente viável, seja pela politização social ou pela contextualização histórica, que ocorra um fato importante ou de conexão com um passado particular e seja tão marcante ao ponto de ser considerado memória, de fato, propagada. Assim sendo, a memória é algo elaborado, produzido.

A memória não diz respeito apenas à busca por registros do que já ocorreu, mas inclui também o exercício de reviver essas lembranças. Nesse sentido, observa-se a conexão entre a identidade e a memória, as quais se encontram na construção de várias esferas de significado na existência das pessoas em diferentes grupos étnicos e instituições. O relevante aporte do pensamento do estudioso para este estudo é a relação estabelecida entre memória e identidade.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.5).

Berger e Luckmann (2003) pontuam que a identidade é um acontecimento que deriva da lógica entre pessoa e comunidade. Num sentido mais específico: a parcela comunitária da individualidade é normalmente chamada de identidade.

Nessa perspectiva sociológica, segundo Stuart Hall (1999), a formação identitária decorre da interação entre o sujeito e a sociedade, mediante a interação do indivíduo com o mundo que o rodeia. Ao serem as identidades atribuídas ou conquistadas, é da conexão entre os espaços público e privado que elas emergem, como desfecho das etapas de socialização ou convívio do indivíduo com a sociedade em que está envolvido.

A noção de identidade fundamentada no referencial do sujeito e da individualidade na era pós-moderna não nega inteiramente a perspectiva sociológica de que a identidade pode ser moldada pela dinâmica interativa entre o indivíduo e a sociedade. Desta forma, para Hall (1999, p.13):

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado... Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Quando a identidade é originada pela maneira como os sujeitos se posicionam frente ao seu ambiente e suas vivências sociais habituais e culturais, abrangendo uma multiplicidade de criações e apropriações simbólicas em constante evolução, renovação e alteração, pode-se afirmar que a identidade é construída em uma ligação direta com a cultura. Essa proposição sugere que a apropriação de elementos simbólicos e culturais, como exemplificado pela literatura, desempenha um papel na criação de significado, sendo também um recurso benéfico na construção de identidades.

Neste sentido, a religiosidade popular é geralmente “um reflexo da ação das pessoas. Está circunscrita no cotidiano, na repetição, nas permanências e singularidades” (PASSOS, 2002, p.176). Suas múltiplas formas, suas variantes regionais e históricas podem ser consideradas expressões das vidas de seus praticantes e de seus grupos. Por isso a fé popular não deve ser equiparada a meros conjuntos histórico-culturais (PASSOS, 2002).

Apesar de, muitas vezes, tradições antigas funcionarem como inspiração para sua renovação este aspecto não nega o relevante papel inovador dos adeptos dessas mudanças religiosas que, por meio dos rituais, aproximam a religiosidade de suas atividades diárias. O efeito predominante da intervenção das pessoas nessas manifestações religiosas é a criação de

marcas contemporâneas, quer dizer, marcas advindas do contexto histórico de seus seguidores. Além do mencionado, a religiosidade popular pode ser interpretada como uma forma de expressar emoções e sentimentos que frequentemente não são ditos; como uma maneira de defender valores, aspirações e ideais de um povo (CERTEAU, 1996; PASSOS, 2002).

As manifestações populares de fé têm origens antigas, mas necessitam ser vistas segundo a contemporaneidade e não como marcas do passado. Conseqüentemente, a Folia de Reis, tradição cultural e religiosa, deve ser percebida em suas diversas formas, pois elas passam por transformações e adaptações ao longo do tempo. Dessa forma, a religiosidade popular possibilita ao “homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado” (PASSOS, 2002, p.189).

É a partir das diversas manifestações que o povo conquista seu espaço, organiza e o recria. Sob muitos aspectos, é um meio de fazer valer seus valores, seus desejos e utopias. A religiosidade popular, “com suas diversas formas de expressão festiva”, é uma promessa de comunidade, uma importante ligação para os membros de um grupo (PASSOS, 2002, p.190).

Em meio aos grupos é que se honra e se quita compromissos, com o conhecimento das condições estabelecidas e a colaboração dos familiares, vizinhos, amigos, simpatizantes, nas rezas e jantares oferecidos em gratidão aos santos benfeitores. "Com os elementos da fé não se tem como ter um controle pleno, além disso, eles exigem que se tome posição, não sendo possível ficar inerte frente às situações que a vida impõe" (SANCHES, 2010, p. 155).

Logo, os rituais que fazem parte da religiosidade popular estão, majoritariamente, direcionados para a construção de vínculos comunitários, seja por meio da doação por indivíduos de refeições para a comunidade ou no esforço coletivo com o propósito de homenagear os santos protetores dos grupos.

Wesley Lima de Andrade, em sua dissertação *Catolicismo Popular: Práticas e Apropriações em Quirinópolis de 1943 a 1997*, retrata as práticas religiosas populares de Quirinópolis como as novenas, as benzeções, bem como a devoção a São José; levando em consideração as representações culturais e sociais existentes nelas, além das possibilidades de relações intrínsecas de poder. Ainda analisa as alterações realizadas nessas práticas, buscando entendê-las em um cenário de “transformação” cultural. Andrade (2012, p. 41) ressalta “sabemos que a forma mais frequente de analisar um povo é pela sua expressão religiosa”.

Nesse sentido, o presente trabalho não traz a religiosidade como forma de poder, mas sim dentro de uma vertente em que as crenças, acompanhadas de suas práticas, rituais, tradições e demais elementos que as caracterizam, fazem parte do tecido cultural de uma

sociedade e possuem importância fundamental na construção de visões de mundo e na instituição de símbolos que moldam a forma como a comunidade interage e estabelece seus espaços.

Infere-se que a memória guarda o passado, mas a partir do método presente. A tradição traz consigo a história de um povo e é transmitida a cada geração e com perspectivas no futuro. A manutenção da tradição e da memória de uma população só é possível mediante laços identitários. Hall (1999, p. 11-12) sobre o senso de pertencimento, destaca:

A identidade nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

A essência do indivíduo, ou seja, sua identidade e as práticas sociais se entrelaçam para estabelecer o processo de construção de uma identidade cultural, dado que as influências culturais impactam, moldam o ser humano na formação de sua própria individualidade.

Kupper (2002), com base nas diretrizes culturais, explica que as visões sobre a identidade cultural assumem uma nova forma, em que as particularidades de vários grupos são sinal de reconhecimento, além de que a identidade se torna uma escolha, apesar de haver uma convicção implícita e da mesma forma que um grupo tem uma identidade que será revelada a pessoa também carrega uma identidade fundamental ligada a alguma tradição cultural, conseqüentemente, a pessoa mantém sua identidade singular, mas também aquela originada de uma comunidade da qual faz parte.

O sujeito se posiciona como protagonista de sua jornada de autoconhecimento, uma vez que é impactado pelo ambiente em que reside, pelas oportunidades que lhe são disponibilizadas, tais como trabalho, família, escola, universidade, diferentes formas de interação social, decidindo assim quais elementos de sua cultura, pertencentes a grupos, ela deseja abraçar, defender e explorar (KUPPER, 2002).

Cabe informar que a Folia de Reis é compreendida de várias formas e suas práticas rituais possibilitam que ela se torne um elemento de permanência, uma 'tradição' daquilo que é percebido como cultura. A Folia de Reis se apresenta como referência da essência cultural de sua comunidade; é uma particularidade impactada por "indivíduos, grupos sociais e sociedades que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço" (CASTELLS, 1999, p. 23).

A percepção das festividades populares como identidade é um assunto enfatizado por estudiosos como Pessoa e Vianês (1993) que defendem - mesmo que a globalização ganhe forças bombásticas, as Folias, os Terços, as Congadas, terão seu funcionamento preservado, uma vez que contribuem para a formação da identidade de uma coletividade, pois possuem sua atuação social ativa. No caso da Folia de Reis o engajamento de inúmeras pessoas, individual e coletivamente, durante as distintas etapas do giro e da Festa, resulta na formação de um senso de identificação com a herança cultural.

O estudo da religiosidade é um processo significativo porque, de um lado, viabiliza reconhecer a essência e a tendência elementar da cultura contemporânea e, ainda, minimiza as interpretações preconceituosas ou simplistas. Ao investigar a religiosidade popular para entender sua profundidade é surpreendente perceber que não se refere a credices ou algo relacionado à magia, pelo contrário, é extremamente encantador entender um grupo representativo que tem na sua história itens culturais e simbólicos que expressam uma intensa sensação de elo e pertencimento.

A religiosidade expressa pelos rituais da Folia de Reis é interpretada de várias formas e seus conhecimentos a transformam em um elemento de permanência. A identidade se apresenta não mais como um componente interno que ocupa o espaço a ele atribuído, mas como patrimônio que pode ser apropriado por aqueles que têm consigo sua identidade no contexto simbólico das Folias.

CAPÍTULO 2: QUIRINÓPOLIS NO TEMPO E ESPAÇO HISTÓRICO – GEOGRÁFICO: O RURAL E O URBANO

Este capítulo reserva-se a refletir sobre o avanço econômico e a estrutura política de Quirinópolis, Estado de Goiás, no dia a dia das pessoas. Busca-se compreender a valiosa perspectiva das origens, a evolução e o progresso de uma cidade que nasceu de um pequeno vilarejo no final do século XIX, quando a economia ainda se firmava e as paisagens naturais eram transformadas em ambientes modificados pela intervenção humana.

Durante o período em que uma grande quantidade de mineiros e paulistas mudaram e se fixaram na região, ocupando e demarcando localidades, principalmente com base na posse de terras até então pouco ocupadas, edificando propriedades e pequenos povoados ligados à produção agrícola e à criação extensiva de gado que frequentemente contava com esforço familiar. Essa dinâmica, no decorrer do século XX, foi ampliada conforme os sistemas de comunicação e transporte se aprimoraram interligando de maneira mais coesa Goiás à Região Sudeste.

Em Quirinópolis, ocorreram mudanças relevantes quando a vegetação nativa cedeu lugar a monoculturas e o tamanho das fazendas foi definido de acordo com o tipo de produção, unindo a agricultura familiar ao agronegócio, portanto, criando uma nova organização fundiária que revela um padrão ainda mais acentuado em relação às vastas propriedades.

Também são elencadas as interações culturais e sociais, de maneira que, ao mostrar o urbano e o rural, isto é, as propriedades dos recursos naturais e as atitudes humanas, são ilustrados os ambientes até abordá-los sob as características da Comunidade Pedra Lisa, onde nasceu a Folia de Santos Reis.

A tradição dessa festa está integrada a um conjunto de ações culturais que fazem parte da cultura popular do Brasil e de Goiás. Ela demonstra conhecimentos e práticas coletivas, foca na afetividade entre os envolvidos e fomenta companheirismo. A realização das celebrações em Quirinópolis, preserva a memória comum e cultural, tanto dos foliões quanto de todos os participantes que homenageiam os Três Reis Santos.

2.1 Breve consideração a respeito do povoamento do Sudoeste Goiano

A compreensão acerca da configuração regional de Goiás após a crise da atividade mineradora colonial inicia-se pela concordância dos estudiosos a respeito do estado. Eles são unânimes ao afirmar que a extração mineral, a agricultura e a pecuária formaram uma base socioeconômica intrincada e interligada no Estado, embora sob a liderança da mineração. Frente à crise da exploração mineral, já no final do século XVIII, a atividade rural se torna dominante e, assim, influencia a estruturação territorial de Goiás a partir desse momento. Teixeira Neto (1982, p. 148) relata:

Enquanto aqui existiu o ouro, Goiás pôde se aguentar sozinho, mas após o esgotamento das minas a Capitania só foi se recuperar do estado de letargia coletiva em que se encontrava a população com a ‘descoberta’ da vocação agropecuária da Capitania nas primeiras décadas do século XIX.

Para Estevam (1997) a origem da agropecuária goiana se relaciona ao período de domínio da atividade mineradora, a qual desempenhava um papel coadjuvante, servindo apenas como auxílio para fornecer à mineração itens agrícolas e da pecuária. A fase após a mineração se transformou em um momento de readequação nos moldes socioeconômicos. Esse cenário resultou em mudanças na configuração agrária, nas dinâmicas de produção em virtude da troca predominante do setor de produção do metal nobre pela agropecuária. Segundo a análise, não houve uma mudança repentina nesse processo, vez que a troca foi feita aos poucos, mas a produção rural, ou seja, a atividade agrícola e pecuária foram vistas como oportunidade para resolver a crise da mineração.

Estevam (1997) pontua que, em Goiás, à medida que a mineração perdia força, a agropecuária se desenvolvia. Corroborando com essa afirmativa Teixeira Neto (1982, p. 153) explana na medida que “a mineração foi um fator de urbanização por excelência, a agropecuária foi o principal elemento de mobilidade populacional”. Essa informação evidencia a importância da agropecuária na sustentação da economia de Goiás, pós-mineração, ajudando na configuração territorial.

A nova situação, em virtude da diminuição do interesse da coroa portuguesa, resultou em uma estrutura para Goiás que se formou internamente. Essa realidade se opunha ao período da exploração do ouro, em que o controle colonial organizava o espaço segundo os desejos dos portugueses. Elemento importante na configuração do território goiano devido à extração mineral durante a colonização foram as rotas que conectavam os pontos de extração ao Sudeste do País. Esses caminhos propiciaram o aparecimento de vilarejos, pousos e pequenos núcleos populacionais (TEIXEIRA NETO, 1982).

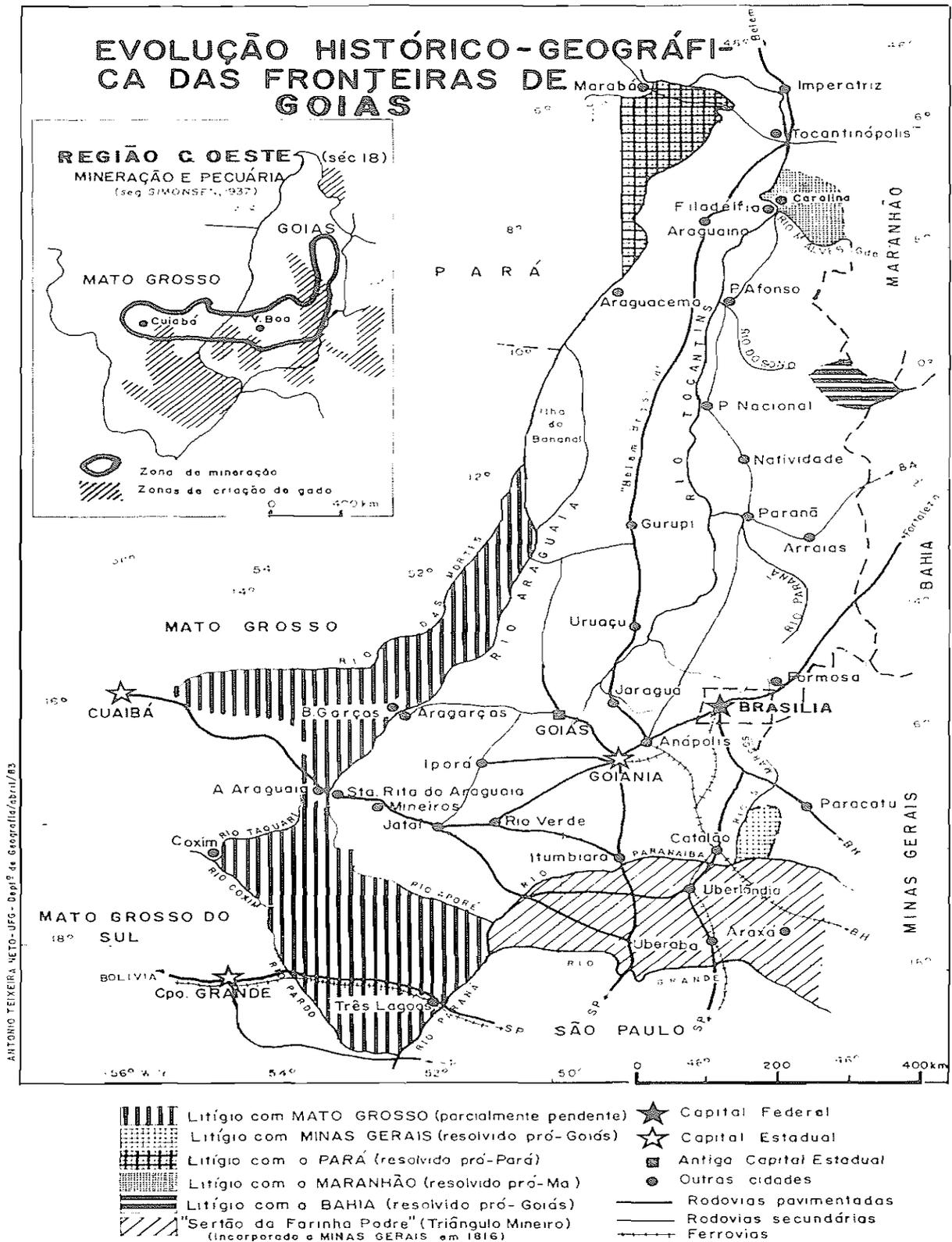
Teixeira Neto (1982) explana que durante o século XVIII, foram estabelecidos vários pontos de monitoramento e registro para regular o tráfico de mercadorias e indivíduos na Capitania: escravos, mercadorias, suprimentos, rebanhos, metais preciosos como o ouro e taxas não poderiam ficar fora da supervisão do governo. Nesses lugares-chave, essas barreiras davam suporte ao domínio e à posse das terras enquanto validavam a ocupação das propriedades: na região da Farinha Podre (conhecida hoje como Triângulo Mineiro), na divisa leste com Minas, Bahia e Maranhão, às margens do Araguaia na divisa com Mato Grosso, no setor norte na região de São José das Duas Barras do Araguaia, lugares conhecidos como Duro e Boa Veja e na região sul no Desemboque, Santa Maria, Rio das Velhas e Arrependidos. Daí em diante, foi vedada a abertura de novos caminhos, trilhas ou desvios que possibilitassem ser utilizados para contrabando.

Com base nas análises de Teixeira Neto (1982), no ano de 1830, ao passo que as outras fronteiras goianas estavam estabelecidas e em uso, o sudoeste goiano estava em uma condição um tanto confusa com seus contornos legais disputados com a área do “Sertão da Farinha Podre” e partes do Mato Grosso, ainda não incorporadas ao Império, portanto, definida como uma zona limítrofe (figura 5).

Conforme consta nos relatos de Silva (2020, p. 43-44; 46):

No caso da Farinha Podre, segundo a narrativa tradicional, o nome que teria sido dado por conta do ‘apodrecimento’ da farinha de mandioca, foi utilizado para nomear também a fazenda e o povoado, que depois chamou-se Uberaba em consequência do rio de mesmo nome. Em seguida, este topônimo se estendeu para todo o lugar que, sem uma delimitação precisa, é denominado Sertão da Farinha Podre. Deste modo, a origem do termo Sertão da Farinha Podre nos remete aos relatos de viajantes do século XIX e a personalidades ligadas à fundação da cidade de Uberaba. Porém, apesar de ser um termo atribuído a mineiros, na cartografia, o Sertão da Farinha Podre aparece relacionado à província de Goyaz, mesmo após 1816, porque mesmo que não fosse uma região administrativa daquela província os tributos religiosos lhes eram destinados. (...). É no mapa de Cunha Matos, utilizado para orientar sua viagem em 1826, que aparece pela primeira vez na cartografia o termo ‘Sertões da Paranaíba ou Farinha Podre, quasi despovoados’ para se referir ao Triângulo com delimitações mais precisas – território entre os rios Grande e Paranaíba a oeste da Estrada do Anhanguera. Contudo, neste documento, os sertões da Farinha Podre ou Paranaíba ganham um, adjetivo, são quase despovoados. A própria etimologia da palavra sertão refere-se, provavelmente, ao ‘território do vazio’. Contudo o espaço que de terras que recebeu este nome não era vazio, mas habitado pelo gentio Kayapó, sendo assim, o fato destes ditos sertões estarem, em 1826, ‘quase despovoados’ poderia representar um possível avanço da fronteira civilizada sobre os sertões, um processo de ocupação das terras que estaria dando o ‘resultado esperado’ para os seus idealizadores.

Figura 5 – Mapa da Evolução Histórico Geográfica das fronteiras de Goiás.



Fonte: Boletim Goiano de Geografia, v.2, nº2: 137-163, jul./dez.1982 (página 151).¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/8565/6063>. Acesso em: 17 dez. 2024.

O sudoeste goiano, após a mineração, revelou-se aos olhos da coroa isento de pedras preciosas, uma imensidão “vazia” a ser habitada e explorada por aqueles que se dispusessem a percorrer as distâncias do sertão. Não concedeu oportunidade para arranjos ou imposições simbólicas. Sem aldeias, práticas religiosas e costumes que visassem controlar a vida dos povos originários como já havia ocorrido em outras partes da província. Os imigrantes na região chegaram cientes de que as investidas de povoamento tinham apenas falhado em seus esforços para integrar os nativos. Entre os viajantes e comerciantes as informações se espalhavam (TEIXEIRA NETO, 1982).

No que diz respeito aos povos indígenas, só existia uma opção: um lance sem erros - a necessidade imediata da apropriação e a manutenção do espaço ocupado eliminaram a figura de intermediários além dos instrumentos de ataque. Os novos habitantes não se encontravam em uma jornada passageira e não consideravam regressar aos seus locais de origem em Minas Gerais ou São Paulo. Vieram com o propósito de se estabelecer e prontos para lutar: se em outras partes de Goiás o governo tentava desde o final do século XVIII uma coexistência tranquila, as primeiras ocupações indicaram que isso não seria viável. Para os indígenas, sobrava apenas a evasão ou a destruição. Sofreram as consequências com sua erradicação (TEIXEIRA NETO, 1982).

A criação de gado em Goiás, no século XVIII, destacou-se por áreas reduzidas de pasto, direcionadas principalmente na subsistência da comunidade, concentrada em grupos de produção, representando um relevante elemento de atividade econômica local, entretanto realizando essa função longe das jazidas para não prejudicar os investimentos dessa iniciativa. O crescimento dessa atividade resultou no aumento considerável da população na região, especialmente no final do século XIX, com a chegada de imigrantes de outras áreas do Brasil e o surgimento de novos núcleos urbanos, que hoje figuram como áreas importantes na economia de Goiás, incluindo cidades como Mineiros, Jataí, Rio Verde, Caiapônia e Quirinópolis que atualmente se sobressaem na economia de Goiás como importantes centros de criação de gado e cultivo de grãos (ESTEVAM; CAMPOS JÚNIOR, 2012).

No século XIX, a agricultura em Goiás se mantinha limitada pelas mesmas barreiras que o tornaram, no século XVIII, uma atividade essencialmente de sobrevivência, carecendo de inovações e recursos financeiros para seu desenvolvimento. A limitada base de consumidores, a carência de uma rede de armazenamento e a inexistência de um meio de transporte que pudesse distribuir a produção a outros mercados continuavam a comprimir essa atividade, limitando desse modo as perspectivas de crescimento econômico local.

Nos anos iniciais do século XX, a atividade agrícola começou a ter papel significativo na economia da região, com ênfase na plantação de arroz que se beneficiava das áreas florestais, onde a qualidade do solo era superior, juntamente com os custos reduzidos de produção que essa atividade demandava. Com isso, a dinâmica da agricultura na área começou a se modificar com a construção da linha ferroviária: Estrada de Ferro Goyaz, resultado da demanda da região sudeste do Brasil em integrar Goiás à sua economia, atuando não apenas como um mercado para os seus produtos, predominantemente industrializados, mas também como um essencial provedor de alimentos, cereais e carnes, além de insumos (ESTEVAM; CAMPOS JÚNIOR, 2012).

É importante mencionar que a região Sul e Sudoeste de Goiás estavam conectadas aos ramais da Ferrovia Mogiana, em particular, de Uberabinha (hoje Uberlândia) por meio de estradas construídas nas primeiras décadas do século XX. A implantação da linha férrea em Goiás foi fundamental para satisfazer os desejos e aspirações do estado, funcionando como uma força motriz de expansão e se revelou um dos fundamentos para a evolução da economia, propiciando as condições essenciais para a modernização da pecuária e das práticas agrícolas da região. Dessa forma, houve crescimento considerável da economia da área, alavancando suas conexões comerciais, com aumento vultoso em suas operações de entrada e saída de mercadorias.

2.2 A narrativa sobre a ocupação de Quirinópolis

Discorrer sobre Quirinópolis revela-se uma tarefa desafiadora, uma vez que inclui a sua origem, crescimento e transformação de uma área que teve suas raízes em um pequeno núcleo no século XIX, cercada por uma riqueza cultural advinda da imigração de famílias pioneiras de outros estados como Minas Gerais e São Paulo, indivíduos que delinearão a trajetória histórica da região. A narrativa foi elaborada por famílias tradicionais ligadas à posse de extensas áreas de cultivo que migraram do Triângulo Mineiro e São Paulo e se uniram àqueles que vieram de outras regiões em busca de oportunidades, num primeiro momento, na prática da agricultura. Estevam (1997, p. 36) explica:

A partir de 1870 uma nova corrente demográfica de Minas irradiou-se pelo território, inaugurando novas povoações no sudeste, sudoeste e ocupando também antigas áreas de mineração da província de Goiás. Aconteceram dois fluxos diferenciados de povoamento em Goiás no século XIX. Um, oriundo dos sertões nordestinos e das matas paraenses ocupou o vale do Tocantins; o outro, de mineiros e paulistas ocupou o sul e o sudoeste da província.

Ainda que as informações sobre a população e as anotações oficiais não demonstrem claramente que, em muitas situações, os obstáculos e problemas que o município enfrentava estavam de alguma forma relacionados à atuação política é interessante explorar esse ponto, principalmente no contexto anterior à independência política da comunidade, vez que um pequeno conjunto tinha o controle das decisões políticas.

Paracy Corrêa Neves (2012), em sua dissertação de Mestrado intitulada *A formação do espaço urbano de Quirinópolis: uma possibilidade histórica de 1832 a 2010*, discute a ocupação do interior do Sudoeste Goiano, com ênfase na cidade de Quirinópolis. O autor evidencia a significância do avanço urbano por intermédio de comunicações e transportes e a atuação do comércio que propicia riqueza e a preservação de tradições culturais. Na pesquisa, observou que a alteração do meio físico e a utilização de recursos no intervalo estabelecido revelaram a ligação de Goiás com a região Sudeste, além de atestar que no sudoeste goiano a ocupação foi custeada pelas grandes propriedades de terras. O território goiano era majoritariamente agrícola, com sua comunidade quase que na totalidade vivendo no campo centrada na atividade rural.

No contexto apresentado, Neves (2012) argumenta que a origem de Quirinópolis remonta ao período anterior ao término do século XIX. Dentre os primeiros habitantes destaca-se João Crisóstomo de Oliveira que conseguiu cruzar o Rio de Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara-GO) e alcançar o Ribeirão Fortaleza, localizado entre o Córrego Água Limpa e o Rio São Francisco, local este, no qual decidiu constituir domicílio. Outro imigrante citado pelo autor foi o paulista Custódio Lemes do Prado o qual se estabeleceu com seus familiares em um local que veio a ser conhecido como Ronda, à beira do Rio Paranaíba, onde fundou um pequeno porto.

Neves (2012) ainda salienta que no ano de 1843, José Vicente de Lima ex-tenente da Guarda Nacional e médico, garantiu uma vasta extensão de propriedades de João Crisóstomo, algo que também se repetiu com José Ferreira de Jesus que estabeleceu-se na região¹¹ com sua família e visando formar uma comunidade doou 900 alqueires de terras à Igreja Católica.

Coelho (1997, p. 46 - 47) ressalta que “esse modelo de organização urbana em torno de uma capela, construída por meio de doação, vai ser, a partir de então e até o final do século, a forma mais comum de surgimento de cidades em Goiás”. Conforme Parreira e Mattos (2010, p. 33-34 *apud* NEVES 2012, p. 20):

Anos mais tarde, cuja data se ignora, em um lugar escolhido, a pouco mais de dois quilômetros distante da serra, entre dois córregos, afluentes e subafluentes do Rio

¹¹ Disponível em: < <https://portal.al.go.leg.br/noticias/116984/serie-isso-e-goias>>. Acesso em: 22 de fev. 2023.

das Pedras, perto de onde já funcionava uma olaria, um grupo de pessoas chefiado por José Ferreira de Jesus, cercou uma Área quadrangular para o cemitério, relativamente espaçoso, edificando pouco depois em um dos ângulos, uma capela, ficando assim fundado um povoado; o dito córrego afluente do Rio das Pedras, até aquele tempo sem nome, passou a ser denominado Córrego da Capela e o lugar adquiriu o nome de Capelinha, visto possuir uma pequena Igreja.

Em consequência da expansão do vilarejo, em 29 de julho de 1879, foi classificada como Freguesia¹², era um distrito vinculado administrativamente ao município de Rio Verde, com o nome de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba (CUNHA NETO, 1993).

Neves (2012) destaca que devido à escolha inadequada do terreno para edificação do cemitério e da capela inicial (à margem do Rio das Pedras) houve a necessidade de transferir a comunidade para uma área mais adequada onde está situada a antiga Matriz de Nossa Senhora D'Abadia de Quirinópolis. Diante disso, citando dificuldades em relação à saúde, higiene e aspectos de natureza geográfica, os habitantes solicitaram ao Bispo da Diocese a edificação de uma nova Capela, já que a original foi erguida em um local impróprio.

De acordo com a Revista Brasil Oeste (2002, p.14 *apud* NEVES 2012, p. 24-25):

A cidade teve início próximo à serra (o local dista a 03 Km da atual cidade e cerca de 02 Km da serra), em local úmido, pantanoso e que causa muitas doenças, além de não propiciar seu desenvolvimento (...). Porém, a comissão nomeada em 19 de março de 1905 não fundou a nova cidade, já que um dos idealistas deste projeto, Quintiliano da Silveira Leão voltou a morar em Rio Verde, sua cidade natal, em 1906 e Cândido Rodrigues Pereira faleceu em 1910. Foram adiados, assim, os planos dos moradores, mas foram revitalizados em 05 de outubro de 1911 quando o Bispo de Goiás, D. Prudêncio Gomes da Silva, nomeou outra comissão para tratar dos preparativos e promover a construção da nova capela. Essa comissão ficou assim composta: Mariano Inácio de Souza (padre de Rio Verde), Presidente; Cel. José Quirino Cardoso; 1º Vice-Presidente; Cel. Antônio Rodrigues Pereira 2º Vice-Presidente; Cel. Jacintho Honório da Silva; Tesoureiro".

Na data de 8 de setembro de 1913, começou a construção do centro urbano que se tornaria futuramente Quirinópolis, área pertencente à cidade de Rio Verde. Para a instalação e fortalecimento do núcleo populacional seria preciso erguer a Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Abadia. Foi estabelecido município em 1944 por meio da Lei n. 8.305, de 31 de outubro de 1943. O lançamento do município ocorreu em 22 de janeiro de 1944 e, por meio do Decreto Municipal nº 07, de 21 de janeiro de 1953, foi definido feriado local no dia 22 de janeiro em

¹² No período colonial, o termo “freguesia” possuía ideia similar à de Portugal, não existia a distinção entre freguesia e paróquia. Após a Proclamação da República, a Igreja Católica e o Governo Brasileiro foram completamente separados e as antigas províncias tornaram-se estados autônomos, que poderiam, ou não, ter suas áreas divididas por razões administrativas. Disponível em: < <https://odia.ig.com.br/odiabaixada/2015-11-07/um-pouco-de-historia-a-freguesia-e-sua-organizacao.html>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

sinal de reconhecimento à fundação do município. E foram instituídos os prefeitos e vice-prefeitos (NEVES, 2012).

Nessa época a dinâmica política de Quirinópolis estava fracionada em dois grupos, a União Democrática Nacional e o Partido Social Democrático. O primeiro governante eleito de Quirinópolis foi Garibaldi Teixeira, vindo da capital do estado, depois da emancipação. Foi escolhido por uma organização política que possuía a maioria dos apoios. Sua gestão ocorreu de 08 de dezembro de 1947 a 30 de janeiro de 1951, era representante do Partido Social Democrático.

Em 31 de janeiro de 1966, tomou posse como prefeito Hélio Campos Leão, e durante sua gestão, foi criada a bandeira¹³ da cidade sob o slogan “Leite e Mel”. No mês subsequente, ocorreu a celebração da emancipação, o que incluiu a participação da Banda Municipal 22 de Janeiro, a qual está ligada à tradição da cidade até o presente momento (NEVES, 2012).

Figura 6 - Bandeira da cidade de Quirinópolis-GO



Fonte: <https://quirinopolis.go.gov.br/nossa-cidade/simbolos-municipais/>

Ao levar em conta a perspectiva da fundação de Quirinópolis, isto é, do mito fundador¹⁴, a construção da narrativa histórica da cidade pode ser identificada na bandeira por meio de suas simbologias como trator, vaca, flores de arroz e algodão. É uma representação

¹³ O slogan presente na bandeira tem a intenção de transformar a percepção negativa de uma cidade marcada por delitos, associada à criminalidade que afetou a área naquele tempo e sugerir uma localidade próspera, onde abundantemente se desfruta de recursos relacionados à lavoura e a pecuária, com a intenção de atrair mais famílias para investir no município.

¹⁴ “O mito fundador é construído sob a perspectiva do que o filósofo judeu-holandês Baruch Espinosa designa como conceito de poder *teológico-político*” (CHAUÍ, 2001, p.36).

história e está bem associada às condições favoráveis à agricultura e a pecuária, mas também na imagem que queria se passar da localidade. O mito fundador da cidade está centrado na figura de João Crisóstomo de Oliveira que deixou Ouro Preto (MG) com sua família e um considerável grupo de escravos e chegou à região em 1832, estabelecendo-se e criando uma grande propriedade.

De acordo com Neves (2012), em 1843, José Vicente de Lima e José Ferreira de Jesus cederam áreas consideráveis de terras à “Igreja Católica” (a Padroeira) dando início ao arraial de Abadia do Paranaíba, que depois ficou conhecida como Nossa Senhora D’Abadia / Capelinha. A primeira capela erigida começou a ser negligenciada pois estava situada em uma área alagadiça e José Quirino Cardoso em 1910 a destruiu. Logo, foi construída a Velha Matriz¹⁵ com a colaboração da população e, assim, nasceu Quirinópolis. Alcançou o status de município separando-se de Rio Verde¹⁶ em 1943.

Quando se observa a história econômica do país, periodizada segundo a ascensão e o declínio dos ciclos econômicos e, portanto, segundo a subida e a queda de poderes regionais, e quando se observa a história política do país, em que o poderio regional é continuamente contrastado com o poder central, que ameaça as regiões para assegurar a suposta racionalidade e necessidade da centralização, tem-se uma pista para compreender por que os partidos políticos são associações de famílias rivais ou *clubs privés* das oligarquias regionais. Esses partidos arrebanham a classe média regional e nacional em torno do imaginário autoritário, isto é, da *ordem* (que na verdade nada mais é do que o ocultamento dos conflitos entre poderes regionais e poder central, e ocultamento dos conflitos gerados pela divisão social das classes sociais), e do imaginário providencialista, isto é, o *progresso*. Mantêm com os eleitores quatro tipos principais de relações: a de cooptação, a de favor e clientela, a de tutela e a da promessa salvacionista ou messiânica. Posta no momento em que o mito fundador produz a sagração do governante, a política se oculta sob a capa da representação teológica, oscilando entre a sacralização e a adoração do bom governante e a satanização e a execração do mau governante (CHAUÍ, 2001, p. 58).

Marilena Chauí na obra *Mito fundador e sociedade autoritária de 2001*, propõe a interpretação da narrativa do “Mito” não apenas no aspecto do conto social de feitos significativos de um grupo, mas também em uma visão antropológica, uma forma de contar histórias que servem para elucidar, interpretar ou defender certas circunstâncias, uma alternativa criativa para dilemas, disputas e incongruências que não conseguem ser solucionados em um contexto real.

A pensadora ainda põe em evidência o papel representativo do território nacional na formação histórica ao adotar as palavras de Campos (1940): “Criamos nosso mito. O mito é uma crença, uma paixão. Não é necessário que seja uma realidade. É realidade efetiva,

¹⁵ A Igreja Velha Matriz é conhecida como Igreja Mãe pelos quirinopolitanos.

¹⁶ Disponível em: <https://quirinopolis.go.gov.br/nossa-cidade/>. Acesso em: 10 set. 2024.

porque estimula esperança, fé, ânimo. Nosso mito é a nação; nossa fé, a grandeza da nação” (CAMPOS, 1940 *apud* CHAUI, 2001 p. 35).

Wesley Lima de Andrade (2012) explica que apesar da história oficial assinalar que a cidade de Quirinópolis se expandiu de maneira espontânea, os documentos dos frades franciscanos da Ordem dos Frades Menores do Brasil, a que o autor teve acesso, apontam para um possível planejamento nas configurações das ruas. Assim, destaca o autor:

Hoje fomos visitados pelo prefeito de Quirinópolis o Sr. Hélio Campos Leão. As 11 horas ele esteve na casa dos frades para mostrar as suas ações para povoar a localidade e passar uma nova imagem de desenvolvimento da cidade. Ele falou da importância de se tirar o título de ‘criminópolis’, da terra dos crimes e passar a reconhecer a bela localidade com o seu desenvolvimento e fazer a cidade crescer. Ele mostrou para os frades o vídeo produzido por uma renomada empresa de comunicação de São Paulo e que será exibido em todo o Brasil através do Canal 100, antes de todas as sessões de cinema do país. O vídeo bem elaborado denomina a cidade como a terra onde corre leite e mel, fazendo referência ao ilustre São João Bosco, grande santo de nossa Igreja. O sr. Hélio Leão, ainda falou que todas as famílias que quiserem se instalar na cidade ganharão o lote para construir sua residência, além de ganhar uma quantia da prefeitura para se quiserem abrir uma empresa. Ele falou que vai planejar a cidade, fazendo elas com ruas retas e largas, para que a cidade cresça bonita e de uma forma boa de se locomover (CRÔNICAS, 9 de dezembro de 1966, p. 8 *apud* ANDRADE, 2012, p. 36-37).

Na segunda parte do século XIX, o manejo do gado tomou conta do interior do Brasil e abrangeu as áreas de Goiás. Para Estevam e Campos Júnior (2012, p. 7):

A expansão desta atividade acabou por gerar então um incremento significativo na população local, principalmente na segunda metade do século XIX, com a presença de migrantes de outras localidades do Brasil e o aparecimento de novos centros urbanos locais, tais como Mineiros, Jataí, Rio Verde, Caiapônia, Quirinópolis que hoje se despontam no cenário econômico de Goiás como importantes regiões produtoras de gado e de grãos.

Em Quirinópolis, a pecuária era a atividade econômica predominante até 1950. Em meados de 1950, em Quirinópolis, começou a intensificar o desflorestamento para instalação da agricultura que ocupava uma área de 16.406 ha plantados. Essa paisagem está relacionada à vegetação mais característica desse bioma e a mais singular desse território, de acordo com Chaveiro e Castilho (2007).

A derrubada de matas em Quirinópolis para a introdução da agricultura teve início nas décadas de 1950 e 1960, com o objetivo de receber o cultivo das monoculturas e pasto para a criação extensiva de bois. Praticamente toda a extensão do município estava coberta pela vegetação original, isto é, uma região praticamente intocada. No entanto, na década de 1960, já era perceptível a modernização e mecanização na zona rural em virtude da implementação de monoculturas voltadas para a exportação, alcançando mais de 30 mil hectares, inicialmente

com o plantio de arroz, representando, naquela época, 60,35% da área, gradualmente substituído por milho e soja (SANTOS, 2004).

A plantação de arroz, de fato, foi iniciada com a finalidade de limpar a região e deixar o terreno pronto para a plantação de soja que aconteceria mais tarde. A técnica de plantar um único tipo de cultura resultou em mudanças significativas, tanto na aparência quanto na cultura do Cerrado. Até a década de 1970 os criadores que comandavam extensos rebanhos bovinos influenciaram as práticas socioeconômicas e aspectos culturais que foram essenciais para a formação de uma identidade ligada à criação de gado. Dessas atividades econômicas surgiu o “mundo interiorano”. O estilo de vida e a realidade do homem do interior foi se configurando neste ambiente rural com sua religiosidade, devoção e fé em seus santos, hábitos e tradições com suas especificidades (SANTOS, 2004).

A partir de 1970 houve notória mudança em Quirinópolis com o início do plantio da soja, sendo crucial a adoção de técnicas avançadas no campo da agricultura. No final dos anos 1970 e início da década de 1980 houve o desenvolvimento expressivo, de 15.965 ha para 28.000 ha no ano de 2001. Nesse período, o arroz e o feijão, em conjunto, correspondiam a 1500 ha de extensão cultivada (SANTOS, 2004).

Conforme Camelini (2011) o plantio de milho e soja também sofreu uma diminuição constante na safra, por conta do aumento das plantações de cana-de-açúcar. No ano de 2004 o plantio de cana-de-açúcar para produção de biocombustíveis já representava mais de 4 mil hectares, a produção de milho estabelecida em cerca de oito mil hectares, ao passo que a soja ocupava 50 mil hectares. Em 2005, já anotava a diminuição da área de cultivo de soja para menos de 40 mil hectares¹⁷. No ano de 2007, a plantação de cana-de-açúcar já ultrapassava a do milho e da soja, com aproximadamente 40 mil hectares cultivados e, no ano de 2009, atingia 50 mil, ao passo que a soja diminuía para 20 mil e o milho para aproximadamente cinco mil hectares.

2.3 A paisagem e o cotidiano rural em Quirinópolis: recursos naturais e o processo de ocupação do território

A cidade de Quirinópolis está localizada na Mesorregião Sul Goiana, possui suas coordenadas geográficas estabelecidas em latitude 18°26'54" S¹⁸, longitude 50°27'06" W,

¹⁷ Importante recordar que, em 2005, o cultivo de cana-de-açúcar ainda se encontrava na etapa de produção de mudas. Isso pode justificar o acontecimento de que ainda ocorresse nesse ano um pequeno incremento na extensão plantada com milho.

¹⁸ Disponível em: <https://quirinopolis.go.gov.br/nossa-cultura-local/>

“com uma população estimada em 48.447 mil habitantes, sua área total é de 3.786, 026 km², correspondendo a 1,11% do território goiano” (IBGE, 2022)¹⁹. Encontra-se aproximadamente a 300 km de Goiânia. As rodovias que fazem ligação de Quirinópolis a outras localidades são a GO-164, que se conecta a BR-452 (Paranaiguara) e a GO-206 que a vincula com Itumbiara pela BR-384 (BORGES, 2011).

Objeto deste estudo é a Sub-região específica, a Pedra Lisa. No entanto, ao abordar a paisagem, tratar-se-á do todo, pois Quirinópolis está localizada em uma região em que predomina o Bioma Cerrado. De acordo com Maximiliano (2004) a paisagem une conexões entre o antigo e o contemporâneo, entre a narrativa e o momento atual. Camellini (2011, p. 83) a respeito do Cerrado salienta:

Este bioma, que se espalha por dez estados brasileiros, não recebeu o status de Patrimônio Nacional na Constituição de 1988 e, como consequência, apenas 2,2% de sua área total é legalmente protegida na forma de Unidades de Conservação²⁰. Isto o transforma numa fronteira aberta para a expansão agropecuária e uma fonte abundante de recursos para alimentar sistemas globais de produção.

A respeito da cobertura vegetal da Microrregião de Quirinópolis, Borges (2011, p. 91-93) esboça:

A vegetação de Floresta Estacional semidecidual²¹ se formava, principalmente, na parte sul, sob o domínio dos terrenos sedimentares intercalados com afloramentos basálticos, nas zonas aluviais, acompanhando os cursos de água e as encostas dos vales. Atualmente, esse tipo de vegetação aparece em pequenos fragmentos. As áreas de Tensão Ecológica encontravam-se nas partes norte e nordeste da microrregião, caracterizadas pelo contato do Cerrado com a Floresta Estacional. São áreas de transição entre diferentes regiões ecológicas, que se interpenetram, constituindo encaves. As formações, Arbórea aberta (Campo Cerrado) e Gramíneo-lenhosa (Campo), ambas da Savana, se intercalavam com as Florestas Estacionais. A Savana (Cerrado típico) é uma das fisionomias do Cerrado que se apresenta com elementos arbóreos e arbustivos de porte mais elevado, com altura entre 8m a 10m, esparsados por um estrato herbáceo/graminoso, caracterizada pelas formações Arbórea Aberta e Gramíneo-Lenhosa. Ocupava a parte central e o noroeste, sobre solos derivados das rochas areníticas. As florestas ripárias (matas de galeria) também fazem parte da fitofisionomia savânica, acompanhando os cursos d'água. Quando a palmeira Buriti (*Mauritia flexuosa*) predomina na paisagem formando um corredor destas palmeiras, rodeadas por vegetação gramínea típica de locais onde o lençol freático está mais na superfície, tem-se a fisionomia chamada de Veredas. Estes ambientes são muito importantes para a conservação da fauna e dos canais de drenagem. É importante frisar que praticamente toda essa vegetação original foi

¹⁹ Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/quirinopolis.html#:~:text=3.786%2C026%20km%2%B2%20\[2022\]%2048.447%20pessoas%20\[2022\]%2012%2C80,298.185.357%2C30%20R\\$%20\(%2C971000\)%20\[2023\]%2041.843%2C87%20R\\$%20\[2021\]](https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/quirinopolis.html#:~:text=3.786%2C026%20km%2%B2%20[2022]%2048.447%20pessoas%20[2022]%2012%2C80,298.185.357%2C30%20R$%20(%2C971000)%20[2023]%2041.843%2C87%20R$%20[2021]).

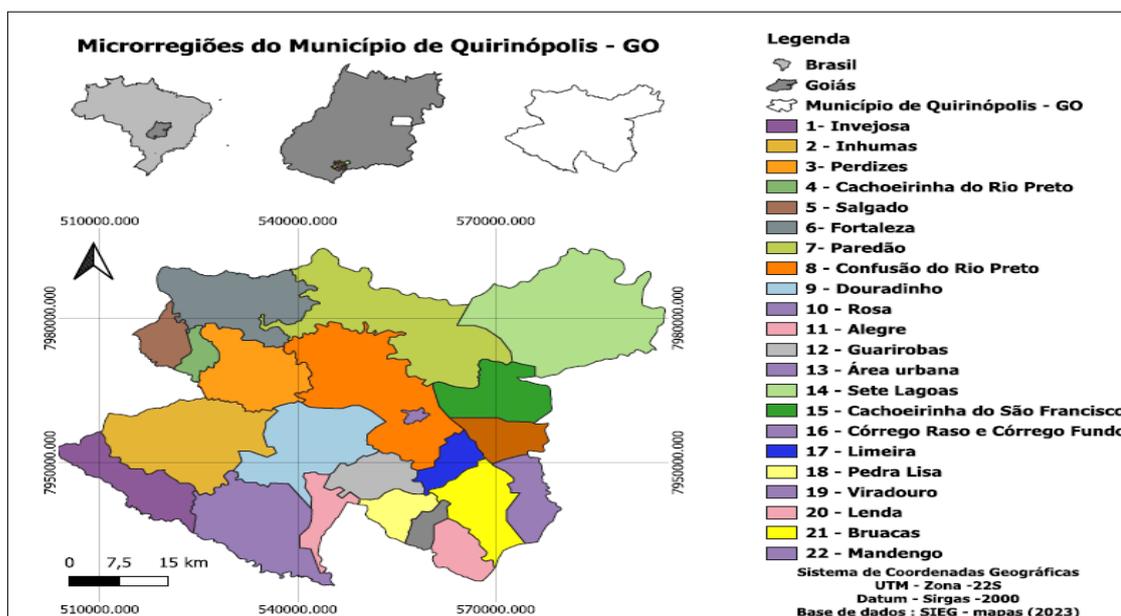
²⁰ De acordo com Camellini (2011, p. 83) “O código florestal obriga manter uma reserva legal de 35% no Cerrado, contra 80% na Amazônia Legal e 20% em outras áreas, além das áreas de preservação permanente”.

²¹ É também denominada Floresta Tropical Caducifólia. Sua vegetação caracteriza-se por duas estações climáticas bem demarcadas: uma chuvosa seguida de outro longo período biologicamente seco, onde a maior parte das espécies perde suas folhas. Vegetação pertencente a Mata Atlântica. Ocorre em várias regiões do Brasil. Disponível em: <https://snif.florestal.gov.br/pt-br/conhecendo-sobre-florestas/168-tipologias-florestais>. Acesso em: 1 nov. 2024.

modificada ao longo dos anos pela ação antrópica, principalmente a partir da década de 1970, com a modernização da agricultura. Atualmente, pode-se encontrar as fisionomias originais de vegetação na microrregião somente em pequenos fragmentos de formação florestal preservada e também das matas ciliares (APP), de baixa conectividade, dificultando a implementação de corredores ecológicos, ainda mais quando a região não possui nenhuma Unidade de Conservação (UC). Em síntese percebe-se uma distribuição bastante congruente entre solos, relevo e geologia compondo paisagem relativamente homogênea, aplanada constituída por solos de fácil uso e manejo, indicados para usos intensivos com lavouras e pastos. Os melhores solos, no entanto, encontram-se sobre os basaltos que se situam a leste-nordeste da MRQ, onde dominava a exuberante floresta semidecídua e, segundo alguns autores, a Mata Atlântica. Nessa área concentrou-se a agricultura intensiva. Nas demais com solos menos bons distribuíram os pastos.

O Estado de Goiás tem a menor superfície com ecossistemas da Mata Atlântica, com apenas 82 mil hectares ainda ocupados por florestas características deste bioma. Essa área é proporcionalmente bastante pequena em relação ao Cerrado que predomina na região. As porções restantes de Mata Atlântica se localizam na maior parte em nove municípios, incluindo Quirinópolis²². A sub-região Pedra Lisa faz parte de um conjunto de 21 delimitações feitas pelo poder público municipal²³, inferido pela figura 7. Essa divisão territorial está localizada ao sul do município e é marcada pela presença de pequenas extensões de terras divididas entre várias famílias.

Figura 7 - Mapa das sub-regiões: base de dados: SIEG – Mapas (2023)



Fonte: Sistema Estadual de Estatística e de Informações Geográfica de Goiás: Base de dados: SIEG – Mapas (2023). Elaborado pela autora (2024). Adaptado do Blog do Leon.²⁴

²² Disponível em: https://www.rbma.org.br/rbma/rbma_fase_vi_06_estados_go.asp. Acesso em: 2 nov. 2024.

²³ É uma criação municipal, não reconhecida pelo IBGE.

²⁴ Disponível em: <https://leoncorrea.blogspot.com/2015/02/paineis-das-microrregioes-do-municipio.html>. Acesso em: 2 nov. 2024.

Estes núcleos familiares estão na Pedra Lisa há mais de 5 décadas; muitos nasceram na localidade, por fazerem parte da família original, ou seja, desde que o Sr. Joaquim Alves da Silva comprou a fazenda, por volta de 1910, deslocando sua família de Uberaba/MG onde morava até a região de Quirinópolis/GO.

As famílias que viviam e vivem nesta localidade construíram seus modos de ser, estar e fazer nesse local, bem como suas relações sociais. Cabe destacar que a propriedade rural Pedra Lisa já estava nomeada assim quando o Sr. Joaquim Alves da Silva se estabeleceu por lá, todavia, é essencial frisar que a fazenda adotou o nome em virtude do "Córrego Pedra Lisa"²⁵, o qual atravessa essas terras (figura 8).

Figura 8 - Córrego Pedra Lisa²⁶



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Na obra *Patrimônio imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa*, Edevaldo Aparecido Souza trata de questões relacionadas à vegetação do Cerrado, as pequenas propriedades rurais, a produção leiteira, a agricultura intensiva e os bens materiais ao longo do tempo. Ainda apresenta uma análise sobre a comunidade camponesa, seus hábitos e suas táticas de continuidade no ambiente rural. O estudo possibilita ao leitor imergir e explorar um universo no qual os indivíduos misturam em várias intensidades o antigo e o

²⁵ Conforme relatos dos senhores Álvaro e Zé Major, acredita-se que o nome do riacho se deve as rochas que ali estão serem bastante escorregadias.

²⁶ Inspirado em Souza (2015, p.16).

moderno, desenvolvendo novas interpretações das vivências culturais. Conforme Souza (2015, p. 159):

No lugar e no local, assim como na vida prática dos camponeses de Pedra Lisa, os resíduos emergem no individual, no singular e nas singularidades. Na ausência do Estado e das políticas públicas, em Pedra Lisa, compreendemos que são os camponeses quem organizam, por exemplo, seus sistemas de trocas que fazem acontecer a vida e a sua existência. Todavia, mesmo com a presença das imposições de várias ordens, há as singularidades, as particularidades, o jeito próprio de cada camponês e de cada família responder às determinações do Estado, do mercado, do espaço. Na instância da estrutura comunitária, Igreja, escola, família, o tempo e as mediações do religioso, da cultura, representados pelos saberes e fazeres, assumem um movimento próprio, dialético, caracterizando as especificidades dos resíduos da Comunidade Pedra Lisa.

Nas décadas de 1960 e 1970, a região da Pedra Lisa se destacava nas plantações e a criação de animais para subsistência. Esse estilo de vida peculiar possibilitou criar e manter vínculos e laços territoriais. Após esse período, a lógica rural começou a se inserir na economia de mercado, primeiramente, por meio da produção de alimentos para, mais tarde, se dedicar também à produção de soja, arroz, milho e à criação de gado para abate e venda do leite e seus derivados, o que trouxe novas questões com as quais a comunidade precisava lidar (CAMELINI, 2011).

Conforme Mendonça (2004, p. 173) a modernização de mercado é também “requisito básico para entender as mudanças sociais e espaciais das áreas de Cerrado, na medida em que podem ser interpretadas enquanto modernização do território goiano”. Neste caso, atualmente, Quirinópolis, assim como a região Sul Goiana, encontrava-se em uma situação relevante para a indústria agroenergética²⁷, devido às condições de solo, clima, ou seja, o cenário é economicamente favorável. Camelini (2011) argumenta que o município apresentava atributos relevantes para ser reconhecido como ponto central no avanço do segmento agroenergético no Cerrado.

A partir de 2004, dois grandes empreendimentos da cana-de-açúcar se fixaram na região geográfica com o propósito de produzir biocombustível, alterando amplas áreas de terras antes utilizadas para o cultivo do milho e da soja. Uma forma clara de perceber tais alterações é através da observação da paisagem, que se modificou de Cerrado para pastagem, inicialmente, e, mais recentemente, para um amplo território ocupado por plantações de cana-de-açúcar, impactando grandemente a forma como são organizadas essas áreas rurais (SANTOS, 2004).

²⁷ Compreende-se por indústria agroenergética uma nova tática de ampliação da economia global, com motivos de ser um recurso energético renovável e ecológico. Conforme as diretrizes da ABNT em citações diretas são empregadas expressões como “ramo sucroalcooleiro”, “setor energético” e “segmento canavieiro”, referidos por outros estudiosos.

No ano de 2004, ao ser beneficiada por aportes originados das atividades do agronegócio, Quirinópolis começou a se transformar em um centro relevante na produção de biocombustível, principalmente o álcool, apoiando duas usinas sucroalcooleiras de grandes proporções: a Usina Boa Vista do Grupo São Martinho e SJC Bioenergia (Usina São Francisco). Corroborando com essa informação, Borges (2011, p. 26-27) destaca:

O cultivo da cana entra no município de Quirinópolis num momento de fragilidade dos produtores de grãos que se encontravam endividados devido às crises sucessivas no mercado da soja após 2003. O município passou então a vivenciar mudanças significativas de uso do solo com as instalações de duas das maiores usinas sucroalcooleiras do país, a São Francisco do Grupo São João e a Boa Vista do Grupo São Martinho, ambos os grupos predominantemente paulistas. Estes grupos se instalaram no município consubstanciando, o que se chama aqui, de Nova Expansão da Fronteira Agrícola, provocando mudanças no setor produtivo do município e resultando numa reconfiguração territorial caracterizada pela presença de um parque industrial. Assim, além das alterações na organização do espaço urbano, esse setor se apropriou rapidamente (2004-2010) de uma grande quantidade de terras (116 mil hectares no município e região) para o cultivo de cana-de-açúcar²⁸.

Ao realizar a produção de cana-de-açúcar e etanol, as unidades sucroalcooleiras estabelecidas em Quirinópolis tiveram participação fundamental em promover não só o desenvolvimento local, mas também reforçar os acordos econômicos do estado de Goiás nacional e internacionalmente, “a cidade se destaca como o quinto centro produtivo do país” (IBGE, 2015). Este “progresso” gerou transformações significativas as quais contêm aspectos favoráveis e desfavoráveis. Entende-se, dessa maneira, que não importa o ramo de produção, as práticas fabris que envolvem matérias-primas (tais como água e terra) e recorrem a elementos e substâncias químicas para o aumento da produção (como nutrientes e pesticidas) geram impactos na sociedade, natureza e cultura.

Como salienta Macedo (2005) desencadeia, entre outras questões, a diminuição da variedade de vida selvagem, resultante do desflorestamento e da introdução de plantações únicas, como é o caso da cana-de-açúcar; a poluição das águas do solo, por conta do manejo exagerado; a supressão da vegetação nativa; há deslocamento de comunidades (como é o caso da população da Pedra Lisa); a propagação de enfermidades; a movimentação sem estruturas apropriadas, etc. Dessa forma, numerosas famílias que residiam na localidade, queixam-se, sobretudo, da mudança para a cidade. O obstáculo de adaptação não é algo trivial, a quebra da rotina diária do campo e as tarefas que a integram são drásticas e inúmeras pessoas, mesmo garantindo o ganha-pão na cidade e desfrutando de facilidades, experimentam o saudosismo da existência no campo.

²⁸ Tese de Doutorado: Vonedirce Maria Santos Borges. **Formação de uma nova centralidade do setor sucroenergético no cerrado: o caso de Quirinópolis, Estado de Goiás**, 2011.

O aumento da criminalidade, do consumo de drogas e da prostituição na cidade de Quirinópolis preocupa os cidadãos, mas também as pessoas que vivem no espaço rural, incluindo os camponeses de Pedra Lisa, que sempre vêm à cidade para resolver suas demandas ou, principalmente, os que têm filhos morando na cidade. Na cidade, o preço dos imóveis sofreu um aumento considerável, tanto para venda como para aluguel. Para os que não possuem casa própria, isso se transformou em um grande transtorno (essa problemática também é sentida pelos camponeses que mantêm filhos na cidade), visto que uma parte muito maior da sua renda agora deve ser destinada ao pagamento da moradia. As queimadas, que sempre argumentam serem criminosas, trazem fuligem, fumaça que prejudicam o aparelho respiratório das pessoas, tanto da cidade como do espaço rural e, muitas vezes, os moradores são surpreendidos pela presença de animais silvestres, parcialmente queimados e que, geralmente, agonizam e morrem no próprio canaviais (SOUZA, 2013, p.113-114).

Importante ressaltar que as mudanças ocorridas na Pedra Lisa como, por exemplo, áreas pastoris, com plantações, deram lugar à monocultura da cana-de-açúcar, em que a maioria da população local mudou-se para a cidade, vendendo ou arrendando suas terras. No entanto, existem famílias que ficaram na localidade, em suas porções de terras, cuidando de poucos rebanhos para gerar leite, plantando hortas para seu consumo. “Contudo, o avanço das grandes lavouras não tem inibido as iniciativas de reestabelecerem, por intermédio do religioso, as mediações para se relacionarem como coletividade” (SOUZA, 2015, p. 156).

Por meio da pesquisa de campo, observou-se que apesar de os pais ainda conseguirem ficar nas fazendas, uma parte da família, em especial os filhos, têm se afastado desse legado, núcleo familiar por precisarem de empregos em propriedades próximas ou no município, sobretudo nas Usinas instaladas na cidade, mas também para estudar. No entanto, ainda existem os vínculos religiosos/culturais. A percepção das tradições culturais se torna evidente em meio ao fenômeno da monocultura, analisadas no contexto de atividades sociais que evidenciam traços do passado na contemporaneidade. Santos e Santos (2015, p. 163) relatam:

O município de Quirinópolis está situado na microrregião alcunhada de Vertente Goiana do Paranaíba, no Sudoeste do Estado de Goiás. Sua primeira vocação econômica ocorreu por força das potencialidades agrícolas e o solo fértil, constituindo-se pela força das lavouras de milho, algodão e soja, além de uma expressiva pecuária leiteira. Somente mais tarde houve a entrada maciça da soja e atualmente da cana de açúcar. A respeito de suas origens rurais, as manifestações culturais estão inseridas neste contexto: festas tradicionais de cunho católico como a da Padroeira, Nossa Senhora da Abadia no mês de agosto, ocasião em que ocorrem manifestações de cultura popular como procissões, quermesses, catiras e folias específicas, além da Exposição Agropecuária no município que agrega negócios e eventos (Grifo nosso).

Os fatores socioculturais geram o sentimento de ligação com o local, por laços sociais, decorrente da transformação de significados, conhecimentos e práticas para aproveitar o ambiente. Inclusive os agricultores que se mudaram dali e agora vivem na cidade, mantêm as

características culturais desse local. Isso é inegável e eles retornam sempre para as celebrações como a Festa de Santos Reis.

2.4 A urbanidade quirinopolitana

É essencial contextualizar Quirinópolis e trazer dados sobre a localização, surgimento, independência e desenvolvimento, conectados ao sistema econômico predominante no começo do século XX, com foco nas relações entre áreas urbanas e rurais estabelecidas nos contextos locais. A geografia urbana é o estudo das áreas urbanas que analisa as cidades, caracterizando-as como grandes, médias e pequenas. Quirinópolis pode ser classificada como um município pequeno, visto que conta com cerca de 48.447 moradores²⁹.

Cavalcanti (2001, p. 12) pondera que “[...] a geografia é uma das ciências que tem se dedicado à análise da cidade e da vida urbana. E suas categorias de análise vão orientando um determinado olhar para a cidade”. Para este estudo, o município de tamanho reduzido pode ser interpretado como um centro privilegiado da vida em sociedade, uma vez que, além de alojar os habitantes, ele gera um estilo de vida. Nesse contexto, podemos apreciar a cidade pequena com seus fatores socioeconômicos e culturais.

Na discussão sobre o território urbano que se alarga conforme os obstáculos geográficos colapsam e novas interpretações surgem, pesquisadores como Costa (2010) e Carlos (1999) enfatizam que as transformações urbanas invadem de forma inexorável o cotidiano das pessoas. Para o cidadão comum, tal fato significa a imposição de novos modelos de conduta, novos princípios, um visual diferenciado.

Costa (2010, p. 23) adverte que a compreensão da formação do espaço deve abarcar não apenas a esfera política, econômica ou cultural, “[...] mas a interconexão dessas três perspectivas para uma melhor compreensão das manifestações espaciais, da dinâmica econômico-social dos territórios em distintos momentos históricos”. Sendo assim, é importante destacar que para Limonad (2007, p. 148) o espaço urbano é

o local onde se dá a reprodução da família, da mão de obra (trabalhadores) e das relações sociais de produção (meios de produção), que historicamente se enlaçam em diferentes graus e intensidades de acordo com o estágio de desenvolvimento das forças produtivas, relacionado principalmente ao desenvolvimento do meio técnico-científico.

²⁹ Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/quirinopolis.html>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

O teórico recorda também que o território urbano e sua “história não podem ser dissociados e ambos estão indissoluvelmente ligados à vida social, às condições materiais e ao desenvolvimento das forças produtivas e do meio técnico-científico” (LIMONAD, 2007, p. 161). Ao se levar em conta a organização das formações urbanas, nota-se que variadas maneiras de reverenciar, celebrar o divino foram se ajustando, criando espaços territoriais. Considerando que a religião representa uma expressão cultural e influencia outros elementos das interações sociais dos coletivos em questão, houve urgência coletiva de descobrir novas maneiras de venerar o sagrado, enquanto se adaptava à expansão urbana. Esses fatores potencializaram uma das mais antigas carências humanas: a espacial, do lugar, aqui ressaltando a igreja.

Figura 9 - Imagem da Igreja Velha Matriz na época de 1920



Fonte: Museu Histórico de Quirinópolis (Pesquisa de Campo, 2023).

Após se estabelecerem elos e identidades que marcam e individualizam seus territórios, as expressões religiosas se firmam e estabelecem um controle social sobre grupos específicos, gerando laços de solidariedade, formando, desse modo, as chamadas comunidades. Os rituais religiosos mantêm relações espaciais com outras variáveis urbanas, conforme explica Corrêa (2003, p. 7):

Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associadas às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, e as idas ao cinema, culto religioso, praia e parques.

As transformações nas interações entre o espaço rural e o urbano aconteceram em dois períodos diferentes, sendo o inicial nos anos de 1940, quando houve a evolução política, fato que resultou em aprimoramentos nos meios de locomoção, estrutura urbana e mais oportunidades para atender às necessidades de consumo no ambiente rural.

Em Quirinópolis, no ano 1942 o Campo de Aviação Chico Anta foi inaugurado e em março de 1945 foi estabelecida a Agência dos Correios. O primeiro líder municipal eleito de Quirinópolis foi Garibaldi Teixeira, conforme dito anteriormente (p.40). Em seu governo uma hidrelétrica foi montada na cachoeira do Rio São Francisco, promovendo a substituição do sistema estático de iluminação nas ruas e a expansão da rede elétrica local. Já em 1948, um ônibus passou a trafegar entre Quirinópolis, Rio Verde e o garimpo da Mateira (atual Paranaiguara). O ônibus que fazia o trajeto três vezes por semana padronizou o transporte das encomendas. Além disso, nesse momento foi montada na cidade a inaugural máquina que limpava arroz (NEVES, 2012).

O político Hélio Campos Leão ocupou o cargo de líder municipal em Quirinópolis em três ocasiões e seus governos propiciaram benefícios à cidade. Eleito pelo Partido Social Democrático (PSD) governou de 31 de janeiro de 1951 a 05 de julho de 1954; de 31 de janeiro de 1959 a 31 de janeiro de 1961, a última gestão foi de 31 de janeiro de 1966 a 31 de janeiro 1969.

Ele foi responsável por trazer o primeiro caminhão e o trator para atender aos serviços da cidade, erguendo as duas primeiras escolas do município, a Canaã (atualmente Escola Municipal Militarizada Canaã) e a outra que depois recebeu o nome de Olga Parreira. Construiu-se a Praça da Matriz com chafariz iluminado, local este que servia para divertimento, conversas e difusão da cultura local. A Praça Coronel Jacinto Honório, antes denominada Praça do Coreto era meramente um grande terreno de terra batida, com um coreto central e algumas árvores ao redor, vegetais estes que ficaram no local e estão lá até hoje no centro da praça (NEVES, 2012).

Figura 10 - Coreto da Praça Coronel Jacinto Honório



Fonte: Museu Histórico de Quirinópolis (Pesquisa de Campo, 2023).

Foi no primeiro mandato do prefeito Hélio Leão que se realizou o calçamento com bloquetes de concreto da Avenida Brasil e com paralelepípedo avenidas como a Ruy Barbosa, Herculano Costa e Capelinha, também planejou a infraestrutura de saneamento e colocou em funcionamento o sistema de telefonia e a televisão. Houve a criação do DETELQUI, (Departamento Telefônico de Quirinópolis). No curso de seu mandato, foi efetivada a abertura do Conjunto Habitacional intitulado Vila Promissão que dispunha de 183 residências, para o qual, transferiu os lotes (NEVES, 2012).

O governante de Quirinópolis de 31 de janeiro de 1955 a 30 de janeiro de 1959 foi Joaquim Quirino de Andrade. Nesta ocasião, inauguraram a primeira sala de filme na Praça da Matriz, conhecida hoje como espaço de festas Olympus; em 1956 houve melhorias, aperfeiçoando o local, que passou a ser chamado de Cine Teatro São José e o referido dono, o senhor José Severino dos Santos. Joaquim Quirino executou a obra da Escola José Feliciano Ferreira que acolheu a Sede da Secretaria de Estado da Educação e, na atualidade, chama-se Colégio Estadual Frederico Gonzaga Jayme. Ainda abriu espaço para o trânsito na Avenida Ruy Barbosa e edificou uma ponte sobre o Córrego do Cruzeiro para ligar dois setores da cidade. Na época em que liderou, com base em um acordo com as Centrais Elétricas de Goiás (CELG) uma rede de energia estável foi instalada, desativando a usina do Rio São Francisco (NEVES, 2012).

Assumiu a chefia do executivo municipal de 31 de janeiro de 1961 a 4 de abril de 1965 João Hércules, do Partido Social Democrático. Durante seu governo construiu-se a unidade prisional (cadeia), o novo edifício da administração pública (atual CEQ), permanecendo no edifício da Praça da Matriz, já designada de Praça Coronel Jacintho

Honório da Silva, exclusivamente o Fórum. Em sua governança, o povoado chamado de Porto Novo, foi considerado Distrito sob a denominação de Gouvelândia. Sob sua gestão, foi estabelecido o primeiro hospital, que pertencia a Cassiano Borges, médico. Apesar de uma boa gestão, o prefeito João Hércules estava sob pressão devido a um processo por improbidade administrativa, resultando em sua renúncia ao cargo em 04 de abril de 1965; logo, seu vice também renunciou (NEVES, 2012).

O administrador do executivo da cidade Fábio Garcia da Silveira governou até 30 de janeiro de 1966, no referido ano em que a usina hidrelétrica de Cachoeira Dourada entrou em funcionamento trazendo mais vantagens para a cidade, uma vez que substituiu de maneira vantajosa o motor a diesel (NEVES, 2012).

Humberto Xavier, líder governamental eleito pela Aliança Renovadora Nacional – ARENA, geriu a cidade no período de 31 de janeiro de 1970 até 30 de janeiro de 1973. Na sua administração, realizou melhorias na infraestrutura e realizou o asfaltamento das primeiras vias da cidade, a Rua Rio Preto e a Avenida Garibaldi Teixeira. Nerivaldo Costa, também indicado pela Aliança Renovadora Nacional, desempenhou seu papel de 01 de fevereiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977. Nesse período, comprou maquinários e asfaltou muitas ruas; completou e inaugurou o abatedouro municipal; idealizou e iniciou a edificação da rodoviária, e em função de um contrato com a Saneago, disponibilizou para a cidade água tratada coletada do Rio das Pedras, um empreendimento de alta magnitude para a população (NEVES, 2012).

Onício Resende, escolhido pela Aliança Renovadora Nacional, desempenhou sua função de 01 de fevereiro de 1977 até 31 de janeiro de 1983. No período em que esteve à frente, trouxe novas máquinas e realizou a pavimentação significativa da cidade, ao mesmo tempo em que organizou o setor de armazenagem do município; delimitou os espaços poliesportivos presentes nas instituições de ensino, finalizou a obra referente ao terminal rodoviário municipal. Houve a construção de avenidas arborizadas: Avenida D. Pedro I, Avenida Santos Dumont, Via Leocádio de Souza Reis, bem como a construção do Ginásio de Esportes, Hospital Municipal, abrigo para idosos; ergueu o Palácio José de Assis onde os três poderes municipais estavam situados (NEVES, 2012).

Sodino Vieira de Carvalho assumiu o cargo por meio do PMDB (Partido do Movimento Democrático) e deu início à sua administração no dia 01 de fevereiro de 1983 permanecendo até 31 de janeiro de 1988. Ampliou o conjunto de hospital municipal, creche e abrigo dos idosos, edificou a Praça das Crianças e fez o asfaltamento completo das vias públicas não asfaltadas. Durante seu governo, em 1988, construiu-se o Teatro Teotônio

Vilela, o qual por meio da Lei 3.073, de 2013, passou a denominar Palácio da Cultura “Sodino Vieira de Carvalho”. Valendo-se do deputado Ângelo Rosa Ribeiro conquistou para Quirinópolis uma instituição de ensino superior, a “antiga Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Quirinópolis – FECLQ (NEVES, 2012).

A FECLQ foi criada pelo Decreto nº 2550, de 16/01/1986, conforme autorização legislativa consubstanciada na Lei nº 9.777, de 10/09/1985, posteriormente denominada Universidade Estadual de Goiás – UEG, Unidade Universitária de Quirinópolis”³⁰.

A UEG, uma prioridade do governo estadual, foi sendo estruturada por meio de um projeto de interiorização da educação superior visando responder às demandas da sociedade goiana, com o objetivo de alavancar o crescimento e desenvolvimento do Estado de Goiás, bem como assegurar aos estudantes o direito de acesso e permanência na educação superior pública e gratuita (FREITAS; PROVENSÍ, 2006, p.14).

Ressalta-se que os anos 1970 são tidos como um momento crucial de mudança graças à automatização do campo, o que acarreta a modificação das famílias e na alteração do cotidiano e das relações sociais do homem do campo que passou a morar na cidade. Nesse sentido, é válido mencionar a atuação de Quirinópolis nessa conjuntura (NEVES, 2012).

Importante salientar que a cidade foi administrada por outros prefeitos como Odair de Resende o qual governou por três mandatos, Gilmar Alves da Silva que esteve à frente do executivo por três mandatos e Anderson de Paula Silva, atual gestor. Neste trabalho não tratar-se-á dos feitos destes, embora tenham sido de grande valia para a comunidade quirinopolitana.

Quirinópolis foi moldada socioculturalmente pelos princípios da agropecuária e pela chegada das famílias que foram habitar na localidade devido à disponibilidade de extensas terras. Esses grupos familiares oriundos de outras regiões se instalaram no município e assumiram o controle de extensas propriedades fundamentais para a organização sub-regional da localidade e, em cada região, estabeleciam normas e práticas que se mantinham. Desde o final dos anos 60, a cidade passou por um significativo fluxo de migração, sobretudo proveniente de estados do Nordeste, como Rio Grande do Norte e Pernambuco, de Minas Gerais e também, em menor número, porém com grande influência econômica, de São Paulo (NEVES, 2012). Analisemos a tabela a seguir.

³⁰ Disponível em: https://www.ueg.br/campussudoeste/conteudo/23080_letras. Acesso em: 2 out. 2024.

Tabela nº1- Informações demográficas: Quirinópolis (1940 a 2010; 2022)³¹

Ano	Rural		Urbana		Total Geral
	Total	%	Total	%	
1940	11.745	88,87	1.471	11,13	13.216
1950	15.783	85,84	2.604	14,16	18.387
1960	22.405	87,37	3.239	12,63	25.644
1970	25.273	66,64	12.649	33,36	37.922
1980	13.513	37,25	22.766	62,75	36.279
1990	6.975	20,35	27.301	79,65	34.276
2000	6.857	18,78	29.655	81,22	36.512
2010	6.518	15,44	35.698	84,56	42.216
2022	6.202	12,80	42.245	87,20	48.447

Fonte: Censo - IBGE/SEPLAN/GO (2010; 2022). Adaptação dos dados pela autora.

O levantamento sobre o aumento populacional da cidade é conectada ao crescimento do sudoeste do estado, notadamente nas décadas de 1960 e 1980, quando se verifica a transição da população do campo para a cidade, em que se observa uma elevação gradual de 1940 a 1980, uma queda em 1980, tendo em vista a emancipação de Gouvelândia. A partir de 2000 volta a crescer consideravelmente.

É importante ressaltar as diferenças entre as migrações nordestinas e as demais, considerando que as primeiras foram voltadas para o trabalho nas atividades agropastoris, ao passo que as demais tinham o objetivo de ocupação e uso de forma mais intensiva. Conforme aponta Neves (2012), os pioneiros na plantação de arroz, com o intuito de vender, foram os migrantes vindos de cidades como Ituiutaba, Monte Carmelo, Araguari e Estrela do Sul, provenientes de Minas Gerais, os quais contribuíram significativamente para o aumento das atividades comerciais urbanas, especialmente aquelas relacionadas ao processamento do arroz com o uso de equipamentos modernos. Esse avanço no setor comercial fica evidenciado pela quantidade de locais dedicados ao processamento do grão, alavancando aproximadamente 30 unidades até o final dos anos 70, contribuindo com a criação de empregos, revitalização e fortalecimento do comércio na área urbana.

Foi nos anos de 1960 que Quirinópolis viu surgir o seu primeiro centro comercial movimentado, a Rua Rio Preto, que funcionava como ligação entre as áreas rurais, bem como das cidades de Cachoeira Alta, Caçu, Paranaiguara, dentre outras. É inegável que a atividade

³¹ https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/resultados/tabelas_pdf/total_populacao_goias.pdf.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=772>
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/quirinopolis/panorama>

comercial é “[...] organizada e participa da reorganização do espaço urbano por meio de sua localização e da atração exercida” (LOPES, 2011, p. 66).

A esfera comercial urbana carrega consigo um valor social, econômico e cultural inegável para os habitantes locais. Para os proprietários de estabelecimentos comerciais não é somente fonte de renda, mas um estilo de vida, logo as mais diferentes pessoas frequentam esses ambientes cheios de interações socioculturais. Não existe uma organização vertical no comércio da Rua Rio Preto, contudo não se pode negar a presença de uma ampla extensão horizontal com variados conteúdos e densidades, gerando notórios impactos tanto na esfera individual quanto coletiva do local. Castro (1997, p. 178), a respeito dessas movimentações comerciais urbanas, destaca:

[...] construções – ruas, praças, monumentos, bairros, quarteirões, cidades – transformam-se em imagens, caminhos e representações da alma coletiva. Estas representações geográficas constituem então um modo de ser, um modo de falar da Terra.

A vida diária, em termos dos setores econômico e político, amplia o leque de análise para outras conexões entre os indivíduos e o cenário urbano, “inclusive particulares, locais. Compreende o vivenciado, a subjetividade, as emoções, os costumes e os comportamentos” (DAMIANI, 1999, p. 163). Sem dúvida, a paisagem urbana promovida pela Rua Rio Preto em Quirinópolis é marcada pelo ir e vir de inúmeras pessoas e possui relevância na memória da comunidade. Carlos (1999, p. 184) explica que

[...] o espaço público tem uma multiplicidade de sentidos para a sociedade em função da cultura, dos hábitos e costumes. O público pode ser também o lugar da comunicação, do diálogo, da extensão do morar, onde as crianças podem brincar, os jovens namorar e todos podem se expor, conversar e reivindicar. Aqui, produz-se uma visibilidade que cria identidades – a identidade que humaniza as relações por laços de convivência e pela sensação de pertencer ao grupo e ao lugar.

Além disso, o emprego como método de aquisição desenvolve-se no espaço urbano. É a partir de situações como a Rua Rio Preto, em Quirinópolis, que são percebidas novas perspectivas na abordagem geográfica do espaço urbano. Realmente, esses aspectos refletem as transformações comerciais nesses centros urbanos. A variedade econômica (e, por que não dizer, cultural) que se encontra nos municípios de menor porte e “[...] a abundância de sua rotina diária desafiam os acadêmicos, em especial os geógrafos, a constantemente buscá-las, descrevê-las, a entendê-las” (CAVALCANTI, 2001, p. 30).

É importante ressaltar que nas cidades menores, como Quirinópolis, de acordo com Santos (2003, p. 280)

[...] as facilidades de transportes e também as novas formas de organização do trabalho agrícola, um número considerável de trabalhadores na agricultura vive na cidade, que se torna um reservatório de mão de obra. Talvez seja esse um dos

motivos pelos quais, a partir de certo volume demográfico, tais localidades são capazes de atrair e reter população.

Na verdade, o comércio urbano convencional desempenha papel fundamental na compreensão das relações socioeconômicas nas áreas urbanas, já que as transações comerciais nos centros urbanos ultrapassam a sua função primordial de fornecimento de bens e serviços indispensáveis à comunidade: com a existência de uma interação social entre o comprador e o comerciante, o setor de vendas, como algo essencial para a realidade urbana, continuamente influenciou na disposição da cidade, colaborando para a configuração das principais áreas funcionais urbanas.

Dessa forma, o panorama social, o político e também o econômico da região foi essencial para a modificação da sociedade, haja vista que os aspectos socioculturais facilitaram a divulgação de novas ideias, princípios e elementos físicos; a localidade deixava de ter um viés rural para se renovar, atualizar, contemplando as permanências e alterações evidenciadas nas novas formas de atuação, interação e relações sociais. A área rural está totalmente conectada à vida nas cidades e toda a sua dinâmica e de forma recíproca (MARAFON, 2014).

Ainda, consoante Marafon (2014) fundamentado em Rua (2006), a área rural evoluiu para um ambiente misto, integrando características rurais e urbanas, enquanto novas territorialidades de atores sociais, financeiros e culturais constituem e transformam continuamente suas ações, revelando o que ele define como 'urbanidades no rural'. Um número significativo dessas ações provém de contextos urbanos e, progressivamente, faz-se presente nas zonas rurais, abrangendo a indústria, o comércio, o entretenimento, o turismo e afins, o que tem promovido a ampliação material e conceitual dos normas urbanas. Entretanto, conforme expõe o autor, ainda que a intensidade dos novos produtos, atividades e personagens urbanos afete e altere econômica e ideologicamente os habitantes rurais, esse cenário frequentemente exhibe suas oposições e preserva suas características como a forte ligação dos indivíduos com a terra e as tradições culturais do campo passadas de geração em geração.

As mudanças no modelo de produção e consumo atualmente são conduzidas pelo mercado global e impõem ao cidadão nativo, fazendeiro ou agroindústria uma atualização que altera a postura social, a cultural e a religiosa. Ao transformar completamente o cotidiano (rural e urbano) essa dinâmica oferta novas experiências influenciadas pela modernização. Desse modo, existe uma renovação do cotidiano, de formas distintas e formatos variáveis. “A modernização da agricultura, ao mesmo tempo em que produz uma migração rural/urbana,

pela intensificação das técnicas poupadoras de mão de obra” (PEIXINHO, 2006, p. 39), impulsionou uma interação de demandas recíprocas entre esses dois lugares.

Os impactos ambientais nas paisagens urbanas e rurais da região em que se localiza Quirinópolis são incontestáveis. Nos últimos anos houve a implantação da Ferrovia Norte Sul, o que possibilitou a criação de novos polos industriais e complexos logísticos na cidade e localidades próximas. Muitos trabalhadores vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida, o que ocasionou intensa migração rural.

Todavia, aconteceu concomitante, uma migração urbana, pois vieram para a cidade um contingente de pessoas vindas de outros estados, a cidade cresceu e, com ela, as adversidades, como o alto índice de criminalidade, aluguéis altos. Promoveu a geração de empregos, mas ao mesmo tempo a qualidade de vida da população entrou em uma fase difícil. Observou-se uma série de efeitos gerados pela exploração do setor sucroalcooleiro, com foco na degradação e redução dos terrenos produtivos, endurecimento do solo e diminuição da diversidade biológica.

Esses fatores requerem estratégias de manejo e proteção apropriadas para garantir o equilíbrio na produção agrícola no território. A plantação de cana implica a utilização de produtos químicos, grande demanda por água, o que pode trazer consequências negativas para a saúde ambiental. Neste sentido, as novas configurações rurais e urbanas devem ser encaradas como um processo social de adaptação às transformações socioeconômicas e tecnológicas, as quais oferecem novas possibilidades de visualizar e experimentar a contemporaneidade para aqueles que estão no campo ou na cidade.

2.5 A Folia de Reis em Quirinópolis: tradição Pedra Lisa

A tradição da Celebração dos Três Reis em Quirinópolis começou em 1918, na região da Pedra Lisa, área rural do município, com a chegada da família do senhor Álvaro Alves Ribeiro³², proveniente da região de Uberaba, Minas Gerais. As terras da região da Pedra Lisa eram de seu avô.

³² O senhor Álvaro nasceu na Pedra Lisa na data de 1944. A primeira Festa de Santos Reis foi organizada por seu avô, o senhor Joaquim José Alves e o seu pai Joaquim Alves Filho e o primeiro capitão de folião da região, o senhor Manoel Justino Xavier, conhecido com Cabrinha.

Figura 11 - Entrada para Pedra Lisa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Depois que outras famílias chegaram à região para povoá-la a tradição continuou. A cultura se manteve de forma a satisfazer as necessidades dos indivíduos que se mudaram para o local, dando-lhes experiências de fé, devoção, satisfação, alegria e entretenimento, pois não se contava com apoio do clero na localidade por ser naquela ocasião, ainda de difícil acesso e não havia povoamento. As terras foram habitadas quando os migrantes vindos de outros estados chegaram ao lugar.

Os costumes da região são compostos por práticas, tradições, sabedorias, realizações que, evidenciados em seu dia a dia, vão se integrando à realidade vivida e fazendo parte das interações sociais. Esse dia a dia é destacado na maneira como organizam suas tarefas, nas convicções e preces, nos laços com os familiares e moradores próximos.

Na Pedra Lisa, a tradição da Folia de Reis é respeitada e os objetos simbólicos são admirados, pois representam os feitos passados, guardam as formas de vida de um povo que se estabeleceu há tempos e aprendeu a se relacionar com o meio ambiente, gerenciando o tempo e o lugar. Santos (2008a, p.121) destaca que as identidades das pessoas da comunidade são moldadas de acordo com os desdobramentos da retomada do Cerrado, a partir dos valores religiosos, pois

o religioso faz emergir, entre os grupos sociais, uma clara demonstração de identidade territorial. Uma forma de neutralizar o sentimento de inferioridade, incerteza e estranhamento perante a redefinição dos valores e práticas sociais que se instalam em nome do desenvolvimento tecnológico e econômico do cerrado.

A Folia e a Festa dos Santos Reis são definidas então pela tradição das famílias Xavier, Rodrigues e Alves na pessoa do capitão Manoel Xavier, conhecido como Cabrinha (in memoriam), o qual era considerado uma pessoa alegre, sorridente, religiosa e devota de Santos Reis. Pioneiro da festividade na localidade. Segundo relatos, o capitão Cabrinha (Manoel Xavier), tio do senhor José Geraldo de Almeida, conhecido por Zé Major, era devoto de Santos Reis, devido à senhora Sebastiana, sua irmã de criação, ter feito uma promessa quando ele foi para a guerra em 1930³³.

Conforme informação verbal, a senhora Sebastiana havia dito que se ele, o Cabrinha, voltasse sem nenhum arranhão no corpo, a família iria fazer a Festa de Reis todos os anos. Desde então, até os dias atuais, a família cumpre com a promessa firmada perante Santos Reis, pois a graça foi recebida.

Figura 12 - Faixa e Estandarte utilizados pelo líder inicial da Celebração de Santos Reis – Pedra Lisa³⁴



Fonte: Arquivo particular de José Geraldo de Almeida (Zé Major)

O estandarte não é usado nas Folias. Trata-se de uma “reliquia” de família e está guardado em acervo particular.

³³ O senhor “Zé Major” não soube explicar que “guerra” foi esta nas conversas informais e entrevistas.

³⁴ Foto da 1ª Bandeira de Santos Reis pertencente ao capitão Manoel Xavier (Cabrinha) e sua estola.

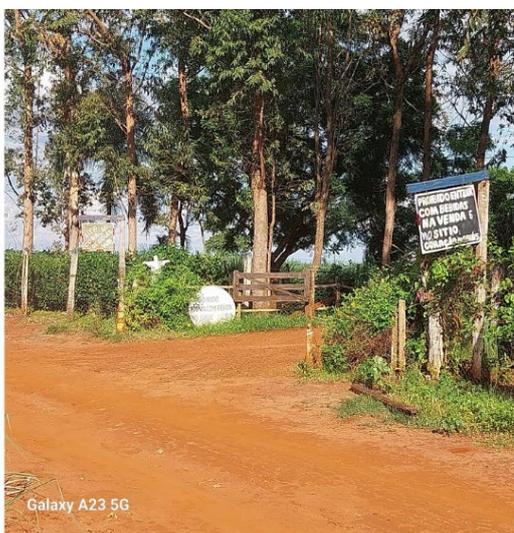
Figura 13 - Cabrinha Xavier, 1º Capitão de Folia da região. Casamento do “Zé Major (20/04/1974)”.

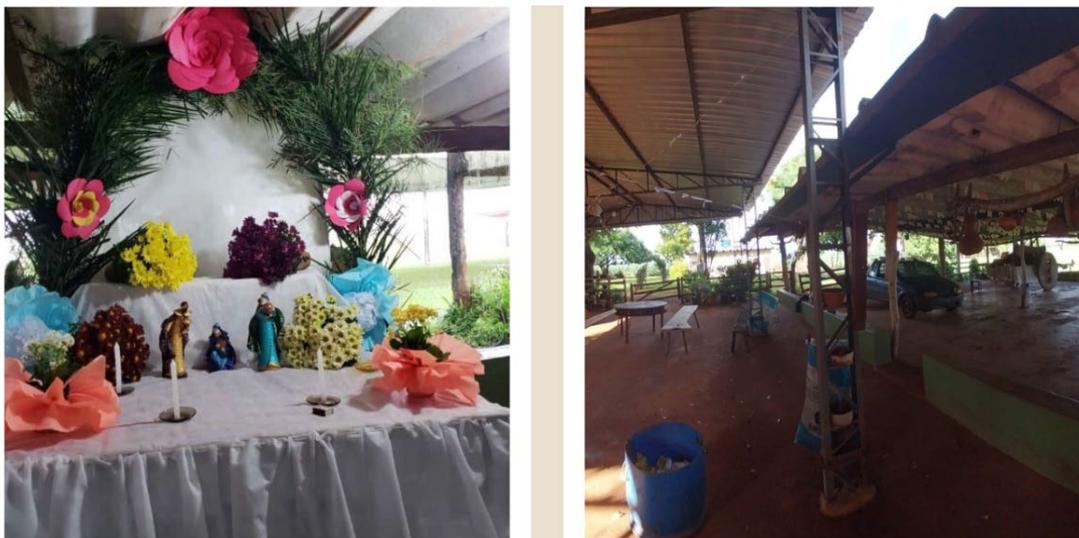


Fonte: Arquivo particular de José Geraldo de Almeida (Zé Major)

Do caminho que interliga Quirinópolis a Paranaiguara, a GO-164, por volta do quilômetro 20, entrada principal da Fazenda Pedra Lisa, aparece a Venda do Zé Major, local que une os habitantes e os conecta com as tradições socioculturais desse território. É um ponto muito procurado por todos os habitantes que ali residem e de outros locais próximos.

Figura 14 - Mosaico: Venda do “Zé Major”





Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023-2024).

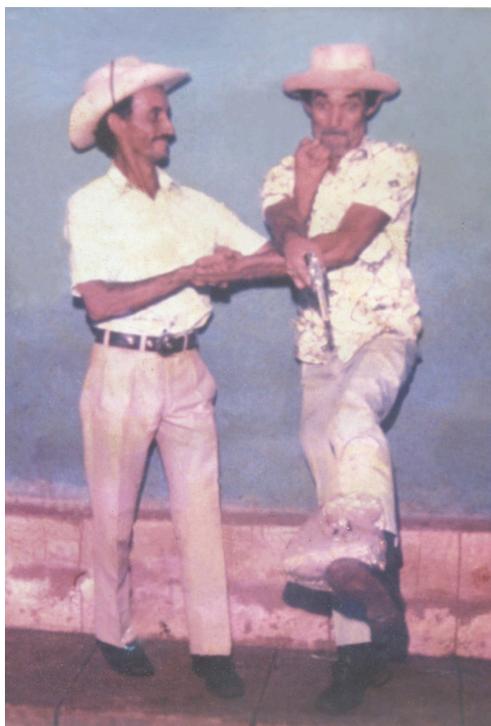
Antigamente, a comemoração da Festa de Santos Reis acontecia nas casas do pessoal da comunidade. Somente a partir do ano de 2002 que passou a ser na Venda do Zé Major. Atualmente, há um galpão permanente utilizado em todas as celebrações anuais, com toda a infraestrutura pronta: uma área para preparo de alimentos apropriada para festividades, com fornos fixos construídos de tijolos e argila, sanitários, locais designados para colocação de tendas e estacionamento.

Os foliões, seus familiares e a população da região se reúnem na Venda do Zé Major para rezar o terço, as ladainhas, cantar e tocar os cânticos da Folia, e a janta, especificamente na noite de Natal. E, no dia de entrega da Folia, a Festa de Santos Reis é realizada também neste local.

Com o passar dos anos, a Folia da Pedra Lisa foi conquistando novos adeptos, tanto das outras microrregiões quanto da cidade de Quirinópolis e outras folias foram surgindo e assim novos capitães. Mas toda a tradição que veio posteriormente, campo e cidade, teve suas raízes na Pedra Lisa.

O senhor João Rodrigues Barcellos, conhecido como “Ganga” foi considerado o 2º Capitão de Folia da região treinado pelo próprio Cabrinha, era padrinho do senhor Zé Major. Na foto abaixo ele está ao lado de um primo de criação do senhor José Geraldo de Almeida (figura 15).

Figura 15 - João Rodrigues Barcellos à direita, conhecido como Ganga (2º Capitão de Folia da região), aproximadamente em 1970.



Fonte: Arquivo particular de José Geraldo de Almeida (Zé Major)

Desde o seu fundamento até há alguns anos, a Folia da Pedra Lisa era composta pelo capitão ou embaixador, o responsável pelos versos, na maioria das vezes improvisados, os tocadores de instrumentos que também fazem as vozes da cantoria, o ponteiro que organiza a rota do giro e anota as prendas e ofertas recebidas, o bandeiro que é responsável por seguir à frente da companhia, conduzindo a sua estrela guia, “a bandeira”, o festeiro que é a pessoa que cumpre o voto de fazer a Festa de Santos Reis e o palhaço, que vai à frente dos foliões, mas jamais à frente da bandeira, usa sempre uma máscara que, na maioria das vezes, é feita com pele de algum animal ou madeira, um chapéu e uma espada também de madeira.

Calafiori (1993) destaca que os integrantes da Folia costumam estar com trajes específicos, conforme ilustra a figura 16, e sempre carregam consigo um lenço branco no pescoço, simbolizando a pureza de Jesus, Maria e deles próprios. Na Pedra Lisa, esse lenço branco é conhecido como “estola”.

Figura 16 – Exemplo de vestimentas dos Foliões da Pedra Lisa



Fonte: Arquivo particular do Capitão Paulo (1990).

As vestimentas dos foliões não apenas desempenham papel estético, mas também contribuem para a representação simbólica da jornada dos Três Reis Magos e da mensagem religiosa da Folia de Reis. A riqueza e diversidade dessas vestimentas refletem as particularidades culturais de cada comunidade que pratica essa tradição no Brasil (PEREIRA, 2018).

Em relação aos instrumentos, é interessante relatar que o tambor, conhecido também como caixa, tem função especial na festividade, uma vez que é responsável pelo ritmo e pelo anúncio da chegada dos foliões nas residências, tanto na cidade como na zona rural. O tambor é construído artesanalmente com madeira e pele, geralmente boi ou carneiro. A pele é esticada por meio de cordas (figura 17).

Figura 17 – Recepção e chegada da folia na residência: Os tambores



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Além disso, uma corda mais comprida é usada para pendurar o tambor no ombro do folião para que ele manuseie com facilidade a peça. É interessante relatar que os couros e as cordas são responsáveis pela afinação dos instrumentos. Outro fato a considerar é que os foliões não podem passar por debaixo de arame, “varal”, porque assim os instrumentos perdem a afinação. Esses elementos e simbolismos contribuem para a riqueza cultural e espiritual da Folia de Reis, tornando-a uma expressão única de devoção, fé e celebração na comunidade quirinopolitana.

A “Estrela Guia”, isto é, a bandeira é mais do que um mero adorno, é símbolo sagrado e por isso é sempre tratada com reverência durante as celebrações. Ela representa a devoção dos foliões aos Três Reis Magos e a celebração do nascimento de Jesus. Acredita-se que ela carrega uma carga espiritual e protege os foliões durante sua jornada. Antes de iniciar a caminhada, é comum realizar uma cerimônia de bênção para assegurar a proteção divina durante a Folia de Reis (PEREIRA, 2018).

A bandeira é conduzida por uma pessoa designada, responsável por ela, chamada pelos membros do grupo de alferes. Ele é responsável por carregá-la e apresentá-la aos donos das casas durante o giro. Ao receber o convite para entrar na casa, cabe ao capitão a responsabilidade pelos versos, coordenar a saudação dos foliões à família, enquanto é seguido

pelos outros cantadores e tocadores. Os foliões acreditam que quando a bandeira está sendo conduzida deve-se tomar o maior cuidado, tendo em vista que a mesma não pode cair e, caso isso aconteça, haverá uma “morte” de alguém da família, fato percebido durante a pesquisa de campo.

O senhor “Cabrinha”, no ano de 1956, ficou doente e passou a responsabilidade, juntamente com uma caderneta que continha registros de suas músicas para o senhor Horton José Ferreira³⁵, seu capitão, que com dedicação e respeito desempenhou a função. Ele fez a cópia e utilizou em sua trajetória, incorporando novos versos. Sua primeira festa foi no ano de 1957 na propriedade de José Alves (Zeca da Chica). Logo depois, em 1958, tonou-se capitão de folia ou embaixador, assumindo a missão de continuar com a tradição da Folia de Santos Reis (figura 18). Segundo relatos de Luís Wanderley, filho do embaixador, o “Nego Tulica”:

Toda a vida, chegava os nove dias da folia. Ele tinha vez que ele andava os nove dias. Naquela época nós era menino pequeno. Você nem vê banho não tomava. Você vê o que que era o trem? Não tinha esse negócio de dormir em casa, não. Você vê que ele passava nove dias lá em casa. Mas primeiro dia que é? Onde é que a bandeira pousava? Ele dormia também. Ele era obrigado a dormir ao chegar na sua casa, né? Hoje pousa aqui. A bandeira ficava e ele tinha que ficar ali. Às vezes os outros folião saía. Mas o compromisso dele era aquilo, era ali. Era o maior prazer que ele tinha da vida dele (Luís Wanderley, entrevista, outubro de 2023).

Figura 18 - Folia de Reis capitaneada pelo senhor Horton com a coroa (2016)



Fonte: Arquivo particular de Luís Wanderley.

³⁵ Nasceu no município de Veríssimo estado de Minas Gerais, na época, distrito de Uberaba, em 1932. Filho de Zacarias José Ferreira e Metolina Pinto da Silva; ainda pequeno ficou órfão de pai e sua mãe casou-se com Domingos de Oliveira Pinto. Chegou a Goiás com sua mãe, seu padrasto e seus irmãos Maria Ester (Biana), Francisca (Chica) e José Domingos (Doté). Aos 18 anos iniciou sua trajetória na Folia de Santos Reis. Casou-se com a senhora Urcezina Alves de Freitas e tiveram cinco filhos: Lusmeire, Luís Wanderley, João Batista, Lucelena e Lucejane. Faleceu em 2017. Dedicou toda a sua vida à Tradição da Folia de Reis. Era conhecido em toda região por “Nego Tulica”.

O senhor Luís Wanderley, explica que antigamente a companhia de Folia de seu pai andava a pé na região para fazer o giro e receber os donativos para a Festa. Assim ele relata:

Tudo a pé, de primeira, pra você ver de primeira. Era a pé, porque os moradores tudo era perto, né? E aí não tinha comparação. Marcava um almoço aqui, era cinco ou seis casas, cantava oito pro almoço, né? Tornava a chegar na janta, marcava a janta. Era oito, dez casa de novo. Tinha que fazer sempre fazia 20 casas no dia, na jornada do dia. Você, você entende, né? E a região, tudo perto, né? Então a região aqui de Gueroba, Pedra Lisa, né? E Bom Jardim. Aqui todinha. Andava tudo a pé, isso aí, né? (Luís Wanderley, entrevista, outubro de 2023).

Ainda explica que toda a família é católica e a bandeira de Santos Reis representava para seu pai, conforme a continuidade do seu relato:

(...) parece que aquilo ali era uma imagem que ele tinha dele ali que ele toda a vida, e andou a vida inteira só falando nos três reis. Tudo quando ele ia a vez para um lugar, um trem. Não, Santos Reis vai me ajudar que vai dar certo. Tinha uma pessoa doente de chegar num lugar, uma família, estar meio descontrolada que ele fazia... não Santos Reis põe a mão no seis. Então, por isso nós carrega essa tradição até hoje, né? Ele foi também. Nós, todo mundo tem as festas. Continua, né? Do mesmo tipo. Nós deu sequência também. Então, enquanto nós tiver vida e saúde e todo mundo. Então, a tradição é disso aí. É porque nós já foi criado aquela geração dele, né? (Luís Wanderley, entrevista, outubro de 2023).

Os cânticos ligados à Folia de Reis são usualmente estruturados em formatos de quadras - estrofes com quatro versos - constantemente cantados e acompanhados dos instrumentos. Nestas canções prevalece uma harmonia que as distingue das outras músicas. Nego Tulica era tão devoto que compôs várias cantorias e uma delas é intitulada de “Adoração dos Reis”. Segue a letra escrita por ele:

Adoração dos Reis

Acompanharam os reis magos
Até a lapa de Belém
Com toda ternura
Jesus nos chama ao nosso bem.

Da caridade demos ouro
Mirra de mortificação
Do incenso abrimos o tesouro
Da mais sincera devoção.

Novo protesto se rebela
Ver no céu resplandecer
Uma nova brilhante estrela
Algum mistério a [sic] de conter.

Por Deus já era anunciado
Mil anos antes de brilhar
Hoje pelos reis avistada
Os leva a Jesus adorar.

Assim a doce providência
 A todos os proporciona os dons
 A [sic] pastores que não tem ciência
 Do céu mandou seus anjos bons.

Assim revela ao mundo
 Onde Jesus a [sic] de nascer
 O sábio basta um sinal mudo
 Que pudera compreender.

Reconheceram o novo mistério
 Que se revela a nova luz
 Deixaram parentes e império
 Para acudir a Jesus.

Em frente viagem penosa
 Arrasta mil contradições
 Sua fé viva generosa
 Não consente delação.

O Deus quantos foi chamado
 A quem a estrela apareceu
 Só três estavam aparelhados
 O resto a vós não se moveu.

E nós cristãos o que fazemos
 Deus chamando a perfeição
 Em vício mil permaneceram
 Resistimos a vocação.

Horton José Ferreira (Nego Tulica)

Interessante foi o relato colhido a respeito do palhaço na Folia do Nego Tulica:

(...) nunca gostou de palhaço. Aí chegou, sabe, tinha um, uns meninos e uns meninos passou mal. Aí depois daquela vez, ele sabe, na folia dele não tinha não. Folia dele não tinha. Só cai disso e porque ele achou aquilo que era o tinha uma. Eu não sei se era até parenta. Nossa, parece que assustou, sabe? Você sabe, a gente chega primeiro, né? Já entra dentro da casa, não quer nem saber o que tem aí. Olha o que tem. Não deu certo não. Parece que passou mal. Foi ruim. Ele achou ruim aquilo e tirou o dele (Luís Wanderley, entrevista, outubro de 2023).

A família do senhor Horton morou na Pedra Lisa até meados de 1973, quando mudou para a cidade, mas mesmo assim o compromisso continuou sendo executado todos os anos, até 2016, antes de adoecer e falecer em 2017. De acordo com o filho de “Nego Tulica”, a reza do terço

era cantado. Acho que você até conhece, que é o Abel da Vaz Café. Ele era o tirador de terço que nós foi criado, mais a mãe do Abel, tudo na mesma região. Então, lá é comparação todo fim de semana tinha um terço. Tinha na sua casa um terço, então a região todinha. Hoje era na minha casa, amanhã era no outro. Então foi criado daquele tipo tradição. Então, aí o terço dele era cantado e o Abel, todo o terço, que era das festas, das festas que eu conhecia, era o Abel que tirava o terço. E era tudo cantado, tudo cantado. Então era o homem que tirava o terço. As mulheres ia ajudar, né? Mas o tirador de terço era o Abel. E ele ficava os dois juntos, cantado, cantado. Aí eu acho que para ele aquilo ali era uma devoção dele mesmo, né, que veio da

criação dele desde pequeno. Foi criado só em cima. É com santo, é tudo. E é a tradição de chegar o dezembro na festa. Então, todo ano pra ele tocava roça. Que tem tudo quanto tem, mas chegava na época, depois não tinha nada que estorvava ele, pegava a violinha, e já tocava do tipo eu pegava mamãe e falava, ô, agora acabou seu pai, vocês que tem que cuidar de casa, seu pai agora é os nove dia e toda vida foi desse jeito, sabe? (Luís Wanderley, entrevista, outubro de 2023).

Há algumas particularidades nas Folias do senhor “Cabrinha” e do “Nego Tulica” que merecem destaque, o embaixador ou capitão, com todos os membros do grupo nunca cobraram nenhum valor para fazer o giro; a folia se propaga dentro de um grupo de amigos; não é uma tradição sanguínea, passada de pai para filho.

O apelido “Nego Tulica” é reconhecido por todos os entrevistados. Foi um homem muito respeitado pela sociedade de Quirinópolis, tendo em vista os anos de devoção e comando da folia Tradição da Pedra Lisa. Em sua homenagem, o ex-prefeito Gilmar Alves da Silva inaugurou uma praça dando a ela seu apelido, localizada entre os bairros Jardim Vitória e Talismã (figuras 19 e 20).

Figuras 19 e 20 - Praça Nego Tulica



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

A maioria das árvores na praça foram plantadas pelos filhos de “Nego Tulica”, o senhor Luís Wanderley e a senhora Lucelena em homenagem ao pai. Cultivaram Flamboyant Vermelho e um Jequitibá, Ipês Rosa e Amarelo. Segundo relatos da filha Lucelena esta árvore em destaque foi doada ainda em muda por um senhor e vieram do Estado do Pará.

2.5.1 Companhia de Folia de Reis Estrela do Oriente

Antes de falecer o senhor Horton passou a responsabilidade para João Batista da Costa, conhecido como Capitão Genial ou Batista. O embaixador João Batista da Costa tem 69 anos, casado, não tem filhos e é católico. Nasceu em Pernambuco; aos três anos de idade mudou-se com sua família para Minas Gerais, fazenda chamada Barrerão, município de Presidente Olegário. Quando tinha 7 anos transferiu-se para Monte Azul, local que fica entre Ipiaçu e Capinópolis e segundo ele, “na linha velha que vai pra Ituiutaba”.

Ele veio para Quirinópolis em 1963 e coopera com a Folia de Reis desde seus 14 anos. Conhecedor dos princípios da Folia e com as normas do ritual, o embaixador ainda é o encarregado pela coordenação do grupo. O foco da liderança do Capitão Batista é percebido em várias formas e ocasiões do ritual, pois é ele quem inicia a cantoria, introduz os versos e partes que serão seguidas pelo contramestre e demais foliões da resposta. Ele toca viola e ao movimentar sua mão, lidera e se comunica com os demais membros do grupo; ela desempenha papel fundamental em todos os momentos rituais significativos, tanto durante as rezas, antes da partida, quanto nas conversas com os devotos que participam da Folia. Todos os instrumentos são ajustados conforme a afinação da sua viola.

Figura 21 - Embaixador João Batista, no centro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Quando questionado sobre o que a bandeira dos Três Reis representa para ele, respondeu: “A bandeira representa o nosso guia, a nossa guia, a bandeira que guia os foliões” (Embaixador Batista, entrevista, outubro de 2023). A fama do embaixador vai além da esfera ritual e pode ser notada no dia a dia, em suas conexões com a vizinhança. Assumir a posição de embaixador de Folia é algo socialmente apreciado e proporciona prestígio na comunidade e regiões vizinhas. A respeito sobre o significado do terço de saída e chegada da folia, explicou: “É tipo assim pra abençoar a viagem. E pedir a Deus para abençoar a viagem. É pra alegrar os foliões”. Em relação ao que sente sobre a sua posição de embaixador no grupo, ressaltou:

Sinto muito bem. Mas é uma tarefa difícil. Ser folião é muito melhor. Ser folião é muito melhor. (...) Porque o capital tem muita coisa que colocar, tem que colocar na cabeça, né? Muita coisa, às vezes difícil. Às vezes tem casa que você chega, tem um caminho de flores para saudar. Tem outros. Deita no chão. Paga um voto e pula por cima. Tem muita coisa diferente. Tem pessoas que enterra a esmola para capitão canta para arrancar. A gente tem que chamar o pai Bastião (palhaço) para arrancar. E o palhaço vai, baixa. E o palhaço tem que andar com um aceno na ponta da bengala. Do lugar que ele chega. Um Ele tem que revirar pra ver o que tem lá de baixo que a gente não adivinha, né? (Embaixador Batista, entrevista, outubro de 2023).

Ao longo da viagem, o embaixador opta pela estrofe que será cantada conforme certos sinais: caso haja um presépio montado na residência, canta-se ou o nascimento ou o batismo de São João Batista; ao deparar-se com uma cruz, canta-se o sacrifício; no ponto central, é preciso louvar os santos daquele lugar. A habilidade de reter grande quantidade de estrofes em sequência, que formam a memória de um capitão, é essencial para o seu desenvolvimento.

Dessa forma, o folião se posiciona como uma espécie de "protetor do conhecimento e da memória", como aquele que mantém um repertório que precisa ser utilizado e renovado a cada ano, ao longo da jornada da Folia. Essa memorização vem pelo ouvir e isso implica comprometimento, responsabilidade e empenho pessoal. Sobre o papel da mulher na Folia, senhor Batista frisou:

“Uai? E a mulher? Ela pode ser uma “ofer”, ela pode carregar a bandeira. E se ela souber fazer qualquer voz, ela pode fazer. Não tem problema. Ela pode fazer uma quarta, uma quinta voz, uma sexta voz. Então tem muita serventia a mulher. Tem mulher que é até embaixadora”. (Embaixador Batista, entrevista, outubro de 2023).

A Companhia de Reis Estrela do Oriente, Tradição Pedra Lisa, destacada equipe de foliões da cidade de Quirinópolis, configura-se como exemplo nítido de manifestação cultural que redesenha seus rituais adequando-se ao meio em que estão sempre zelando pela preservação do que lhes é essencial, o alicerce sagrado: a devoção aos Santos Reis. A tabela a seguir mostra a caracterização da Companhia.

Tabela nº2 - Caracterização da Companhia Estrela do Oriente

Nome	Data de nascimento	Profissão	Colocação na Companhia e Instrumento
João Batista da Costa	04/03/1955	Aposentado	Embaixador/Viola/6ª voz
Lázaro Rosa Ferreira	04/04/1957	Aposentado	Violão/Cavaquinho/1ª a 4ª voz
Euclides Ribeiro da Silva	29/02/1953	Aposentado	Violão/2ª voz
Adão Lemes do Prado	29/05/1980	Produtor rural	Violão/Caixa/1ª a 6ª voz
Genesi H. Evangelista	07/03/1972	Autônomo	Caixa/ 4ª voz
Anésio Franco de Lima	19/03/1948	Aposentado	Pandeiro/Caixa/ 1ª a 6ª voz
Eurípedes Lopes Cardoso	29/06/1951	Aposentado	Caixa/Viola/ 1ª a 6ª voz
Edlúcia Silva Ferreira	04/07/1978	Diarista	Alferes/ 5ª voz
Lilian Ferreira de Lima	19/06/1985	Diarista	Alferes/Caixa
Luiz Antônio Alves	09/12/1962	Operador de Máquina Agrícola	Alferes/Bandeeiro

Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Observa-se que o nome do palhaço não foi revelado, pois não é fixa a sua posição no grupo. Seu papel na celebração é influenciado pela motivação e pela relação com o embaixador ou o responsável pela festa. Na maioria das vezes o bandeeiro é o alferes, o/a festeiro (a), ou alguém que está pagando uma promessa aos Santos. Embora não fora apresentado, todos os entrevistados se dizem católicos, mas não praticantes. Percebe-se que a presença de “jovens e crianças” é praticamente inexistente.

A festividade dos Santos Reis é uma tradição que enriquece o patrimônio cultural imaterial, logo, não faz sentido que essa temática continue ausente do currículo escolar. Acredita-se que a falta desse assunto na educação pública é visto como uma das razões principais para a queda da participação dos jovens. Assim, o desenvolvimento de um currículo que valoriza as tradições, culturas e conhecimentos locais evidenciará a importância da Folia de Reis como uma herança cultural imaterial da sociedade.

2.5.2. Companhia de Folia de Reis Magos do Oriente

É importantíssimo explicar que no município de Quirinópolis, até o ano de 2021, também havia a Companhia de Santos Reis Magos do Oriente, capitaneada pelo senhor Lauro Campos³⁶. Conforme relatos nas pesquisas de campo, a comunidade quirinopolitana o considerava uma pessoa temente a Deus e de muita fé em Santos Reis. E segundo informações concedidas pelo seu irmão:

Olha, ele, na verdade, ele gostava de folia de reis quase que desde criança. Porque lá onde a gente morava, na fazenda, meu pai também gostava muito de folia de reis, minha mãe. E lá era um ponto em que eles organizavam para pouso ou mesmo para tomar um café. Então eu me lembro bem que quando o pessoal da folia de reis que chegava e estava de pouso, né? Ia cantar e ele ficava sempre no meio ali observando. A gente era criança, mas observava também. Para a gente era tudo bom, né? E ele mesmo falava que era a partir daquele momento que o pessoal da folia de reis passava lá que ele começou a interessar pela folia de reis também. Porque ele já interessava pela música bem mais tempo, desde criança. Então ele começou a cantar, começou a tocar (Leonário, entrevista, setembro de 2023).

A devoção na vida da família se intensifica e se torna visível, oferecendo um sentido profundo para a existência, propiciando à sociedade instantes de separação das atividades diárias para um encontro com o divino, o espiritual. O senhor Leonário explicou para a pesquisadora que a reza do terço representava para o Capitão Lauro Campos:

Olha, a reza do terço era um complemento, porque a fé dele era muito grande em Deus, né? E quando ele começou a tirar terço, foi também uma inspiração do meu pai. Meu pai era tirador de terço, né? Que meu avô também já era, né? Então isso vem, uma tradição lá atrás, né? Passado de pai pra filho. Então, ele, a gente, vendo meu pai, minha mãe, né? Que era muito religiosa, né? Gostava muito de rezar, de cantar, reza. E participava da igreja também. Então ele, pra ele, é uma fé muito grande. Então, ele começou a dedicar também em tirar terços, né? E da maneira antiga, da maneira antiga, né? Cantada, né? Terço cantado, sabe? Então, muitas das vezes, minha mãe ajudava ele, né? Uma tia minha também, que é falecida, também ajudava. Então, quer dizer, a família sempre foi muito religiosa, sabe? Muito. (Leonário, entrevista, setembro de 2023).

A Folia de Reis, estabelecida há tempos, principalmente nas zonas rurais passando por sítios e fazendas, está cada vez mais introduzida na vida urbana. O crescimento urbano, a escassez de empregos no campo, a troca da agricultura tradicional pela pecuária e a demanda por mão de obra na cidade contribuíram para a mudança das famílias do campo para a cidade.

O embaixador/capitão é o guardião dos conhecimentos sobre todos os rituais da Folia e das passagens sagradas nas quais ele se embasa. Em relação à quando Lauro Campos ingressou na folia, Leonário ressalta:

³⁶ Nasceu na zona rural de Quirinópolis, na Sub-região Sete Lagoas. Filho de Gumercindo Dias Moraes e Valdivina do Nascimento Campos. Falecido em 16 de junho de 2021, devido consequências da Covid. Os integrantes da Companhia se dispersaram para outros grupos.

Ele ingressou assim na folia, a princípio ele era... ele chamava de Alferez, né? Alferez, da folia de reis. Depois ele trabalhou segurando a bandeira, né? E foi adquirindo com a convivência, ele foi pesquisando porque ele era um grande estudioso, né? Ele falava profecia, né? Então ele entendia muito da profecia, da vida dos três reis, né? Como que eles eram na época. Então ele sabia disso a fundo, né? Então ele começou a se interessar mais ainda, pesquisando, né? Inclusive com outros capitães, né? Grandes capitães também, que já se foram também, né? Mas ele começou a cantar, né? Começou a cantar e quer dizer, se interessou a ser um capitão, se tornar um capitão. E a oportunidade surgiu, né? De ele montar a própria folia de reis e comandar essa folia de reis por mais de vinte anos (Leonário, entrevista, setembro de 2023).

Elemento central da Folia, a bandeira representa a espiritualidade e a fé, o estandarte carrega consigo uma atmosfera de reverência conectando pessoas simples com as divindades. De acordo com a informação verbal de Leonário Campos, a bandeira de Santos Reis significava para o Capitão Lauro:

Ah, era uma bênção na vida dele, né? Nossa, a bandeira, ele tinha um maior respeito pela bandeira. Ali os três reis santos pra ele era tudo, né? E ele pedia, né? Ele pedia e era atendido. Fé. A fé dele era muito grande, né? Isso é uma fé viva porque isso aconteceu, não sei se vem ao caso, mas... Quando eu contraí o vírus do Covid, né? Ele... Como a fé dele era muito grande, a força que ele tinha como capitão... Ele pediu a Santos Reis que me curasse, né? Que me curasse a gente, nós aqui, né? E um dia, né? Eu senti alguém que me colocou algo no meu nariz, na minha boca, mas que eu não vi quem foi, né? E que depois eu acordei. E eu acordei com gosto, né? O sabor de uma coisa muito gostosa, o cheiro de um perfume muito gostoso, né? Aí tá. Uns dias depois eu comentando com ele e ele falou, não, eu já sei o que foi. Aí depois ele se ajoelhou e agradeceu a Santos Reis por ter atendido ele. Porque, segundo ele, né? Era um perfume que os três reis levaram para visitar Jesus quando nasceu. Eu não me lembro o nome do perfume, mas sei que é incenso, mirra e tem outra... É um desses dois aí que é o perfume, né? Depois ele falou, é o perfume. Esse é o perfume que eu pedi três reis Santos para curar você. Então ele falou, foi isso. Você vê, a fé dele era tão grande que ele teve total certeza que foi atendido. (Leonário, entrevista, setembro de 2023).

É assim que existem os devotos porque eles encontram na Folia a representação da sociedade e uma forma de existir que fomentam uma convivência coletiva mais profunda. Pelo depoimento percebe-se que o momento extremo, como no episódio da enfermidade do Covid, levou o Capitão Lauro a buscar intervenções espirituais como cura e resposta, pois ele, sendo humano, não tinha poder sobre as leis da natureza, ao contrário dos santos, que eram designados e podiam interceder por seus fiéis e resolver a dificuldade apresentada. Este devoto não recorre aos Santos apenas para questões espirituais, pois aqui o divino coexiste com as necessidades terrenas, ou seja, o que motiva o devoto a buscar auxílio divino é, acima de tudo, a solução para suas demandas diárias.

Os eventos vividos impactam a forma como os praticantes se conectam com os santos, sua maneira distinta, quando colocada no ambiente social, ressalta a ligação dos devotos que renovam sua fé e reafirmam seus vínculos de confiança com os Três Reis. A essência

espiritual pode se materializar em objetos, como a bandeira que atua como veículo de manifestação do evento milagroso, passando agora a constituir prova física da influência e presença do sagrado. “No intuito de serem abençoados, os devotos estabelecem uma relação de reciprocidade com os santos” (ZALUAR, 1983, p. 88). E ainda “o milagre é definido como toda demonstração da força do santo, como a recuperação de um enfermo” (idem, p. 97). Deste modo, o milagre pode ser entendido como a resposta do Santo para com o seu fiel devoto. O folião passa a fazer parte da história da coletividade e se apossa de sua própria identidade (figura 22).

Figura 22 - Embaixador Lauro Campos com a bandeira da sua Companhia



Fonte: Arquivo particular de Paulo Benedito da Silva (1990).

A tradição, de alguma maneira, é o espaço que persistiu e persiste, não no sentido de se restringir ou se bloquear frente ao que é novo, mas como agregadora, portanto, crucial para um determinado grupo se manter no tempo e espaço. Ela não é um núcleo condensado, mas está predisposta e aberta a alterações que a tornam cada vez mais ativa. “A tradição é a fonte de um saber coletivo que oferece ao indivíduo o poder de romper os limites. A tradição procede da assimilação contínua e ininterrupta das variantes, define-se pela duração” (SOUZA, 2013, p.90).

A Folia de Reis cria uma rede de interações sociais que fortalece os laços de cooperação nos lugares por onde passa, seja devido ao estabelecimento de vínculos entre os

membros ou por contribuírem para um momento relevante que enfatiza a religiosidade do povo e, assim, da identidade de uma parte importante da comunidade local.

Cabe destacar que a Companhia de Folia de Reis “Magos do Oriente”, capitaneada na época por Lauro Campos e a Companhia de Santos Reis Foliões da Pedra Lisa, capitaneada pelo senhor Horton, foram declaradas como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Quirinópolis, no ano de 2018, conforme documento (figura 23). Após o falecimento do senhor Lauro Campos, os foliões mudaram para outras companhias.

Figura 23 - LEI 3.271 de 2018: Declara como Patrimônio Cultural Imaterial a Companhia de Santos Reis Magos do Oriente e Companhia de Santos Reis Foliões da Pedra Lisa do Município de Quirinópolis.



“Declara como Patrimônio Cultural Imaterial a Companhia de Santos Reis Magos do Oriente e Companhia de Santos Reis Foliões da Pedra Lisa do Município de Quirinópolis e contém outras providências”.

Gilmar Alves da Silva, Prefeito de Quirinópolis, Estado de Goiás, no uso de suas atribuições legais, faz saber que a Câmara Municipal aprova e ele sanciona a seguinte Lei.

Art. 1º - Fica a festa de Santos Reis declarada Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Quirinópolis, devendo fazer parte do acervo cultural devido a sua particularidade e significativa forma de expressão cultural, determinando sua salvaguarda (proteção), para garantir a continuidade e preservação, com a intenção de assegurar, para as gerações futuras conhecer seu passado, suas tradições, sua história, os costumes, a cultura, a identidade de seu povo.

Art. 2º - Fica ainda o chefe do Poder Executivo Municipal autorizado utilizar de recursos financeiros para apoio e manutenção das Foliás de Reis do município, bem como a realização anual de suas festas.

Art. 3º - Para a cobertura de despesas decorrentes com a execução da presente lei, fica o Poder Executivo Municipal autorizado a utilizar dotação orçamentaria própria e suplementadas, se necessário.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Quirinópolis, Estado de Goiás, aos 13 dias do mês de Março de 2018.

GILMAR ALVES DA SILVA
Prefeito Municipal

ANTÔNIO MOREIRA BONFIM CEL. PM R/R
Secretário da Administração e Planejamento

2.5.3. Companhia de Folia de Reis Visitantes do Oriente

A Companhia de Folia de Reis Visitantes do Oriente surgiu após o falecimento do Capitão Lauro Campos, pois o atual Capitão da Companhia, o senhor Paulo, era folião na Companhia de Lauro Campos. O senhor Paulo Benedito da Silva, nascido no dia 06 de junho de 1939, tem completos 85 anos em 2024; nasceu em Lagoa da Prata, Minas Gerais. Mudou-se para o estado de São Paulo e casou-se em 1962. Em 1971 transferiu-se para o município de Quirinópolis e foi morar na fazenda, onde hoje é a Usina São Francisco. Veio para a cidade em 1978 e mora até hoje na mesma casa. É católico, não praticante. Ele faz parte da Folia desde os seus 17 anos e segundo ele: “Eu tenho devoção e a Folia de Reis é a cantoria mais bonita que eu acho. Na Folia da Pedra Lisa, a chegada é sempre no dia 05, não muda não. Quando é em outro lugá, é no sábado pra junta mais gente” (Paulo, entrevista, agosto de 2023).

O Capitão Paulo é reconhecido na cidade de Quirinópolis por causa da representatividade como devoto e Capitão de Folia de Santos Reis. Além disso, ilustra a experiência por meio da relação cidade-campo, visto que no passado residia exclusivamente na zona rural, porém se deslocou com a família para o ambiente urbano buscando uma vida melhor. No ano de 2023, saiu em peregrinação nas diversas microrregiões do município, bem como o ambiente urbano. Abaixo a Companhia de Santos Reis Visitantes do Oriente, capitaneada pelo senhor Paulo (figura 24).

Figura 24 - Capitão Paulo com o bandolim e os foliões



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

A compreensão dentro da comunidade ritual não é uniforme; o líder possui mais entendimento do que os demais participantes, resultando na ideia de que o conhecimento confere influência dentro da Folia. A partir disso, surgem a estrutura hierárquica e a diversidade de responsabilidades e papéis. O guia agrupa conhecimento e influência no contexto ritual em razão de sua rica experiência. A música pode alcançar a sexta voz e ser executada por mais de um dos participantes. O grupo sob a liderança do embaixador Paulo possui de 10 a 11 integrantes que desempenham papéis distintos (tabela 3).

Tabela nº 3 - Caracterização da Companhia Visitantes do Oriente

Nome	Data de nascimento	Profissão	Colocação na Companhia e Instrumento
Paulo Benedito da Silva	06/06/1939	Aposentado	Embaixador/ Bandolim
Manoel Rodrigues dos Reis	08/01/1946	Carpinteiro	Violão/ 1ª a 6ª voz
Valdir Martins de Assis	25/07/1951	Ordenheiro	Pandeiro/Ponteiro/ 6ª voz
Márcio Marciano	05/05/1975	Motorista	Viola/Violão/ 1ª a 6ª voz
Alcino Clemente Azevedo	09/11/1940	Agricultor	Caixa/ 2ª a 4ª voz
Priscila Ferreira Campos	03/10/2001	Aposentado	Violão/ 1ª a 3ª voz
José Alves Campos	22/12/1971	Universitária	Caixa/ 6ª voz
Thiago Basílio Dias	11/10/1981	Pedreiro	Caixa/ 5ª e 6ª voz
Luís Wanderley	14/06/1960	Líder de Processo	Pandeiro/3ª voz
Doralei Freitas Santos	(In memoriam)	Operador de Colheitadeira	Alferes/Festeira
		Advogada	

Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

A composição da Folia Visitantes do Oriente, apresenta variantes tênues: mulheres e crianças participam como foliões e nem todos usam a estola. As vestimentas não são os tradicionais uniformes, embora eles os utilizem no dia especial, o dia da Festa de Reis. Não existe a figura do palhaço. É perceptível a função do masculino como organizador e administrador da folia, permanecendo como o responsável por decidir e conceder a cada participante sua apropriada representação na festividade, isto é, seu devido papel dentro da celebração. Em geral, a quantidade de jovens é considerada baixa para preencher o lugar dos participantes mais experientes. Quando um jovem integra a equipe é incentivado a aprender a melodia e os instrumentos empregados na apresentação. No caso da criança presente na foto, estava acompanhando o pai que é folião. No grupo há a presença de duas mulheres, uma foliã e a outra festeira, que foi a alferes da companhia no ano de 2023.

As comunicações de fé, de esperança na restauração, na resolução dos problemas sociais são indispensáveis para a manutenção da comunidade, pois ela, sazonalmente, precisa se regenerar e é na comunicação que os seguidores devotos descobrem acolhimento e consolo, podem buscar pela bondade e pela bênção e encontrar um espaço de devoção, de compromisso e de fazer doações. Sobre a Folia, os participantes da entrevista explicam:

Eu me sinto parte da folia. E eu falei, eu já nasci dentro da folia. É tradição na minha família desde que eu me entendo por gente. E quando eu comecei também, sempre eu fui muito apaixonada na folia. E pretendo passar pra minha filha. E ela gosta (Priscila, entrevista, setembro de 2023).

É tradição. Desde quando era bem pequenininha. Desde quando eu nasci, né? Todo final do ano a gente ia pra folia. Porque eu via a devoção do meu bisavô. Vejo do meu avô e vi que é a tradição da família. Então eu sei que todo ano eu tenho que ir para cumprir o do meu avô, do meu bisavô, para estar junto, que a gente é tudo família, né? Todo ano a gente tá junto (Geovana Alves, entrevista, setembro de 2023).

Eu participo da Folia de Reis desde o meu nascimento. Minha família toda é devota de Santos Reis, então aprendi com os meus avós e desde então toda a minha família participa. E eu participo da Folia de Reis porque eu também sou devota. É uma herança que os meus avós deixaram para mim. Então a gente tinha a tradição de receber a Folia de Reis todos os anos na nossa casa, de doar prenda. Então, quando a Folia de Reis chegava na nossa casa, a gente acolhia, fazia janta, fazia o café. Eles dormiam na casa dos meus avós, né? Naquela época, eles, os foliões, todos dormiam. Então a gente fazia janta, eles dormiam. A gente levantava cedinho, fazia o café da manhã para eles. Então assim, era uma alegria muito grande. Era sinal de alegria quando a gente via a Folia de Reis. Então a gente já ficava o ano todo esperando para estarmos juntos. Nós quando éramos criança. Eu me recordo assim, que era uma alegria muito grande. A gente doava sempre. A gente queria segurar a bandeira para fazer a doação da nossa prenda. E aí meus pais dava para gente, para mim, para minha irmã, né? E meu avô também. Dava para a gente fazer a doação. Então, assim, é muito gratificante ter essa tradição familiar. E eu participo da folia porque eu gosto, porque é uma herança familiar. Então eu quero passar. Eu ensinei isso para o meu filho. E eu quero que ele também ensine para os filhos dele. Ele tem 15 anos hoje, ele já foi folião (Cibele Aparecida, entrevista, setembro de 2023).

Percebe-se pelos depoimentos que participar da Folia de Reis permite aos integrantes da comunidade imergirem em uma nova realidade, com elementos diversificados da rotina cotidiana em que eventos surpreendentes se desenrolam. Aqueles que crescem nesse ambiente de experiências da fé popular compreendem que ser folião é algo valioso. A devoção destes indivíduos reside na crença que possuem nos Santos. Assim como seguem os foliões mais experientes, os guardiões dessas heranças, há, também, um ciclo de mudança do mundo fundamentado na tradição. Muitas trajetórias são alteradas, restaurados padrões sociais variados e um novo ambiente surge da tradicional herança. Portanto, a memória que cada ação evoca dá origem a uma nova dimensão.

Essa abordagem viabiliza a articulação dos variados elementos da população, estimulando um diálogo de conhecimentos, atividade que pode ser compreendida como uma das partes que ajudam a preservar as tradições e conhecimentos das folias, nas quais existe uma conexão bastante sólida entre a cantoria, os gestos, as imagens e a forte religiosidade, com a bandeira se destacando como o principal ícone de devoção da celebração. Todos a reverenciam e veneram em um gesto devoto que revela uma forte conexão com o sagrado. Nesse sentido, “o símbolo, fator fundamental que ocupa lugar de destaque na jornada festiva, e também fora dela, uma vez que é mantido com certa veneração na habitação escolhida como ponto central da folia” (ABREU; MAGNO, 2017).

Entender a prática da Folia de Reis em Quirinópolis é adentrar no âmbito do Patrimônio Material e Imaterial. Visualizá-la como um Patrimônio Imaterial é entender as modificações e alterações que nela sucedeu ao longo das décadas sem fixar a tradição em suas antigas práticas, mas observá-la no contexto das transformações ocorridas.

É impossível ignorar que a tradição da Folia de Reis está relacionada à essência da comunidade quirinopolitana. Ademais, a visão ampla que se apresenta sobre uma cidade pequena, onde as interações sociais são intensificadas por fatores geográficos e culturais, proporciona que a tradição de uma das festas mais significativas, a da Folia de Reis, esteja de alguma forma associada à própria trajetória dos moradores do município, porque desde a fundação do povoado ela está presente.

Importa assimilar essa manifestação como uma atuação coletiva que incentiva e agrega pessoas. Funciona como incentivadora da entreatada e promove a identidade pessoal e ao mesmo tempo coletiva, além de conceder destaque aos sujeitos sociais quando desempenham suas atividades nos eventos da comunidade.

A folia com seus batuques e melodias, desperta sentimentos e recordações que revelam a tradição e o passado de uma comunidade e as suas figuras simbólicas são marcantes e essenciais para estimular valores e gerar memórias e identidade.

CAPÍTULO 3: AS FOLIAS DE REIS EM QUIRINÓPOLIS: RESSIGNIFICAÇÕES DA TRADIÇÃO E DAS RELAÇÕES SOCIAIS NOS ESPAÇOS URBANO E RURAL NA CONTEMPORANEIDADE

Este capítulo visa examinar a época das jornadas e da festividade de Santos Reis, descrevendo as atividades do grupo, a movimentação do giro, a função que cada indivíduo ocupa na expressão cultural e sua importância na comunidade.

Também aborda relatos de visitas em residências, acompanhados de várias práticas rituais em itinerários determinados, as quais envolvem canções, toadas, símbolos e caminhos a serem seguidos ao longo dos dias de peregrinação, doações, prendas, compromissos, banquetes e acolhimento pela comunidade guardiã do patrimônio cultural. Enquanto a Companhia de Reis executa seu trajeto, múltiplas famílias são visitadas pelo grupo de foliões, sempre recebido com calor humano e atenção pelos responsáveis das casas.

A bandeira, que se posiciona à frente de todos os foliões, é um sinal de fé, pois representa a “estrela guia”, que os guarda e protege durante toda a caminhada. É o símbolo que direciona os Reis Magos em direção ao local em que o menino Jesus nasceu. Logo, analisar-se-á o sentido da tradição e suas ressignificações ao longo dos anos, abrindo espaço para o protagonismo feminino e realçando a importância do idoso.

A festividade de Santos Reis é uma necessidade coletiva, na qual os membros sociais buscam vencer as dificuldades e desafios da vida diária. Contém rituais, ações conjuntas e comemorações que se baseiam na colaboração da coletividade, empenhada em sua organização. O texto ainda traz os conceitos de sagrado e profano e seus elos com a festa, o aspecto dinâmico da entrega da Bandeira e sua conexão com todos os envolvidos no processo.

Comemorar as tradições dos Reis Magos é deixar o cotidiano turbulento, desordenado e habitual e mergulhar no universo da cultura popular, com traços enraizados no sagrado, mas também simultaneamente no profano.

Em virtude da animação e do contentamento criados no ambiente comemorativo e religioso da Folia de Reis, juntamente com a noção de pertencimento à cultura local, a população que organiza o evento frequentemente se articula antes do tempo, assegurando que o legado seja preservado e interiorizado pelas futuras gerações.

3.1 A tradição e construção da realidade social na contemporaneidade

A explicação do termo tradição está associada ao jeito de transmitir patrimônio entre pessoas via sucessão. “A propriedade que passava de geração em geração era suposto ser entregue para ser guardada, pois o herdeiro tinha obrigação de proteger e conservar” (GIDDENS, 2006, p. 47). Isso revela as intensas ligações entre a essência do ser humano em seu ambiente e a preservação de suas tradições.

Entretanto, é imperativo notar que até mesmo a definição atribuída à tradição é uma invenção recente, em razão disso, é preciso tratar dessa problemática com prudência (GIDDENS, 2006). A tradição mantém um vínculo significativo com a história. Ela se associa à memória, especialmente à “memória compartilhada”, segundo os pensamentos de Maurice Halbwachs (1990), em *A memória coletiva*. Contudo, a tradição não está sujeita e limitada pelo que passou; pode ser elaborada, modificada e renovada diversas vezes conforme as necessidades de uma sociedade que escolhe aspectos relevantes para compor sua identidade atual.

Além disso, Beck, Giddens e Lash (1997) salientam que a tradição também remete ao porvir, buscando assim fundamentar as bases de organização das próximas gerações. Os pesquisadores enfatizam também que o legado está ligado a circunstâncias de origem, abrange interações, “defensores” e, ao contrário da simples prática, carrega um poder que interliga elementos éticos e sentimentais em sua continuidade. Indicam que as tradições são dinâmicas e significativas, possuindo uma linhagem flexível por meio da qual “se desenvolvem e amadurecem, ou enfraquecem e ‘morrem’” (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, p. 81).

Em razão do aspecto vivo e ativo das tradições, representá-las com exatidão em seus detalhes é uma tarefa complexa. Isso acontece porque, enquanto um testemunho vivo interliga-se às expressões de uma cultura ao longo de seus diversos períodos HISTÓRICOS (BECK; GIDDENS; LASH, 1997).

Hobsbawm e Ranger (2008) afirmam que determinadas tradições podem ter surgido por invenção, ao passo que Giddens (2006) propõe que, de modos distintos, todas as tradições são fruto de algum tipo de criação ao longo da história – seja isso de maneira deliberada ou não; e não são apenas um reflexo da contemporaneidade. Giddens (2006, p. 48) pontua:

É um mito pensar que as tradições são impenetráveis à mudança. As tradições evoluem com a passagem lenta do tempo, mas também podem ser transformadas ou alteradas de maneira bastante rápida. Se assim posso dizer, são inventadas e reinventadas.

Em um contexto globalizado, no qual indivíduos se relacionam cada vez mais com culturas diversas, certas tradições acabam sendo valorizadas ao invés de desconsideradas, como, por exemplo, no que toca a práticas religiosas. Giddens (2006) menciona que cresce a demanda para validar as crenças pessoais, mesmo que de maneira implícita, ao passo que não acarreta o término da tradição.

De acordo com Beck, Giddens e Lash (1997) as tradições se conectam à memória e exibem uma força de coesão que combina elementos morais e emocionais. O ato de rememorar, considerada uma tradição, representa uma maneira de dispor o passado em diálogo com o presente.

A tradição, digamos assim, é a cola que une as ordens sociais pré-modernas [...] Em outras palavras, a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, p. 80).

As tradições, de modo geral, abarcam rituais. Elas são por natureza, vivas e significativas. Os rituais são elementos das bases sociais que asseguram a solidez das tradições, uma abordagem prática para garantir a continuidade e a preservação (BECK; GIDDENS; LASH, 1997).

Com relação ao social, os pesquisadores Berger e Luckmann (2003) sustentam a ideia de que toda iniciativa de análise do social deve originar da realidade do cotidiano. Desse modo, “uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 35). Esses pensadores o apresentam como a verdade essencial, sendo impossível passar por alto sua presença significativa, robusta e decisiva na consciência das pessoas.

As normas estabelecidas no dia a dia mostram que o tempo é um dos fatores importantes a serem levados em conta na discussão das relações sociais. O homem se encontra em um mundo moldado por aqueles que vieram antes, da mesma forma que formará novos parâmetros, transformará os que já existem ou os sustentará para os indivíduos que estarão por vir depois dele. Um dos casos elencados por esses especialistas é a linguagem. Ela atuaria como uma das principais responsáveis por traçar os contornos da interação social ao inundá-las de símbolos repletos de sentido para os que os experimentam. Os conhecimentos, as vivências imateriais também são delineadas por meio da fala que nos capacita a converter elementos que inicialmente seriam próprios da nossa percepção individual em conteúdos compreensíveis por terceiros na relação social (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Na obra *A construção social da realidade*, Berger e Luckmann (2003) explicam que, embora constituindo um indicador social significativo, a temporalidade é uma propriedade

essencial da percepção. Para os especialistas, a experiência cotidiana revela um tempo distinto, fruto de uma construção conjunta baseada nas dinâmicas do ambiente, que a sociedade estabelece como referência, bem como na sensibilidade da percepção humana em sentir e compreender a fluidez do tempo. Desse modo, é possível entender a complexidade da disposição temporal da vida comum, do dia a dia, “porque os diferentes níveis da temporalidade empiricamente presentes devem ser continuamente correlacionados” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 45).

Dando continuidade a essa linha de pensamento, os escritores indicam, ainda, que a organização do tempo é restritiva, já que estabelece uma determinada programação da vida. Essa organização demonstra as restrições da nossa existência, com as quais os planos pessoais precisam se alinhar. Tal situação pode provocar um elevado nível de apreensão e ansiedade, tendo em vista que se deve definir prioridades específicas e optar por alguns planos em desfavor de outros. Seguindo essa lógica, apontam que a disposição do tempo é imperativa, pois direciona uma programação pessoal. Essa disposição ilustra as barreiras da vida, com as quais as aspirações individuais devem se ajustar.

Os estudiosos ainda enfatizam que a configuração do convívio social é fruto das ações humanas e estão fundamentadas em tradições preservadas ao longo da história pelas comunidades. Explicam que, mesmo em ocasiões novas, o ser humano apela a um arsenal de classificações prévias para estabelecer significados. Citam o exemplo de um casal que possui cada um o seu conjunto de referências particulares de comportamento. Participando juntos, formarão um esquema compartilhado de ações que os ajudará a manter o diálogo. Algo que deve ser destacado é a conexão, sem a qual a interação não conseguirá avançar. Mesmo considerando a situação imaginária de apenas dois participantes, surge um novo sistema de valores, logo ali se encontram os pilares de uma nova configuração comunitária (BERGER; LUCKMANN, 2003).

A busca por atingir as expectativas exige que o indivíduo desloque de sua visão pessoal e se relacione com o ambiente. Nos termos dos estudiosos, essa dinâmica se torna evidente quando a autoanálise (interpretada aqui como função da consciência) é propagada e ensinada a uma nova geração por meio da tradição, compondo a jornada que resulta na formação de uma estrutura social e histórica. Com o objetivo de que isso aconteça de modo satisfatório, é essencial haver preceitos que respaldem a mesma história ser narrada de modo estável a todas as crianças das gerações futuras. De modo geral, a construção coletiva de significados resulta na cultura. Em razão do compartilhamento de tradições, pode ser elaborada uma percepção distinta daquilo que foi definido inicialmente, produzindo assim

novos significados sobre o que foi solidificado em sociedade. Consequentemente, as estruturas anteriores podem continuar intactas, passar por algumas alterações ou abrir espaço para novos princípios (BERGER; LUCKMANN, 2003).

Geralmente as práticas culturais são identificadas como um fator da vida comunitária que se adapta aos diversos períodos, refletindo a trajetória histórica de uma sociedade. Pela perspectiva dos estudiosos analisados, reconhece-se que as tradições exercem uma posição de destaque, pois asseguram continuidade e estrutura à vida coletiva, sendo a Folia de Reis um exemplo disso.

Todavia, ratifica-se a busca contínua pelo incremento dos parâmetros dessas tradições também compõe a existência, pois à medida que o significado da tradição muda, novas relações são incorporadas em nossos cotidianos, as quais baseadas nos rituais, celebrações e repetições exercem relevante influência social.

3.2 Uma abordagem sobre o sagrado e o profano e seus entraves

Na reflexão sobre os fundamentos indispensáveis de diversas tradições de vivência religiosa, Durkheim (1996) pondera que no cerne de nossas análises há uma quantidade de conceitos imprescindíveis que dirigem toda a nossa vivência mental, pois elas são parecidas a molduras estáveis que guardam a elaboração de ideias e configuram o alicerce do conhecimento. Ademais, segundo ele, sem levar em conta tradições, convicções e experiências, nunca se observou na evolução do pensamento humano algo tão variado quanto a interação entre o sagrado e o profano:

[...] o sagrado e o profano foram sempre e em toda parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada existe em comum. As energias que se manifestam num não são simplesmente as que se encontram no outro, com alguns graus a mais; são de outra natureza (DURKHEIM, 1996, p. 22).

A divisão entre os dois lados, o contraste de metas a que cada um se dedica e a dinâmica de antagonismo e disputa que se estabelece entre eles está tão profundamente arraigada na percepção humana que unir o sagrado ao profano, para a humanidade, repercute como uma desordem, algo indesejável. É como se, em seu íntimo, uma sensação perturbadora surgisse, causando aflição e insinuando que algo gravemente errado e desprezível está presente nessa fusão. Os elementos sagrados são resguardados e separados por normas que têm a função de manter os aspectos profanos afastados.

Trata-se de uma proibição para a qual não existem alternativas. Contudo, mesmo sendo tão robusta a concepção de limitação, Durkheim (1996) ressalta que isso não quer dizer que o diálogo entre os dois mundos seja inviável e o profano esteja às ordens da total exclusão de interagir com o sagrado, uma vez que, se assim fosse, ele não teria serventia nenhuma. Apesar da possibilidade de contato, é insustentável que o profano se aproxime do sagrado sem enfrentar as consequências. Em oposição, o sagrado não pode cruzar suas limitações sem passar por danos significativos, por isso, “os dois gêneros não podem se aproximar e conservar ao mesmo tempo sua natureza própria”, confirma Durkheim (1996, p. 24).

O pesquisador caracteriza as crenças, os sistemas de fé como expressões que “ilustram a essência do que é sagrado” e as relações que têm, tanto entre elas quanto com o que é considerado profano. Por conseguinte, é válido afirmar que as tradições religiosas lidam com o sagrado. Durkheim (1996, p. 24) esboça:

As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas.

O teórico esclarece que a experiência religiosa “tem por objeto elevar o homem acima de si mesmo e proporcionar-lhe uma vida superior à que ele teria se obedecesse unicamente a suas espontaneidades individuais” (DURKHEIM, 1996, p. 455). Afinal, ele declara que há um contexto tangível, no qual se vive a existência profana, assim como uma realidade idealizada que permanece apenas na cogitação humana, mas que é, para ele, mais importante que a realidade, mais íntegra (DURKHEIM, 1996).

Os aspectos sagrados visam alcançar esta realidade perfeita, uma vida mais elevada em comparação à que é guiada pelas impulsividades pessoais, limitadas ao mundo tangível, permeado por corrupções e essencialmente mundano. Observa-se a notável divergência entre esses dois âmbitos que se movem de maneira antagônica. Todavia, de modo incomum, além das manifestações espontâneas, estão na cognição humana “nossas aspirações mais ou menos obscuras ao bem, ao belo, ao ideal. Ora, essas aspirações têm suas raízes dentro de nós, vem das profundezas mesmas de nosso ser” (DURKHEIM, 1996, p. 464). No entanto, vale a pena enfatizar um aspecto adicional relevante sobre a ideia de sagrado. Há uma dimensão que pertence a uma existência paralela, não percebida sensorialmente, que não pode ser tocada e ainda escapa ao entendimento completo da humanidade, pois se encontra fora do alcance de suas capacidades (DURKHEIM, 1996). Além disso, verifica-se a manifestação desse sagrado no cotidiano, as particularidades deste mundo interpretadas como sagradas a partir de um

referencial já assimilado. Durkheim (1996, p. 267) afirma que “[...] o que define o sagrado é que ele se junta ao real”. A partir das reflexões do autor, observa-se que o sagrado e o profano são primordiais para o raciocínio humano quanto o tempo e o espaço. É uma questão que pode não ser fácil de descrever em breves palavras, mas que todos entendem.

Contudo, mesmo com essas percepções estabelecidas na mente humana, não há, para esses dois âmbitos (quando se apresentam na realidade), equivalentes rigorosos e exclusivos, visto que a sensação coletiva é fundamental na interpretação dos mesmos, assim como as tradições que possibilitam essas emoções. Há elementos palpáveis, evidentes e constantes, no entanto, de acordo com a análise de Durkheim (1996), são os horizontes e proibições que diferenciam o sagrado do profano com clareza.

Numa outra abordagem, há uma demarcação que, mesmo admitindo, em determinadas situações, a transição de um para o outro, apresenta-se rígida, permanente, controladora e notavelmente segregadora. Todavia, conforme certos indícios revelam, essa separação se renovou e deixou para trás a rigidez e abraçou uma configuração flexível que ainda distingue e assegura cada área em sua respectiva posição, contudo, já viabiliza interações, conversas, trocas e acordos. Oferece a oportunidade de que certos itens de um sejam combinados com o outro, sem que a aceitação desses aspectos transforme a estrutura, a essência. Apresentam-se mais como enfeites, acessórios, coberturas, vestuários, proteções, dentre outros.

Em um primeiro olhar, e é essa a proposta desta análise, por mais adaptável que seja o modo como a separação hoje se comporta, é aceitável afirmar que sagrado e profano ainda mantêm suas singularidades, intenções, atividades e também seus territórios.

Todavia, deve-se destacar que não há, nesta pesquisa, qualquer propósito de se aprofundar na elucidação dessa nova dimensão. Examinar os aspectos de sua formação, mostrar o que possui de distintivo e habitual em suas proibições e permissões, descobrir os modelos, entender até que ponto ela controla e o que ela aceita e outros. Num primeiro momento, pela limitação de tempo para tratar de um assunto tão desafiador, pois “para poder tratá-lo como convém, seria preciso que as condições sociológicas do conhecimento fossem melhor conhecidas do que são” (DURKHEIM, 1996, p. 479).

Este trabalho traz outra reflexão de sagrado e profano baseado nos estudos de Eliade, em *O sagrado e o profano: a essência das religiões* (1992). Para o pesquisador, o sagrado é aquilo que se diferencia completamente do trivial, que se manifesta de forma totalmente distinta da vida cotidiana, que é profana. O que se apresenta como sagrado não faz parte da realidade normal, é algo que a ultrapassa, é significativamente superior. A concepção de

mundo profano apresentada pelo autor não se baseia em um confronto, não se refere a um estilo de dualidade.

A dimensão espiritual do sagrado abarca qualquer energia sobrenatural que altere aquilo considerado comum, por essa lógica, até uma energia tida como maligna poderia ser identificada como um aspecto da dimensão espiritual do sagrado. Em vários momentos, o que se considera sagrado é interpretado como uma combinação de antagonismos, já que a realidade elevada abrange tudo que tem sentido no mundo, não só a perspectiva do positivo, mas também a do negativo.

Em linhas gerais, para o homem que opta por uma vida sagrada, toda a configuração do universo necessita de um sentido, e assim o profano é percebido por Eliade (1992) apenas como a inexistência absoluta dessa força, desse significado final. Logo, o profano pode ser tratado como o ponto de partida de uma força, algo que não possui um valor explícito e, assim, mantém-se apenas neutro. O sagrado, em contraste, ao se mostrar, expressa seu valor, torna explícita uma profundidade de sentido.

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela (ELIADE, 1992, p. 13).

A relação com o sagrado é, sem dúvida, para o autor, o que possibilita ao ser humano reconhecer suas inquietações e vivências no ambiente como autênticas e dignas, concedendo-lhe, portanto, a chance de atribuir significado à sua caminhada, ressaltando o cosmos como não somente precioso, mas ainda como funcional e crível, afastando uma perspectiva relativista (ELIADE, 1992).

O sagrado se revela no ambiente, ocupa sua posição na realidade comum, tornando-se visível em um espaço, o qual não é apenas um local qualquer, por mais que contenha aspectos naturais da realidade, pois já ultrapassa o comum, configurando-se como um ambiente espiritual a partir dessa revelação.

O sagrado se faz evidente em espaços específicos à medida que, por intermédio de uma devoção ou ritual, torna-se evidente nesses cenários, ou o humano ergue tais estruturas em homenagem aos seres etéreos, como um ‘refúgio’ para eles ou ainda, cuida e zela por lugares onde o divino se manifestou ou se revela. Adota sempre uma postura de reverência e consideração em relação a esses lugares.

É patente que a relação do homem com esses ambientes revela que a maneira como ele os modela ou protege não somente lhe dá a oportunidade de acolher o sagrado, mas também

de cuidar dele, em um sentido atrelado a proteger, deixar florescer, permitir a vivência. A maneira como se configura, proporcionada pelo ser humano ao local reservado aos seres sagrados não apenas intensifica a conexão do ser humano com o que é celestial, mas igualmente a chance de elevação do próprio ser humano.

Conseqüentemente, a realidade não se apresenta como um contínuo de locais sem definição e sem significado por onde as pessoas se movem: as áreas se diferenciam e oferecem ao ser humano uma visão estrutural e hierárquica de ambientes. Há, sem dúvida, aqueles sagrados que se mostram mais essenciais, mais influentes, mais genuínos, aos quais este *homo religiosus* anseia se conectar e, além desses, há regiões comuns, lugares que são ameaçadores, em um ambiente onde a sorte e a relatividade emergem pela total ausência de razão (ELIADE, 1992).

A interação do espaço sagrado com o espaço profano se traduz assim pelo entendimento de que existe um aspecto que é, ou deve ser, organizado e segue uma ordem lógica, por realmente necessitar de um sentido e, assim, está vinculado à realidade e à força, “o espaço sagrado e o espaço profano promovem a distinção simbólica entre caos e cosmo” (ELIADE, 1992, p. 87).

Contrapondo-se a isso, há também outros ambientes, os quais não possuem estrutura alguma, as conexões de significado são aleatórias, surgindo de modo fortuito, inteiramente relativas, uma vez que carecem de qualquer chance de organização que lhes daria sentido e, assim, parecem desprovidos de lógica e, por conseguinte, de existência.

O lugar sagrado simboliza, assim, uma transformação significativa na compreensão do indivíduo sobre determinado lugar e sua conexão com ele. O lugar não é apenas percebido como distinto: é vivido de uma maneira singular.

O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – é o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 1992, p. 1992).

Consoante Eliade (1992) o sagrado pode ser percebido pelo ser humano em ampla escala e isso ocorre de forma precisa, porque se encontra, em certa medida, no interior do indivíduo, simbolicamente em sua psique. O embate entre o que é divino e o que é profano se manifesta nas limitações, assumindo uma essência que cruza os devaneios e a fantasia dos seres humanos. Percebe-se dessa forma que o sagrado é o que se manifesta ao indivíduo como portador de essências extraordinárias e, assim, vai além de tudo que é habitual, corriqueiro no que diz respeito ao local e à presença do homem na realidade. A abordagem de profano

formulada pelo estudioso não envolve um confronto, assim como se poderia observar nas visões de luz e de escuridão, paraíso e inferno, se oporem e se tipificarem. Não se refere a um tipo de dualismo. A dimensão divina, ou seja, o sagrado, na análise do autor, refere-se a qualquer poder sobrenatural que altere o contexto comum, o dia a dia.

Por muitos instantes, o sagrado é interpretado como uma fusão de dualidades, considerando que a realidade superior envolve toda a significância do cosmos, portanto, abarca tanto o que é bom quanto o que é ruim. Para o indivíduo que adota uma existência sagrada, toda a organização do cosmos precisa adquirir um significado e assim o profano é percebido apenas como a falta dessa energia, desse significado. Então o profano traduz-se como ponto inicial de uma força e a intenção do autor é desvelar a experiência espiritual. Para isso, ele mostra como o indivíduo vê e entende o mundo que o cerca.

Assim, o sagrado e o profano se configuram, essencialmente, por meio de sua interpretação, maneiras distintas de se explorar este universo, de se adotar ou não um valor e um sentido para ele ou suas vivências nele. Existem variadas formas de existir em um universo. Entretanto, é fato que essas duas maneiras de existir estão no ser humano e são inseparáveis dele, ou seja, o ser humano procura um propósito e significado para a vida.

Logo, o sagrado, em sua totalidade, só consegue ser expresso no mundo profano, quando toma forma neste ambiente, mas ao fazê-lo seu valor nunca é totalmente exaurido por aquilo que incorpora, por aquilo que se torna visível. Essas estruturas, elementos, ambientes sempre revelam algo que ultrapassa seu significado convencional. Essa vivência ilustra seu caráter simbólico e, por isso, também elevado.

O símbolo revela certos aspetos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser (ELIADE, 1979, p. 13).

Dessa forma, a espiritualidade permanece no indivíduo contemporâneo e reside nas profundezas de sua essência e é nesse lugar que ela pode, sob a perspectiva de Eliade (1979), ser redescoberta, ressignificada.

3.3 Jornadas simbólicas de fé: rituais que conectam cidade e campo

Um aspecto importante na análise geográfica é a jornada religiosa, ou seja, a peregrinação, a qual implica “mover-se ou deslocar-se por lugares afastados” (CUNHA, 2007, p. 595) em um contexto de fé e adoração. Arnt (2006) menciona que um significativo número

de brasileiros caminha para vários destinos ao redor do mundo, buscando visitar locais de devoção. Esse formato de deslocamento apresenta um crescimento constante.

[...] a peregrinação se dá através da visita a lugares sagrados para cumprir promessas ou pedidos anteriores feitos a divindades ou a espíritos bem-aventurados. É considerado um ato de penitência quando o fiel se desloca a locais sagrados, com intenção de redimir-se de seus pecados e culpas, de forma livre ou por meio de conselhos religiosos (ARNT, 2006, p. 21).

À luz de Calvelli (2006, p. 24), a noção de peregrinação, isto é, a jornada, retrata o indivíduo itinerante, excursionista, fiel, romeiro, que se desloca pelo campo; ou um visitante de terras remotas, que se conecta com ‘o outro’, explorando um espaço específico. A crença também se destaca como um dos motivos que levam à escolha de realizar jornadas espirituais ao longo da história, gerando deslocamentos: “o termo peregrinação tem sido utilizado para designar um grande número de experiências históricas de deslocamentos espaciais motivados pela devoção”.

Dessa forma, é possível refletir sobre a interação territorial gerada pela circulação de participantes em sua vertente de jornada que acontece com o deslocamento da equipe de moradia em moradia, “todo folião se reconhece marcado pela obrigação de reproduzir essa viagem [...]” (PESSOA; PESSOA; VIANÊS, 1993, p. 108).

Esse deslocamento modifica os hábitos diários, abrangendo os âmbitos do trabalho, da escola, das relações sociais e da vida doméstica. O cenário geográfico é completamente alterado em relação ao deslocamento e ao trânsito das pessoas durante o ritual da folia. A cada ano, a viagem da fé se realiza novamente para atribuir valor aos sinais religiosos indispensáveis da religiosidade popular em mobilidade e unir o devoto com os “Santos”, amigos, parentes, familiares e outros devotos (CALVELLI, 2006). Neste sentido Damatta (1983, p. 80) esclarece:

A jornada peregrinatória implica um deslocamento, um caminho que relaciona o mais íntimo com o mais universal, até que se possa retornar novamente à intimidade, já que quando a viagem é bem-sucedida – alcançamos novamente a intimidade perdida com Deus e, por meio dela, com todos os outros homens, inclusive com nossos familiares.

Calvelli (2006) observa que as jornadas da fé são características das conexões espaciais e, em relação às Folias de Reis quirinopolitanas, esta é a parte em que grupos de homens e mulheres se deslocam no sentido campo-cidade e vice-versa para cumprirem um ritual de devoção e crença, conferindo ao espaço uma certa espiritualidade que se encontra em movimento, “os posicionamentos e direcionamentos, mais do que as palavras, definem os rituais” (MAIA, 2010, p. 97).

É importantíssimo frisar que esta pesquisadora peregrinou com as Folias, percorrendo trajetos, observando, fazendo anotações das localidades e percepções. No entanto, todos os participantes das entrevistas somente foram procurados após a aprovação do CEP. As entrevistas foram realizadas a partir de julho de 2023, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos participantes.

Com relação as jornadas da fé, o período de 2022-2023 foi um tempo diferente para os Foliões Tradição da Pedra Lisa. A esposa do senhor Zé Major estava com sérios problemas de saúde, então, em comum acordo, eles não foram os festeiros, como em todos os outros anos. Não houve a saída da bandeira, o terço e nem a Festa de Santos Reis. Os rituais foram designados para outra localidade, denominado de “Lá no Vaca”³⁷. Este estabelecimento de entretenimento está situado em uma zona rural no município de Quirinópolis, próximo à GO-164, conectando o local com Paranaiguara e São Simão e com a BR-364, uma das rodovias mais importantes do Brasil. É possível perceber que ali não há uma atividade turística na perspectiva do espaço rural, mas se trata de uma paisagem com potencial, já que é um ambiente de recreação e entretenimento para seus visitantes, inferido pela figura 25.

Figura 25 - Estabelecimento de Entretenimento “Lá no Vaca” (frente e lateral).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

³⁷ O senhor Vanderley Martins da Silva, mais conhecido como “Vaca” comprou uma propriedade próxima à GO 164 e mudou-se com sua família para a localidade. Antes o lugar era uma venda e o proprietário o senhor Jeová. Após o negócio, Vanderley aperfeiçoou o local transformando-o em um empreendimento para jogos, festas e lanchonete, denominado de “Lá no Vaca”. Nasceu em Itumbiara-GO em 1964, casado com a senhora Neuza Fernandes Martins Rabelo e tem duas filhas.

Em 2022/2023, os festeiros foram Thadeu e sua esposa Doralei³⁸. Tanto a reza do terço de saída e a entrega da bandeira aconteceram na localidade “Lá no Vaca”.

Figura 26 - Thadeu e Doralei: Festeiros de 2023: Reza do terço de saída das Folias “Lá no Vaca”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2022).

Nas cerimônias, a reza acontece diante do altar, um momento único e singular de devoção dos fiéis aos Santos Reis. É uma das obrigações dos foliões e nunca se negam a fazê-la, “o espírito de fé e a disposição para o sacrifício animam todas as atividades de um folião” (PORTO, 1982, p. 28).

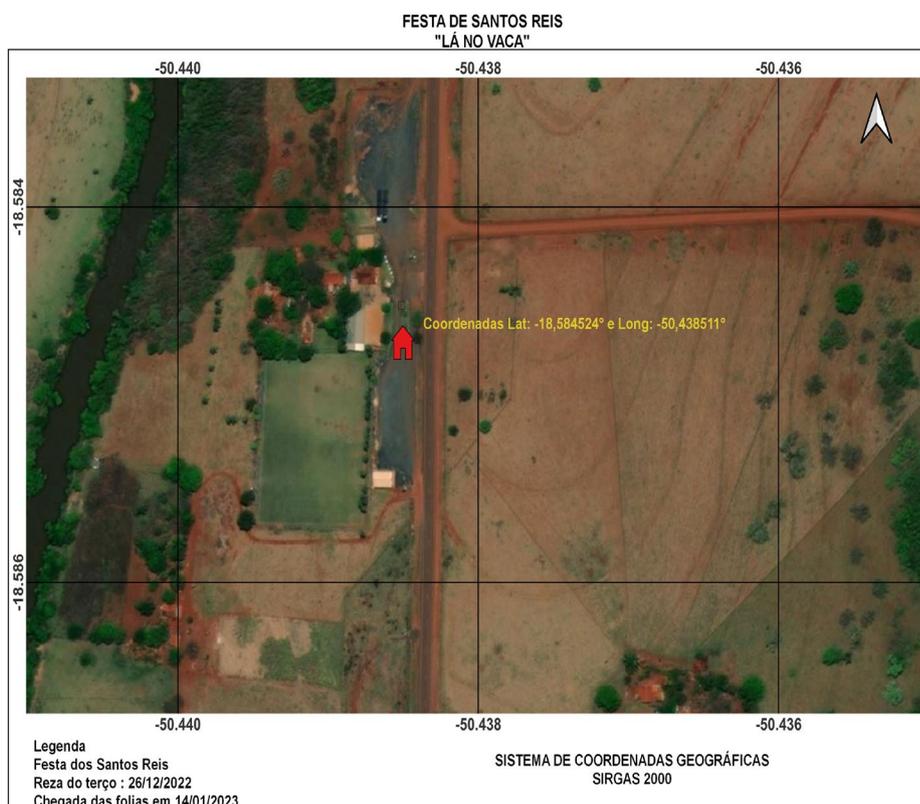
Realizar o terço é, em primeira instância, um compromisso de cada folião consigo mesmo e com a sua crença. O ritual tem a capacidade de englobar vários símbolos que se fundem com os elementos do cotidiano, “os rituais têm um conteúdo emocional e produzem interações espaciais” (MAIA, 2010, p. 98).

O terço conta passagens da vida de Jesus Cristo, sua via crucis, portanto apropriado, pois a Folia de Reis se propõe a divulgar o seu nascimento, então a prática é indispensável. A

³⁸ Thadeu Clóvis Malheiros e sua esposa Doralei Freitas Santos foram os festeiros do ano de 2023, cuja entrega da bandeira foi no Estabelecimento de Entretenimento “Lá no Vaca”. O “Vaca” e sua esposa, a senhora Neuza, eram amigos do casal. Doralei faleceu aos 42 anos, no dia 04 de setembro de 2023; era uma pessoa alegre, querida e muito devota de Santos Reis.

reza ocorreu no dia 26 de dezembro de 2022 e a chegada das bandeiras dia 14 de Janeiro de 2023, localidade inferida pela figura 27.

Figura 27 - Localização da reza do terço e chegada das folias “Lá no Vaca”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Rezar o terço é a principal característica de uma herança que une o catolicismo popular, o mundano ressalta o sagrado, por meio da vivência religiosa. Durante a reza, a emoção e a cumplicidade são expressões dos devotos, conforme relata a senhora Gilda Alves Barcellos, com 50 anos, nascida e criada em Quirinópolis, para quem a reza do terço

... é assim como segurar na mão de Maria, né? Acho que é uma, tipo assim, uma porta para você entrar o céu. E tem até uma história assim que Maria jogou o terço. As pessoas estavam lá fora, queriam entrar para o céu e pedindo para Maria. E ela pegou e jogou um terço. A pessoa foi, pegou no terço, foi subindo, entrou para o céu. Quer dizer, o terço é uma porta para o céu, é uma janela para a gente entrar no céu quando a gente reza o terço. E é assim, um jeito de você chegar mais perto de Deus, está mais perto de Deus, de Nossa Senhora ou dos santos, né? Então a gente é devota (Gilda, entrevista, agosto de 2023).

A reza do terço, nesse contexto, representa um gesto de crença tão significativo quanto as demais ações; é a oportunidade em que ocorre a união de todos e o devoto que quiser

recitar uma sequência de rezas pode fazê-lo em conjunto com os responsáveis do rito que, geralmente, são as mulheres (figura 28).

Figura 28 - Reza do terço que antecede a saída das Folias: “Lá no Vaca”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Para Glauber Gil B. de Jesus, 20 anos, universitário, a reza do terço tem a seguinte importância:

Tem a sua importância espiritual, porque rezar é a melhor forma de se encontrar com Deus. E também acho que para nós a importância de se encontrar e morar na fazenda. Hoje em dia, um aspecto é você morar longe de todo mundo. Porque antigamente as pessoas moravam muito juntas, porque tinha muita gente. Hoje em dia é difícil você se encontrar com as outras pessoas. Esses encontros para mim eram mais de importância de você se encontrar com as pessoas que moram longe de você e também moram na fazenda, ou seja, tem a mesma realidade que você. Toda semana a gente se encontrava com aquelas outras pessoas pelo fato de que a gente ia rezar juntos. Então é isso, é uma união. Ali eu acho que esse caráter social para mim é o mais importante. Claro, tem o caráter individual de você rezar, se encontrar com Deus, mas também tem o caráter coletivo de você se encontrar com as outras pessoas. Para mim também é muito importante isso (Glauber, entrevista, agosto de 2023).

A relevância do terço de acordo com os participantes da entrevista está associada à necessidade de conexão espiritual dos foliões com Deus, Maria e os Santos, sendo uma das ocasiões mais sagradas da Folia e deve ser respeitada e praticada seguindo as demandas da fé. De acordo com as falas da senhora Gilda e de Glauber rezar o terço auxilia no fortalecimento da espiritualidade e da interação com Maria, Jesus, Deus e os Santos.

Com a repetição das orações e a meditação nos diferentes mistérios, permitem que os fiéis aprofundem na experiência da presença divina, tornando os corações mais abertos à

generosidade. Contemplou-se ainda que a prece do terço contribui para a limpeza da alma e transforma gradualmente o ser humano, como um tratamento natural, administrado em pequenas quantidades diariamente e pode mudar completamente a pessoa. A devoção ao terço se revela como a principal aliada para enfrentar as aflições e uma significativa forma de restaurar o ser e a alma.

As bandeiras e o altar representam o sagrado. Os símbolos são marcas importantes para seus adeptos. De acordo com Rocha (2004, p. 09), o altar assim como a bandeira, "é o ponto que liga o humano com o divino". Para a senhora Gilda e o senhor Márcio Marciano, 55 anos, motorista:

A bandeira é o santo que a gente é devoto, né? Que é o santo dá os Reis Magos, né? Então, aquilo ali é uma devoção muito grande. A gente tem que ter respeito e pedir com fé. E a devoção naquele santo ali, naquela bandeira, a gente vai passar ele dentro dos quartos, dos cômodos. É como se ele estivesse tirando tudo de mal dentro de casa, né? Como é mesmo a fé da pessoa? Mas a bandeira representa ali o santo da fé (Gilda, entrevista, agosto de 2023).

Para mim... Acho que assim ela tem um significado muito grande assim. Porque ela é uma. É tipo uma proteção que você tem dos três reis, você tá ali para onde você vai, ela é muito recebida. Todo lugar que você chega. Tem gente que chega ajoelhar no chão, tem um chega chorar. Eu acho que é onde ela passa. Ela tem muito significado (Márcio, entrevista, setembro de 2023).

Os depoimentos da senhora Gilda e do senhor Márcio evidenciam que a bandeira é vista como o símbolo sagrado, a devoção em movimento, objeto material que irradia virtudes e forças sobrenaturais. O que de certa forma remete à

experiência religiosa proporcionada pela tradição popular é a de que o sagrado irrompe no mundo de muitas formas e por muitas mediações, assumindo expressões múltiplas e diversificadas para além das fronteiras das religiões institucionalizadas. Cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado (STEIL, 2001, p. 32).

Durante o ritual do terço, percebe-se que no altar há duas bandeiras lado a lado:

[...] à frente do grupo em sua caminhada pelas ruas, ao adentrar as casas dos devotos e em todos os lugares por onde circula. Devotos buscam tocá-la, beijá-la, momento em que, em geral, proferem orações, fazem pedidos ou agradecimentos (ABREU; MAGNO, 2017, p. 27).

Na função de guias das Folias, é necessário proteger a bandeira, assim como ela também garante a segurança durante as extensas jornadas; ao término do terço é realizado o toque da bandeira, momento ímpar em que tanto os foliões quanto os devotos se ajoelham na frente dela, fazem o sinal da cruz e a beijam.

Figura 29 - Reverência do folião no terço que antecede a saída das Folias “Lá no Vaca”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Para Brandão (1977, p.11):

[...] A bandeira é o objeto ritual de maior valor religioso. Em vários momentos, quase todos os presentes vão até ao altar e beijam, de joelhos, uma ou algumas fitas da bandeira. A frequência de ‘beijação da bandeira’ é maior quando a Folia chega, quando o terço acaba de ser rezado ou quando a Folia vai se retirar do pouso.

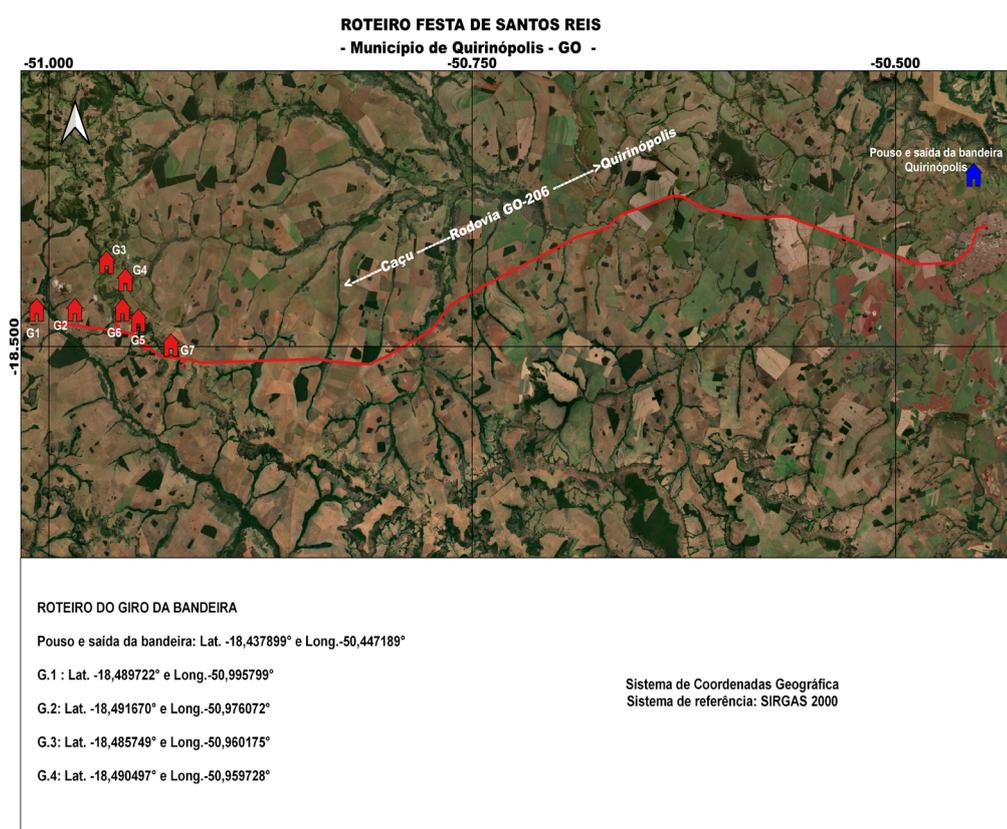
Essa postura revela a importância da conexão com o sagrado para que tudo seja bem sucedido. Também expressa a fé, a submissão e a reverência exigidas aos Santos. Compreende-se que nenhuma ação religiosa acontece sem o sagrado, sem o divino, por conseguinte, fazer parte da folia significa “seguir os passos da bandeira pelas estradas, ajoelhar diante do altar e reverenciá-la, acompanhar com um olhar piedoso” (BRITTO, 2015, p. 178).

Após o terço, as Folias estão prontas para começar o giro, isto é, a romaria, a peregrinação. Em 2022/2023 foram 9 dias de peregrinação por várias localidades em Quirinópolis – GO e as sub-regiões. Tivemos a oportunidade de acompanhar a Companhia de Foliões Visitantes do Oriente durante todos os dias. O giro de 9 dias foi recomendado pelo festeiro, o senhor Thadeu e Doralei, sua esposa, para pagar uma promessa.

De acordo com Brandão (1983, p. 24) o giro é “o nome dado à jornada cumprida pela companhia [...] o nome do trajeto feito entre pousos [...]”. O giro foi organizado pelo ponteiro e o festeiro. Para Pessoa e Felix (2007, p. 199) “sair com uma folia é embrenhar-se numa jornada de profundo respeito e sentimento religioso. Começa-se a realizar mais uma vez uma tarefa de interação com o sagrado e com a fé do povo”.

O giro da Folia começou no dia 27 de dezembro, com saída de Quirinópolis para a região das Perdizes, projetado pela figura 25, aproximadamente 100km rodados. Nessa localidade, muitas fazendas eram próximas à GO-206. Outras, os foliões não conseguiram visitar pois eram de difícil acesso, a estrada era de terra massapé e estava escorregadia devido às fortes chuvas desse período.

Figura 30 - Início do giro na Sub-região das Perdizes.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (Pesquisa de Campo, 2023).

Durante o giro, os foliões deslocaram-se até as casas tanto da área rural como urbana. Em cada casa eles entronizam a bandeira do grupo, cantando e recebendo donativos como alimentos ou dinheiro para a festa de encerramento da Folia. Uma ocasião de preocupação, de angústia, é incluída como parte do ritual, ativando esse aspecto histórico da cultura, o milagre, para a superação de toda adversidade durante os trajetos e rituais³⁹.

Em certa ocasião, fomos recebidos por um devoto, que “todas as vezes que a Folia passava por sua fazenda, ele recebia a bandeira de joelhos, como sinal de devoção”. Os versos

³⁹ Dado retirado do trabalho de campo, em que no trajeto para a sub-região das Perdizes, o motorista foi por um caminho errado e ficamos perdidos durante toda a tarde. Conseguindo retornar ao caminho correto somente ao anoitecer. E, enquanto isso, os foliões cantavam e contavam causos sobre os milagres recebidos.

Aí está esse devoto, com a bandeira na mão
 Aí está esse devoto, com a bandeira na mão
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é

Veja lá se é promessa ou se é uma devoção
 Veja lá se é promessa ou se é uma devoção

DEVOÇÃO

Veja lá se é promessa ou se é uma devoção
 Veja lá se é promessa ou se é uma devoção
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

Fazendo o sinal da cruz, agora pode alevantar
 Fazendo o sinal da cruz, agora pode alevantar

Fazendo o sinal da cruz, agora pode alevantar
 Fazendo o sinal da cruz, agora pode alevantar
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

Os Três Reis do Oriente, acabou de abençoar
 Os Três Reis do Oriente, acabou de abençoar

Os Três Reis do Oriente, acabou de abençoar
 Os Três Reis do Oriente, acabou de abençoar
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

Agora peço licença, pra morada nois entra
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

A bandeira foi na frente, folião acompanhar
 A bandeira foi na frente, folião acompanhar

A bandeira foi na frente, folião acompanhar
 A bandeira foi na frente, folião acompanhar
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

Vai saudar a imagem santa, no lugar onde ela está
 Vai saudar a imagem santa, no lugar onde ela está

Vou saudar a imagem santa, no lugar onde ela está
 Vou saudar a imagem santa, no lugar onde ela está
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

(Capitão Paulo)

Ter uma Folia de Reis em casa é uma indescritível alegria para qualquer família que tem fé e é devota de Santos Reis, assim, “[...] quem recebe e agrada os foliões, recebe e trata bem os próprios Reis Magos, indo para Belém” (PESSOA; PESSOA; VIANÊS, 1993, p. 114).

Os santos sendo vistos como mediadores de poder estão conectados ao contexto de vida dos devotos e, por consequência, as maneiras de expressar essa devoção podem ser diversas (PIMENTEL, 2008). Ainda, de acordo com o autor,

Um mesmo santo, portanto, pode ser recordado de maneiras diversas, isto é, os devotos podem perceber, qualificar, representar socialmente um santo, mas na medida em que é capaz de influenciar em comportamentos e crenças, ele vai sendo incorporado à tradição (PIMENTEL, 2008, p. 66).

O ser humano, mesmo na contemporaneidade, ainda busca o sagrado e, mesmo que por vezes possa deixar de lado essa ação importante, essas pequenas expressões locais de uma religiosidade popular, mesclando-se às correntes históricas, seguem, isso porque, “todo o espaço fica ocupado por quem está relacionado com o santo. A atmosfera criada é de transferência de lealdades e de abertura para o campo sagrado” (DAMATTA, 1983, p. 81).

Essa diversidade de intenções é direcionada por meio do símbolo, do sagrado, como mostrado pela bandeira da folia que representa o centro do mundo e, ao ser avistado, pode evocar uma atmosfera de reverência. O sagrado é viável nessas demonstrações devido à participação humana, em um estado de ritual, um estado além do comum, a partir da diversidade do tempo e espaço.

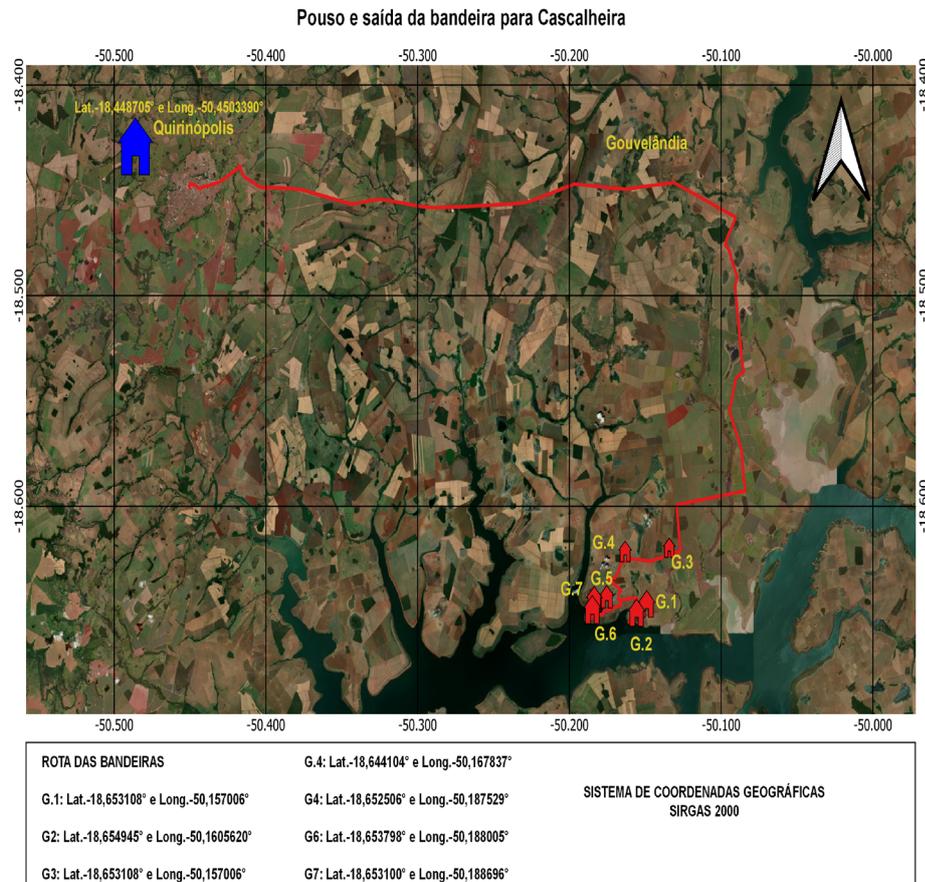
Neste contexto, o que acontece não é mais uma separação física, como dentro e fora do local sagrado, mas sim, algo transcendental que atravessa os lugares produzindo um espaço diverso que se move e é mantido pela devoção religiosa, assim, “o santo, quando passa, vai criando filiações que se estabelecem muitas vezes pelo olhar ávido de fé dos seus devotos” (DAMATTA, 1983, p. 81), portanto, o símbolo é essencial para adentrar nesse domínio da religiosidade popular.

Em consonância com esse pensamento, Eliade (1996, p. 13) explica:

O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser.

No dia 29 de dezembro, o destino dos foliões foi a Cascalheira, localizada aproximadamente 68,8 Km de Quirinópolis, sentido Gouvelândia, via BR-483, onde foram visitados ranchos e fazendas. O local é longe de Quirinópolis, conforme se pode verificar na figura 32.

Figura 32 - Giro da Companhia na região da Cascalheira



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (Pesquisa de Campo, 2023).

O padrão da visita da Folia na Cascalheira permaneceu o mesmo, pedindo a oferta, agradecimento e saída. No entanto, os versos do repente muitas vezes foram modificados, pois o capitão tinha astúcia para elaborar observando as características do local e dos devotos.

Aqui vai um boa tarde, em nome da companhia
Aqui vai um boa tarde, em nome da companhia
Aiaaaaaa!

Aqui vai um boa tarde, em nome da companhia
Aqui vai um boa tarde, em nome da companhia
O iaiaiaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Pela sua devoção, a recebe a nossa guia
Pela sua devoção, a recebe a nossa guia
Aiaaaaaa!

Pela sua devoção, a recebe a nossa guia
Pela sua devoção, a recebe a nossa guia
O iaiaiaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!
É promessa do festeiro, viajar os nove dias
É promessa do festeiro, viajar os nove dias
Aiaaaaaa!

É promessa do festeiro, viajar os nove dias
 É promessa do festeiro, viajar os nove dias
 O iaiaiaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Vem pedir a sua oferta, para a festa lá no dia
 Vem pedir a sua oferta para a festa lá no dia
 Aiaaaaa!

Vem pedir a sua oferta, para a festa lá no dia
 Vem pedir a sua oferta para a festa lá no dia
 O iaiaiaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Leva bandeira lá dentro, bençoar sua moradia
 Leva bandeira lá dentro, bençoar sua moradia
 Aiaaaaa!

Leva bandeira lá dentro, bençoar sua moradia
 Leva bandeira lá dentro, bençoar sua moradia
 O iaiaiaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

(Capitão Paulo)

A Folia de Reis é compreendida nas localidades visitadas como patrimônio que os caracteriza e envaidece. Todos são bem receptivos e alegres em receber a bandeira em suas casas. A bandeira é sempre levada à frente dos foliões pela pessoa responsável, geralmente o alferes. Quando chega às residências, é entregue ao dono da casa que a leva para dentro, percorrendo todos os cômodos abençoando o ambiente; muitas pessoas a guardam nos quartos na cabeceira das camas e só a trazem de volta quando solicitado pelo capitão por meio de versos. Assim, “a crença popular nos seres divinos, e como este é parte do imaginário popular e criatividade dos participantes, assume muitas formas de grupo para grupo” (TREMURA, 2004, p. 4).

Vou pedir nossa bandeira
 Dos Três Reis do Oriente
 Vou pedir nossa bandeira
 Dos Três Reis do Oriente

Vou pedir nossa bandeira
 Dos Três Reis do Oriente
 Vou pedir nossa bandeira
 Dos Três Reis do Oriente
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é

Pra poder lhe agradecer
 Traga ela em nossa frente
 Pra poder lhe agradecer
 Traga ela em nossa frente

Pra poder lhe agradecer
 Traga ela em nossa frente
 Pra poder lhe agradecer
 Traga ela em nossa frente
 E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

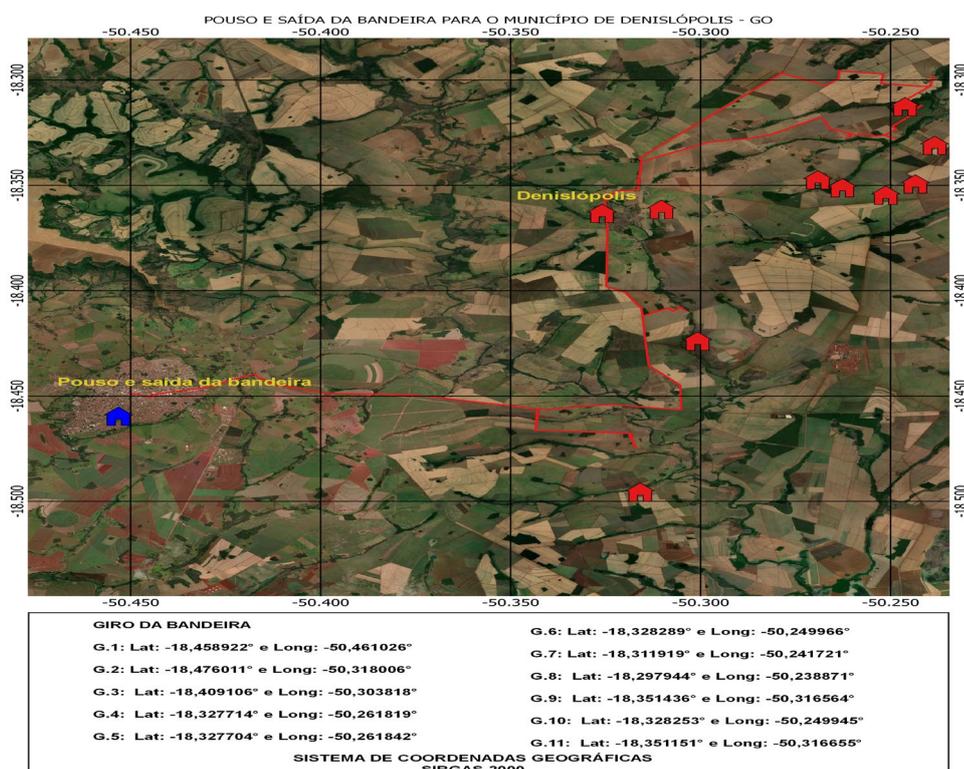
(Capitão Paulo).

E conforme indicado por Brandão (1983, p. 45) “a própria cantoria é percebida como uma sequência religiosa e simbolicamente eficaz para a solução de compromissos individuais com os Santos Reis.” Os locais designados para o almoço e pouso são combinados antecipadamente com o festeiro e o ponteiro. Não existe qualquer exigência ou restrição em relação à alimentação oferecida e normalmente são servidos arroz, feijão, carnes bovinas ou suínas, frango, além de macarronada e alguma salada.

Importa frisar que o giro das folias acontece durante o dia, estendendo-se até por volta das 20 horas, no máximo. Caso sejam convidados para jantar ficam até mais tarde. A ingestão de bebidas alcoólicas durante as viagens e após os rituais é bastante comum. Mas, o capitão: é que “reúne os foliões e faz as advertências a respeito dos atributos religiosos e de obrigação do ritual. Ele controla horário, vigia o uso de bebidas alcoólicas e a atuação de cada folião, dentro ou fora das apresentações das cantorias” (BRANDÃO, 2004, p.348).

O distrito de Denislópolis, inferido pela figura 33, foi visitado no dia 30 de dezembro. Está localizado a 21,4 Km de Quirinópolis, via GO-319. Foram percorridas várias fazendas e residências no local. Em Denislópolis, por meio do trajeto do giro, foi possível perceber que a peregrinação seguiu algumas regras como, por exemplo, não voltarem pelo mesmo caminho da ida.

Figura 33 - Giro da Companhia em Denislópolis.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (Pesquisa de Campo, 2023).

Interessante relatar que essa norma representa a narrativa bíblica (Mateus 2: 1-12)⁴⁰ na qual Herodes, ao tomar conhecimento da peregrinação dos Reis Magos em busca do Menino Jesus, chamou-os e requisitou que, ao encontrá-lo, voltassem para revelar onde ele se encontrava, de modo que ele mesmo pudesse adorá-lo. Entretanto, logo após os Reis Magos terem encontrado Jesus e o reverenciado, presenteando-o generosamente, receberam um aviso em sonho para não regressarem a Herodes. Escolheram seguir outro trajeto de volta às suas terras, evitando cruzar os caminhos já percorridos.

Um detalhe a acrescentar é que nenhuma Companhia pode negar solicitações feitas, ou seja, caso estejam em alguma casa, avenida, rua e as pessoas peçam uma visita à sua casa a Folia tem que atender ao pedido, pois antes de ser uma expressão cultural, é também uma manifestação religiosa, e não se deve recusar a bênção, pois as pessoas podem se sentir desconfortáveis ou prejudicadas em relação não apenas aos foliões, mas também aos Santos Reis que não puderam abençoar suas residências.

Pelas ruas da cidade, caso alguém ofereça uma “prenda ou uma “oferta”⁴¹ todos os foliões se dirigem à pessoa que realizou a doação e cantam os versos em gratidão, para só depois prosseguirem a sua jornada.

Agradeço a boa prenda
Vai sair lá da internada
Agradeço a boa prenda
Vai sair lá da internada

Agradeço a boa prenda
Vai sair lá da internada
Agradeço a boa prenda
Vai sair lá da internada
E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

Santos Reis lhe abençoe
Aumentar sua boiada
Santos Reis lhe abençoe
Aumentar sua boiada

Santos Reis lhe abençoe
Aumentar sua boiada
Santos Reis lhe abençoe
Aumentar sua boiada
E-é-é-é-é-é-é-é-é-é-é”.

(Capitão Paulo)

⁴⁰BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução da Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003. Disponível em: https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf. Acesso em: 2 maio 2023.

⁴¹ Os foliões fazem distinção entre prenda e oferta. A prenda tem um valor simbólico maior, que até pode ser leiloadada como, por exemplo, uma novilha, um boi, um bezerro e até um leitão gordo. Já a oferta pode ser alimento como pacote de arroz, feijão, macarrão e valores menores como dez reais, vinte, cinquenta.

Em todas as localidades visitadas os foliões receberam almoço e na chegada para a refeição faziam “meia-lua” (quando os foliões se dividem em duas filas guiadas pelo capitão, caminhando em forma de meia-lua, tocando, cantando, pedindo licença para adentrar na residência), logo, pediam agasalho para a estrela guia, no caso a bandeira e também para os instrumentos.

Na saída do almoço, agradeciam pela refeição oferecida e repetiam o ritual. Interessante ressaltar que o café da manhã era servido nas residências que recebiam a bandeira para o pouso e no outro dia acontecia a saída, ambos aconteciam na cidade. Nesses locais, não parecia que estavam em lugares estranhos, sempre com sorrisos nos rostos, boa vontade e conversa agradável.

Aceitar a bandeira para o pouso, foi, e ainda é, um privilégio e compromisso para qualquer família devota de Santos Reis, “não são raros os donos que choram ‘ao despedir da bandeira’” (BRANDÃO, 2004, p. 367). Essa é uma ocasião de ter em casa a visita dos santos e daqueles que os simbolizam. É válido ressaltar que quando a bandeira é deixada para o pouso, sempre tem a saudação, em que os foliões se ajoelham e beijam a bandeira se despedindo.

Maria de Nazaré
Que Jesus nasceu em Belém
Que Jesus nasceu em Belém

Vou beijar a nossa guia
Nas horas de Deus, amém
Nas horas de Deus, amém

Maria de Nazaré
Que Jesus nasceu em Belém
Que Jesus nasceu em Belém

Vou beijar a nossa guia
Nas horas de Deus, amém
Nas horas de Deus, amém.

(Capitão Paulo)

No outro dia, os foliões retornam à casa para buscar a sua guia e assim continuam a peregrinação. O que se percebe é que a melodia faz parte da manifestação religiosa que identifica esse ritual, com uma riqueza de sentidos e significados decorrente da vivência diária. Um evento que concentra em suas “músicas” os desejos do fiel, pela fé demonstrada por meio do canto. “É através da cantoria de Santos Reis que os principais momentos de toda a jornada são realizados” (BRANDÃO, 1983, p. 18).

Assim, com muita satisfação, confiança e convicção, os foliões dedicam dias para visitar pessoas que desejam e acreditam na mensagem dos Santos Reis. E, depois da romaria, culminam sua trajetória com a Festa dedicada aos Santos, com reza, cantoria, boa comida, músicas e danças. Os foliões revelam estar firmes em suas convicções e crenças, nas quais embasam sua fé, esforçam-se na manutenção do respeito e amizade entre os membros dos grupos e de forma geral entre todos da comunidade, dessa forma “[...] se pode definir a Folia de Reis como um grupo itinerante de homens devotos” (PESSOA; PESSOA; VIANÊS, 1993, p. 120).

Corroborando com esta afirmativa, Brandão (2004, p. 383) ratifica:

Para o folião, a folia é em si mesma um acontecimento de valor religioso. Quando o embaixador ou o gerente⁴² se dirigem aos seus ‘companheiros’, sempre acentuam duas coisas: o caráter sagrado do ritual e a obrigação contraída de realizá-lo uma vez por ano.

Percebe-se que seus rituais abraçam princípios, crenças, sensações de pertencimento e identidades com o ambiente de convivência. Os rituais são discursos, formas pelas quais os indivíduos experimentam, na festividade conjunta da sociedade, a assimilação de sua própria identidade.

As folias também contribuem para disseminar e aclimatar o catolicismo, criando momentos de reafirmação da fé, conagração coletivo e quebra da rotina. Na maioria das vezes é a promessa que move muitos devotos a deixarem suas casas e adentrarem outras como divulgadores da chegada de um Deus Menino que renasce a cada ano nas lapinhas dos moradores (BRITTO, 2015, p. 178).

A fé manifestada nos rituais da Folia em devoção aos Santos Reis é caracterizada pelos laços comunitários e de ligação com os territórios. São eventos que trazem consigo um aspecto religioso que está imbuído de significados que podem propiciar a união entre os grupos e todos que participam. Conforme menciona Brandão (2010, p. 71):

Para que um ritual religioso popular cumpra o que se espera dele, é preciso que tudo seja feito observando regras rigorosas de conduta. Todos momentos são prescritos e, neles, todos os gestos individuais e coletivos também. Alguns versos podem ser improvisados, mas os atos que os acompanham não. Cantos, rezas, posturas de corpo, detalhes de trocas entre pessoas – entre foliões, entre foliões e moradores, entre foliões e promesseiros acompanhantes – necessitam ser, ao longo de cada jornada anual, rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um demorado momento de culto coletivo que reinventa uma tradição acreditada, porque se repete todos os anos da mesma maneira.

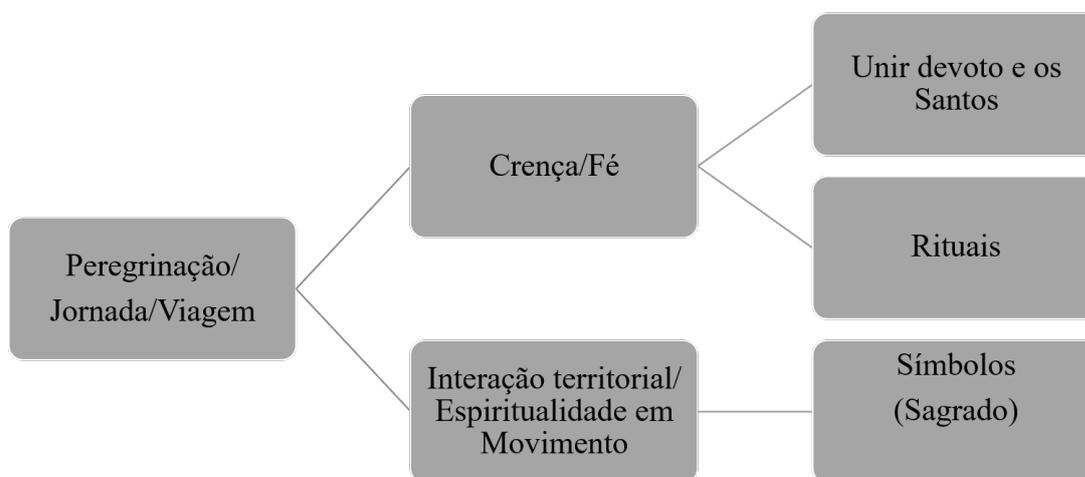
⁴² Mestre, embaixador, tirador, gerente e capitão, são os nomes mais empregados na designação de uma mesma função, de enorme importância em qualquer Folia de Reis, aquele que tem a posição de líder do grupo (FÉLIX; PESSOA, 2007).

Após terem concluído os dias de giro, não é permitido à equipe fazer mais visitas, então todos começam a se organizar para o dia tão esperado que é a celebração da Festa de Santos Reis.

Cabe lembrar que na Pedra Lisa a Festa de Reis é sempre no dia 05 de janeiro, podendo essa data ser em qualquer dia da semana. Na outra localidade, “Lá no Vaca”, preferiu-se o final de semana, o sábado, para que pudessem receber mais pessoas. Então, como não foi realizada a Festa na Venda do Zé Major, a data da comemoração foi posterior, 14 de janeiro de 2023.

As festas realizadas em áreas rurais como o estabelecimento de entretenimento “Lá no Vaca” são momentos para celebrar a convivência e fortalecer as raízes culturais. A Festa dos Santos Reis é o momento mais aguardado de toda jornada, simboliza a chegada dos Três Reis à Belém. Analisemos o diagrama a seguir.

Diagrama 2 - Jornadas Simbólicas de Fé



Fonte: Elaborado pela autora (Pesquisa de Campo, 2023).

No contexto da devoção das pessoas aos Santos Reis, na efetividade dos rituais da Folia, na força da bandeira, nas jornadas que enfrentam os foliões para cumprir os dias de peregrinação, múltiplas histórias vão se desenvolvendo e se aprofundando dentro da estrutura da Folia, cada vez mais se tornando evidentes no imaginário da coletividade que se junta para a celebração. As jornadas, a movimentação, os trajetos, as visitas às residências, paradas e a coleta de doações da folia possibilitam o entendimento de que as manifestações rituais geram

intensas trocas espaciais por meio da crença, da dedicação, da oferta e das emoções no tempo e espaço do movimentar do giro.

Os devotos vivenciam uma motivação que os leva a seguir em uma jornada de fé, imitando de forma simbólica o caminhar do Reis Magos. Dessa forma, o significado da festividade transcende sua manifestação física, alcançando a esfera espiritual, emocional, da própria essência do indivíduo e do universo através das rezas, cantorias e símbolos. A pessoa fiel, ao fazer um voto, assume a responsabilidade de colocá-lo em prática com gestos durante as celebrações, disponibilizando seu lar para acolhimento, além de recolher contribuições para a festa dos Santos Reis. A promessa desempenha papel fundamental na vida dos foliões e festeiros, assegurando a permanência da espiritualidade e das atividades da Folia de Reis, funcionando como uma motivação religiosa crucial para a manutenção da fé entre a coletividade.

3.4 Quando os santos chegam, é dia de festa!

A explicação fundamental para a existência da Festa da Folia de Reis é o nascimento do Menino Jesus, fato denominado Epifania do Senhor⁴³. Este verbete de matriz grega traz consigo o significado de “revelação divina” ou “manifestação celestial”. Simboliza o alvorecer e destaca a celebração dos Reis Magos que ocorre no dia 06 de janeiro, ocasião em que o Menino Jesus apareceu para os gentios e quando a chegada do Messias foi anunciada pelos Três Reis. Segundo Pereira (2007, p. 49):

[...] a Folia de Reis consegue reunir o povo como sujeito histórico que é capaz de interpretar, criar e recriar a sua própria cultura. Num tempo de erudição, de linguagem sofisticada que divide, separa e exclui, a Folia de Reis apresenta-se como uma possibilidade de participação efetiva no campo religioso. Mas não é uma participação qualquer. O ritual da Folia de Reis é capaz de transformar pessoas comuns em personagens centrais de uma das mais importantes histórias ocorridas no âmbito do cristianismo.

⁴³ A palavra Epifania é de origem grega e significa revelação, manifestação, uma teofania (uma aparição divina). Deus aparece e é visto pelo ser humano. Jesus se manifesta e é reconhecido como Deus pelo ser humano através dos magos do oriente. Disponível em: <https://www.resourceumc.org/es/content/a-epifania-magos-e-pastores-cultuam-a-menino-jesus#:~:text=A%20palavra%20epifania%20%C3%A9%20de,e%20dos%20pastores%20do%20campo>. Acesso em: 23 fev. 2024.

Este acontecimento é lembrado pela Igreja Católica no início de janeiro, exatamente no primeiro domingo. Durante um longo período, a Epifania do Senhor era a data mais relevante no calendário católico, entretanto, com o decorrer dos anos, foi substituída pelo Natal. Em determinadas nações, sobretudo na Europa, ocorre a celebração do nascimento de Cristo em 06 de janeiro, pois foi nesse dia que Ele foi anunciado ao mundo pelos Três Reis Magos. A partir do século V, no Ocidente, as festividades da Epifania do Senhor e do Natal foram separadas, estabelecendo datas distintas para cada uma (BITTER, 2008).

Nas palavras de Bitter (2008) a festa se estabelece concretamente e fortalece os vínculos de engajamento mútuo entre festeiros e fiéis devotos e entre estes e seus santos. Trata-se verdadeiramente de uma cerimônia pomposa caracterizada por práticas religiosas, estímulos sensoriais variados, intensa convivência com abundância de alimentação e bebida, permeada ainda por diversos elementos da vida real.

Wanderléia Silva Nogueira, no trabalho intitulado *A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: lugar de memória 1918-2010* destaca o lugar de memória da comemoração de Reis e as alterações que aconteceram nas ações, exposições e simbolismos culturais presentes. A autora acompanhou a entrega da bandeira no dia da festa de Santos Reis e retratou festas anteriores. Salienta em sua pesquisa o contraste da expressão cultural e espiritual local com a evolução econômica e social. Assim, Nogueira (2011) observa a transformação da cidade e posiciona os ícones presentes nessa ocorrência, debatendo de que maneira eles se mantêm e são alterados na lembrança dos fiéis. Conforme Nogueira (2011, p. 63):

A festa é um território lúdico no qual se exprimem igualmente atos coletivos e ligados diretamente à relação do homem com sua fé, uma união do Catolicismo Popular com a cultura local, marcando o território da tradição e passando por uma realidade transcendente ao que comumente se chama de sagrado, mas ela se materializa propriamente nas coisas “mundanas”, ou seja, no profano.

Reforçando essa ideia, Silva (2008, p. 192) reitera que,

[a]s festas são, sobretudo, eventos e celebrações nos quais é mais claramente percebido o caráter dinâmico da cultura popular. Ao mesmo tempo em que enraízam em cada membro do grupo social, seus valores, suas normas e suas tradições abrem espaços, continuamente, para novas maneiras de representar o sentir, o ser e o viver no mundo atual, numa lenta - às vezes mesmo imperceptível, o que não quer dizer inexistente -, mas efetiva mudança de mentalidade.

Corroborando com os trechos citados, Souza (2015, p. 142) endossa que “a festa é e sempre foi uma necessidade para os camponeses de Pedra Lisa. Para rezar, precisam da festa, mesmo que seja apenas um jantar. Para trabalhar, precisam dela, para descansar, para comemorar”.

A vivência religiosa altera a maneira como se percebe o espaço e o tempo. A consagração do local onde se estabelecem e se efetivam os rituais o transforma em um “espaço sagrado”, da mesma forma que a repetição constante dos rituais converte o tempo contínuo em tempo alternado, metamorfoseando o tempo profano em um tempo sagrado (Eliade, 1992).

Compreende-se que as práticas de fé populares, mesmo que não ocorram em locais de cultos formais, têm como objetivo consagrar o cotidiano, aproximando o sagrado do que é considerado profano. O caráter secular das festividades religiosas se evidencia pelo alegre, festivo, criado para divertir e entreter os que ali se encontram com a finalidade de proporcionar um espaço animado e acolhedor para todos. Normalmente se realizam nesses locais eventos beneficentes, entretenimentos, cozinhas típicas, ritmos populares, danças regionais.

No espaço onde se dá a realização da Festa da Folia, a essência popular, isto é, o profano é notado, tendo sido preparado previamente pelos organizadores do evento, pois o mesmo equipamento de som utilizado para "conduzir" o terço, igualmente será empregado pelo músico que alegrará os convidados na dança do forró. A venda e o compartilhar de bebidas alcoólicas também ocorrerá nesse lugar depois de finalizada a entrega das coroas pelos festeiros. Na festividade dos Reis Magos, o sagrado e o profano coexistem em harmonia. A prática não tem um único autor, embora cada agrupamento tenha seu embaixador ou capitão. É um rito comunitário cheio de simbolismos, com suas próprias formas de se reintegrar e se reinventar. A festa, além de exibir o espaço sagrado, também expressa o seu lado social, já que as comunidades rural e urbana se reúnem e os amigos se aproximam. Para Glauber a Festa não é apenas uma comemoração, mas também, momento ímpar de chegada, reencontro e partida:

Eu me lembro de festas lá no Zé Major. Me lembro de festas ali. Uma de Folia de Reis lá no Beira Rio e também aqui no Vaca, né? E principalmente, minhas memórias mais passadas eram lá no Zé Major, onde tinha muita gente. Era uma quantidade muito grande de pessoas. E o principal para mim, ali realmente era o encontro. Eu acho muito engraçado isso, porque a gente encontrava pessoas que a gente nem via. Eu tinha uns primos que eu via só na Festa de Reis. Era o momento de encontrar com a família. Era lá. Eu achava isso muito legal, porque antes de iniciar a festa, a gente chegava cedo e se encontrava com as pessoas conversar e esperava um momento da festa. E aí depois ia acompanhar os foliões. Eu gostava bastante. (Grifo nosso). (Glauber, entrevista, agosto de 2023).

O depoimento evidencia que a festa, com suas músicas, batidas e melodias, desperta emoções e lembranças que revelam a cultura e a história particular das pessoas.

Conforme destacado por Mariano (2009, p.3) as festas representam, então, uma continuação da rotina, estão ligados a um “ciclo de reprodução da vida”. Assim, o dia a dia passa por uma mudança no seu ritmo lento devido a uma estrutura, ligada à temporalidade, criada pelo próprio sujeito para vivenciar o momento alegre de uma celebração de procedência tão antiga. As festas são vistas como uma forma de perpetuar uma cultura. A cultura é, portanto, elaborada pelas interações humanas e a identidade é “construída” a partir disso (MARIANO, 2009). Legitimando essa visão, Guarinello (2001, p. 972) assim define a Festa:

Uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

Na festa acontece uma relevante reunião da comunidade e inúmeras pessoas marcam presença, chegando cedo para esperar a bandeira, sendo este um dos momentos mais empolgantes, pois são os Santos Reis que lá estarão para participar de todos os rituais - “a Festa passa pela manifestação da fé popular que ‘sacrifica’ o espaço, a vida, a história das pessoas que ali depositam sua crença” (NOGUEIRA, 2011, p. 66).

Essa celebração cultural representa um momento significativo que nos ensina a maneira de viver e entender a vida que nos rodeia, refletindo a harmonia entre o passado e o presente. Sem o novo, ficamos estagnados, mas sem o passado trazemos ao hoje e ao amanhã mãos vazias (PESSOA, 2009).

Os foliões chegam entoando músicas, com o alfares carregando a bandeira e são saudados com fogos e palmas. Após a conclusão dos versos entoados de entrada, é iniciado o ritual de atravessar os arcos, tipicamente de bambu, decorados com folhas de coqueiro, flores e bandeirolas de papel colorido. Cada arco possui um significado específico e, previamente à passagem da Folia por cada arco, o capitão esclarece o significado e a Folia entoava os cânticos próprios de cada um deles (PESSOA; FÉLIX, 2007).

A travessia pelos arcos possui interpretações variadas de folião para folião, de participante para participante e até para os devotos que seguem as folias. Muitas vezes, esse ritual se torna profundamente significativo para a trajetória das pessoas que estão cumprindo seus compromissos votivos (BONESSO, 2006).

As coroas usadas pelos festeiros indicam que eles são os organizadores, os encarregados pela Festa em reverência, honra aos Santos Reis, por isso dedicam-se o ano inteiro preparando, planejando a celebração. Passam e saldaram todos os arcos e depois da

cantoria, dirigem-se ao altar, local onde, obrigatoriamente, localiza-se o presépio e imagens de outros santos. É válido ressaltar que muitos fiéis pagam suas promessas durante a Festa de entrega da bandeira. Tais promessas podem ser cumpridas de maneiras diversas, desde permanecer ajoelhado ao receber a bandeira e escutar a cantoria, ou inclusive carregar a bandeira durante todo o giro.

No ano de 2023, na entrega da bandeira “Lá no Vaca”, houve uma forma específica de cumprir um voto: uma devota que cumpre sua promessa deitando-se sobre o chão e envolvendo-se com um lençol enquanto todos os foliões passavam sobre ela, literalmente, figura 34.

Figura 34 - Pagamento de promessa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

A escolha de pagar o voto deitado é conhecida, porém não é comum. Uma hipótese é que a promessa feita por devoção pode ser destacada em duas áreas, a primeira mais pessoal e somente os ‘santos’ conhece a pessoa pela qual interviram, e a outra, de natureza comunitária, quando a efetivação da promessa precisa ser uma ação para que todos vejam a devota selando o compromisso pela graça obtida. Portanto, a crença motiva aqueles que acreditam e a utilizam para solicitar o que desejam dando algo em troca, que se dedica a homenagear Santos Reis, uma expressão externa, é colocar para fora algo intrínseco e verdadeiro.

A pesquisadora Sousa (2001) afirma que ao examinar as comemorações religiosas populares é fundamental abordá-las de maneira unificada, permitindo sua classificação em contextos seculares e sagrados. Por exemplo, o terço e a apresentação artística dos grupos estão conectados a um ritual único, a fé e o entretenimento não devem ser considerados

formas conflitantes. “Isto é, o sagrado e o profano estabelecem uma relação, assim os rituais existentes na festa são muitos, e essa amplitude de ritos e símbolos permite que o sagrado e o profano se entrelacem dando sentido às comemorações” (ARAÚJO, 2004, p.420).

Quando os foliões chegam ao altar, na frente do presépio, dá-se início à reza do terço com várias intenções mencionadas e agradecimentos pelo término da caminhada, pela saúde dos foliões, participantes e de todos os envolvidos. O terço é mais longo do que o de costume e faz referência ao nascimento de Jesus Cristo, sendo “envolto por cânticos, Salve Rainha, e é todo cantado, o rezador não precisa ter uma investidura eclesiástica para dirigir a reza do dia da festa do santo” (HIGUET, 1984, p.27).

Passado o terço, tem início a cerimônia de transmissão das coroas. O casal anfitrião, isto é, os festeiros da última festa ficam de um lado e o casal anfitrião do próximo ano fica do outro. Os festeiros do ano têm sobre suas cabeças as coroas. É um momento muito alegre e toda a transmissão das coroas é executada com cantoria, pelo capitão e respondida pelos outros foliões. No momento adequado, são retiradas as coroas das cabeças dos festeiros e colocadas sobre as cabeças dos novos festeiros.

Concluída essa cerimônia todos gritam “viva” e o capitão concede a palavra aos festeiros do ano para expressarem seus agradecimentos, permeados de intensa alegria e gratidão. Logo, a palavra é transmitida aos novos festeiros que também agradecem à oportunidade de serem os novos organizadores e pedem bênçãos e auxílio a Santos Reis e a todos para realizarem uma bela festa no próximo ano.

O capitão, neste instante, faz sua exposição, agradecendo em primeiro lugar a Deus e aos Santos Reis por terem dado saúde a todos os foliões por resistirem à peregrinação; expressa gratidão ao festeiro anterior por ter promovido uma belíssima festividade e exercido a função de zelador da bandeira por um ano inteiro; o capitão ainda expressa sua torcida aos recém-nomeados festeiros para que tenham muito êxito na realização de sua festividade e convida a todos para saudar Santos Reis com uma animada salva de palmas e muitos “vivas”.

Assim, considerou-se encerrada a celebração daquele ano e, em seguida, todos os foliões abraçaram a bandeira enquanto os festeiros do ano 2023 e de 2024 aceitaram os votos de felicitações. O festeiro do ano convida todos para a janta e um verdadeiro banquete é servido e a quantidade de pessoas é bem considerável, em torno de umas 5.000 pessoas, aproximadamente.

Foram preparados arroz, frango ao molho, carne bovina de panela, ao molho, macarronada, macarrão com frango, almôndegas, mandioca cozida, carne de porco, feijão, salada, dentre outros. Nesse ano não foi servido doce de sobremesa.

Durante e após a refeição, surge a oportunidade para conversas entre amigos, pessoas conhecidas e forró, além de um show ao vivo com um cantor da região, conhecido como “Mixaria”. Destaca-se que em todos os momentos da Festa, até mesmo durante os rituais sagrados, o consumo de bebidas alcoólicas estava liberado e o bar funcionava normalmente.

Os elementos visuais da festa devem ser compreendidos na esfera sagrada na qual estão inseridos. Da mesma maneira, esses elementos são conservados por meio do sentido ritual das festas e, para manter os ritos, é preciso haver a transmissão do conhecimento do sagrado neles presentes. Assim, forma-se uma memória coletiva que mantém os códigos da esfera sagrada por meio da organização e preparação dos elementos simbólicos que os identificam. “Não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que distingue dos demais” (ROSENDAHL, 1996, p. 27).

Neste evento tão especial, ocorrido anualmente, é o ponto alto de toda a trajetória da Folia. Marca-se o término das atividades do ano, com a sensação de meta alcançada, possibilitando aos foliões e devotos compartilhar com seus entes queridos e vizinhança uma festiva refeição que demanda grande dedicação e “há muito mais gente presente no pouso da entrega do que em qualquer outro” (BRANDÃO, 2004, p. 371).

É frequente como prática da devoção ligar a crença à festa, transformar a reza do terço em um ritual alegre e vívido, no qual os indivíduos simples são relevantes porque estão mergulhados em um universo sagrado, no qual não releva – naquela hora – as adversidades cotidianas, o essencial é entender que se tem um propósito, uma caminhada concluída com muita alegria e compromisso.

A Folia de Reis preserva semelhanças e mudanças elaboradas em cerimônias originadas de tradições que se estabeleceram no seio da população, fornecendo pistas cruciais para a compreensão de suas peculiaridades. A festa incorpora um espaço onde são concebidas diversas vivências a partir de ações individuais e coletivas, circunstâncias que motivam e encorajam os sujeitos a se sentirem parte integrante desse momento festivo. “A Folia de Reis é, então, uma epifania que comemora uma hierofania e promove a integração da divindade e o sagrado com o mundo material e toda a sua representação simbólica” (NOGUEIRA, 2011, p. 64).

Assim, a festa tem a capacidade de mostrar não só particularidades da festividade religiosa, como também aspectos marcantes dos estilos de vida dos sujeitos que a organizam, assim como as especificidades do período histórico atual rico em devoção.

Diante da narrativa apresentada até aqui surge a indagação: Como a tradição da Folia de Reis possibilita criar e manter vínculos de identidade, representação comunitária no

cenário sociocultural dos habitantes da cidade e do campo? Como as mudanças nos espaços urbano e rural ainda refletem a história das Folias e interferem em sua atual constituição? A Folia de Reis como representação cultural evidencia as particularidades da localidade, constituindo-se de fonte de informações e memória da comunidade quirinopolitana?

A pesquisa de campo evidencia que os grupos participantes da Folia de Reis realizam uma diversidade de rituais que perpetuam ao longo do tempo e são regularmente renovados conforme as necessidades sociais daqueles que se envolvem na celebração. Vale ressaltar que tanto a festa como a constituição e a identidade sociocultural dos grupos - historicamente estabelecidos e perpetuados nos meios das convivências rurais - tiveram mudanças e acréscimos de novos significados, à medida que foram inseridos no processo de urbanização e despertaram o interesse de novos participantes. “Pela prática constante desses encontros coletivos se solidifica um grupo de fé comum que, rezando junto, também trabalha e se diverte coletivamente” (PEREIRA; GOMES, 1995, p. 23).

A comunidade fortalece os vínculos sociais e culturais enquanto também é fortalecida por eles, contribuindo para os processos de identificação dos sujeitos, assim como de inserção em um grupo, o qual não é uniforme, levando os sujeitos a equilibrarem suas vontades individuais com as coletivas, pois necessitam lidar com as diferenças existentes entre eles.

É essencial frisar que a identidade fortalecida e reiterada pela festividade não é permanente e se ressignifica constantemente porque ocorre em um local de interação com diferentes pessoas. “O lugar é produto das relações humanas entre o homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos” (CUCHE, 2002, p. 29).

A festa é o lugar onde os sujeitos vão interagir entre si, renovar-se reciprocamente e se transformarem, não sendo de forma alguma algo concluído, mas um processo de contínua ressignificação. Isso ocorre porque a identidade é parte integrante e também influenciada pela cultura. Ela segue as transformações que ela mesma causa. Logo, pode-se afirmar que “identidade cultural é também uma construção material de sentido social, ou uma construção simbólica; daí resulta que a ‘cultura é o corpo da identidade” (FERREIRA, 1995, p. 26).

Esse é o cenário ideal para entender a dinâmica comunicativa e cultural de grupos em particular e, por conseguinte, o desenvolvimento das identidades desses grupos, uma vez que as festividades representam em conjunto uma realidade compartilhada, ou seja, a própria maneira de pensar e agir desses sujeitos.

A identidade cultural se relaciona a aspectos de nossas identidades que surgem do ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais. Alguns estudiosos afirmam que de alguma maneira, pensamos nessa

identidade como parte de nossa natureza essencial, que nos faz sentir indivíduos de uma sociedade, grupo, estado ou nação (GABRIEL, 2008, p. 76).

O evento pode ser descrito por outro par de conceitos opostos: as raízes (tradição) e a ressignificação. Ao procurarem manter a tradição desse ritual festivo, os integrantes valorizam o passado e introduzem novos aspectos. Nessa dinâmica entre a tradição e a ressignificação é que os grupos populares vão se reestruturando e se adequando às mudanças que acontecem em seus cenários de vida, exercendo influência e, ao mesmo tempo, sendo influenciados por eles. Logo, “as pessoas se sentem identificadas umas com as outras e, ao mesmo tempo, distintas das demais. Assim a identidade e a alteridade (referente ao que é do outro), a similaridade e a diversidade marcam o sentimento de pertencer ao todo” (GABRIEL, 2008, p. 76).

Um fato a ser considerado é que cada folião entrevistado possui certo tipo de profissão: líder de usina, operador de máquinas agrícolas, motorista, universitário, pedreiro, professora, aposentado, agricultor familiar, microempresário, assim sustentando o elo da devoção com a vivência por meio da relação urbano-rural.

Enquanto comemora, o ser humano se depara com seu reflexo, buscando enxergar a si próprio e sua identidade. Dessa forma, resgatar a própria identidade é fundamental para se reencontrar consigo mesmo, mas é um trabalho árduo, pois envolve conectar e adaptar noções distintas com aquelas anteriormente desenvolvidas e “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLACK, 1989, p. 206).

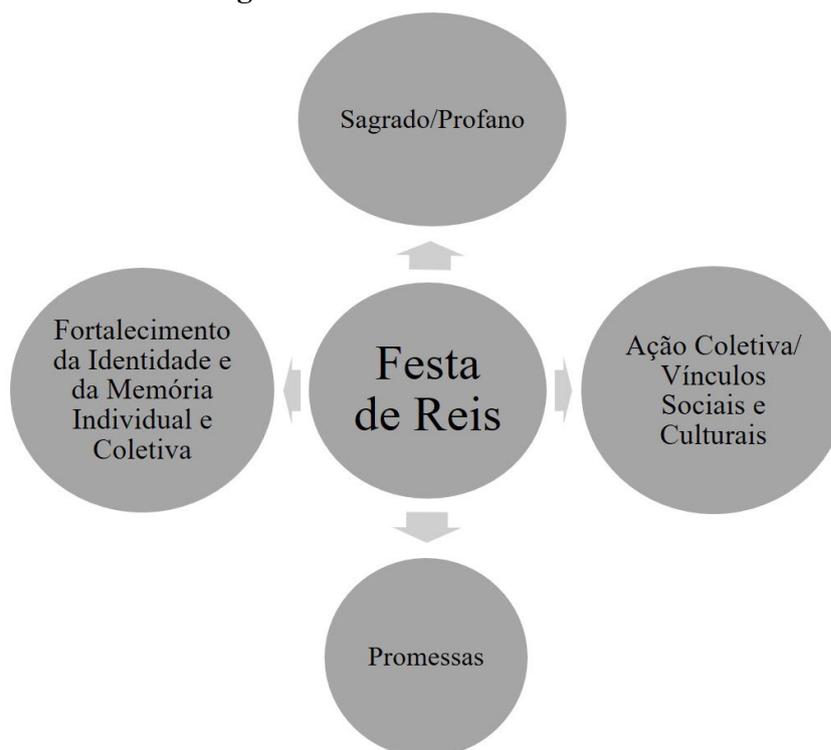
A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAUI, 2012, p. 16).

Segundo a análise de Ferreira (2006) este tipo de confronto está longe de ser nocivo, pois é uma experiência benéfica e agregadora. Novas vivências irão enriquecer a identidade cultural do grupo. Isso revela o quanto é dinâmica a aptidão do ser humano em agregar novos elementos na elaboração de sua cultura. De acordo com Pollack (1999, p. 2017),

quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade.

Desde épocas ancestrais até o presente momento, povos sempre tiveram motivos para celebrar. Os sujeitos de uma sociedade percebem e sentem a urgência de uma constante autoafirmação. Em toda área onde se dá a festividade, mesmo com seu tempo estabelecido, deve ser reconhecida pelo seu caráter coletivo, repleta de rituais que envolvem as pessoas da comunidade, conforme exposto no diagrama 3.

Diagrama 3 - A Festa e suas conexões



Fonte: Elaborado pela autora (Pesquisa de Campo, 2024).

A Festa de Reis é um evento com estrutura básica definida, em que cada membro da comunidade desempenha uma função essencial, neste instante que a aprendizagem da cooperação mútua fortalece os vínculos afetivos e o carinho pelo espaço que acolhe o evento. Na comemoração, sempre surge um motivo que promove a interação entre os envolvidos, é um momento de significativo valor social na dinâmica da comunidade.

Vale ressaltar que a realização da Folia demonstra uma habilidade de aglomeração comum, fortalecendo e formando vínculos de convivência. Isso ocorre tanto durante o evento quanto antes e depois, fundamentado em uma lembrança compartilhada e sua conexão imediata com a rotina dos condutores da Folia. Eles têm a função de mediadores da “Festa de Reis” e são representantes do enredo e ritos presentes nas apresentações. Levando em conta a evolução no tempo, a tradição simbólica, a passagem de um legado coletivo de geração em

geração, pode-se considerar que a realização da Festa de Reis está baseada nas vivências e contribui para formar a experiência simbólica por meio do rito. A comemoração demonstra a fé e a criatividade dos indivíduos que se agrupam para venerar a vida e o sagrado, apreciando doações em conjunto e bênçãos recebidas pela influência dos Reis Magos. Entre os obstáculos e sucessos vivenciados ao longo dos anos, esses membros, como uma coletividade, estão moldando a narrativa do evento com suas recordações, composições, batidas, símbolos, versos e rimas e, acima de tudo, promovendo uma festividade que une o sagrado e o profano. Seus participantes quebram o tempo corriqueiro do dia a dia, as dificuldades e tristezas para adentrarem na grandiosidade de um período psíquico marcante e cultural, diferente do tempo comum ou frequente.

Cabe destacar que a Festa de Santos Reis em Quirinópolis evidencia as particularidades do local e se constitui fonte de informação e memória da comunidade porque, por meio desse espaço de celebração, os grupos sociais revelam sua história, batidas, cantorias, identidade, estilo de vida, crenças. As representações das expressões culturais fortalecem o laço das pessoas com suas tradições culturais.

Os festejos em honra aos Santos Reis, além de criar uma atmosfera alegre, englobam elementos religiosos e seculares, em uma mistura que reúne trabalhadores do campo e da cidade, combinando fé e tradição. Estas ocasiões festivas conseguem estimular a harmonia da cidade com as áreas rurais, englobando um elaborado conjunto de princípios, aproximando o presente com o passado. As festas de Reis se adequam a cada local em que são realizadas e suas tradições são passadas pelos mais velhos para as gerações seguintes, quer seja pela amizade ou parentesco.

As celebrações da Folia de Reis fazem parte do catolicismo popular e um ponto chave é que essa manifestação tem suas origens fundamentadas na zona rural. Apesar da expansão das áreas urbanizadas nas últimas décadas, essa prática religiosa permanece presente, mesmo diante das influências e transformações causadas pela contemporaneidade. A folia e a festa de Santos Reis devem ser compreendidas como uma ação conjunta dos grupos sociais que as organizam, já que desempenham o papel central de unir pessoas em suas comunidades. Também promovem a solidariedade entre os membros e estabelecem uma identidade comum e, ao mesmo tempo, o sentido de coletividade, além de proporcionar visibilidade aos diferentes indivíduos durante sua participação nas festividades locais.

Esse evento anual permite que diversas famílias recebam a Folia e suas músicas marcantes em seus lares, sendo a missão principal da comemoração dos Santos Reis proteger e mostrar esse legado antigo e coletivo da Folia aos mais jovens. Foi perceptível que, com o

passar dos anos, a folia e a festa experimentam adaptações em seu ritual, porém sempre há um grande apreço pela preservação dos princípios, costumes e características da celebração.

No ano de 2024, aconteceram duas entregas de bandeiras; uma na comunidade da Pedra Lisa, tendo como festeiros o senhor Zé Major, o ex-prefeito Gilmar Alves e Gustavo Mourão, atual vereador. A coroa foi passada para o futuro festeiro Carlos Eduardo, conhecido como Neneço do Laticínio. A outra entrega ocorreu no estabelecimento de “Entretenimento Lá no Vaca”, sendo os festeiros o senhor Vanderley Martins da Silva, apelidado como “Vaca” e sua esposa e as coroas ficaram novamente com eles, os quais se comprometeram publicamente em realizar a festa em 2025.

3.5 A tradição ressignificada

O conceito de ressignificação surge da noção de atribuição de novas interpretações, novos sentidos aos processos sociais, por meio de alterações de entendimento da sociedade. Quando o significado de uma prática se altera, há uma tendência de que as respostas e comportamentos das pessoas também se alterem.

Assim sendo, a “ressignificação consiste na capacidade do ser humano de, a partir da reflexão acerca de um acontecimento outrora vivenciado, atribuir-lhe significados, ora distintos da significação realizada na época, ora reafirmando-os” (SILVA, 2008, p. 75). Esta transformação acontece com a chegada de novas funções que, em sua maioria, ajudam os foliões e devotos a fazerem adaptações às formas de antigamente para, dessa maneira, seguir em direção à criação de novos projetos, redefinindo, também, os papéis dentro do grupo e das interações sociais.

A pessoa emprega os ensinamentos transmitidos pela sociedade, de maneira singular, inovadora, ajustada à circunstância presente e que, por algum motivo, demandou aquele conhecimento adquirido anteriormente. Silva (2008, p. 78) conclui que “a ressignificação é um processo que permite ao indivíduo atribuir novos sentidos a uma experiência passada, trazendo consequências para a forma como se situa diante da sua história”.

De acordo com Berger e Luckmann (2003), em suas investigações na sociologia do conhecimento, as interações sociais desempenham papel relevante na formação da realidade. No dia a dia, o indivíduo divide sua existência com os demais ao seu redor, em um processo de interações interpessoais e a mediação é feita pela linguagem, vital para a elaboração de

significados e autoconhecimento. O ato de socializar se dá por meio da interiorização/exteriorização e assim explicam Berger e Luckmann (p.179):

A formação da consciência do outro generalizada marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade contínua e coerente. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização.

Partindo desse pressuposto, questiona-se: Quais as ressignificações locais das crenças e rituais da Folia de Reis? Como é e como se dá a participação de homens, mulheres e crianças nessa manifestação religiosa? Quais são os papéis que lhe são designados? Existem dificuldades para formação de novos integrantes da folia? A princípio, em Quirinópolis, os grupos de Folia eram constituídos unicamente por homens devotos. Às mulheres, incumbia apenas a reza do terço, dependendo do capitão, confecção dos alimentos e enfeites.

As caminhadas eram feitas a pé, durante todo o dia. Passavam os nove dias de giro fora de casa e dormiam nos locais de pouso da bandeira. Com o passar do tempo, ocorreram mudanças. Nos giros, passaram a ser utilizados veículos, como Kombis e Vans, vez que garantem rapidez na rota e alcançam um número maior de casas visitadas. É essencial ter uma quantidade maior de visitas por dois motivos: primeiramente, devido à necessidade das prendas e ofertas, e pela vontade que os fiéis têm de acolher, em seus lares, a bandeira dos Santos Reis.

Figura 35⁴⁴ - Emprego de Van para deslocamento dos foliões



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

⁴⁴ Figura 35: Van da Prefeitura Municipal de Quirinópolis, usada para conduzir os foliões durante o percurso do giro.

No dia da festa são utilizados aparelhos eletrônicos diversos, música ao vivo ou som eletrônico. As bebidas alcoólicas, refrigerantes e água são comercializadas pelo dono do estabelecimento, quer seja na “Venda do Zé Major” ou “Lá no Vaca”, com o intuito de angariar recursos e aumentar a colaboração para a conservação da infraestrutura instalada na localidade e gastos com o evento. Durante a pesquisa, foi possível perceber a predominância masculina entre os foliões, mas nota-se também a presença feminina. Mulheres que cantam e tocam instrumentos, são alferes e festeira. Ao lado do festeiro, a festeira, é uma personalidade de extrema importância e encarregada de garantir sua permanência, coordenação e abastecimento.

Além disso, cabe a eles supervisionar a organização da festa e, especialmente, os valores investidos. A Folia de Reis é um ritual repleto de significados e desempenhar o papel de festeira é fundamental para o sucesso da comemoração. Geralmente, as mulheres alcançam essa posição temporariamente, por um período de doze meses, ao fazerem um voto aos Santos Reis. Sobre o papel da mulher na folia, Elisângela, explica que “Se não tiver a mulher na folia, ela não vai, porque desde da primeira janta ela tá lá pra sair tudo, a organização tem de ter uma mulher lá” (Elisângela, entrevista, setembro de 2023).

Uma função que geralmente é feminina e de grande relevância na concretização da Festa de Reis é desempenhada pela cozinheira. No entanto, na Pedra Lisa, é uma família de cozinheiros (as). Não se transforma em cozinheira (o) da noite para o dia, pois essa habilidade é resultado de uma tradição, transmitida de mãe para filha (o) por meio da oralidade e da experiência do vivido diariamente na concretização do evento. Certeau (1996, p. 296) aponta:

[...] o trabalho cotidiano das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição - gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos, movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos.

O local para cozinhar, neste estudo, não é visto apenas como espaço de preparação de refeições, mas, acima de tudo, um ambiente de interação social, onde, e ao redor do qual, homens, mulheres, crianças e adolescentes desenvolvem vínculos cotidianos, evidenciando redes de convivência em uma utilização coletiva da área doméstica festiva, “satisfazer a necessidade do momento, trazer a alegria de um instante e convir às circunstâncias” (GIARD, 1996, p. 212). Do ponto de vista de Certeau (1996, p. 287)

a língua usada para falar de cozinha abrange quatro domínios distintos de objetos ou de ações: os ingredientes que são a matéria-prima; os utensílios e recipientes, como os aparelhos de cozinha, batedeiras, liquidificadores etc.; as operações, verbos de ação e descrições do hábil movimento das mãos; os produtos finais e a nomeação dos pratos obtidos.

Neste contexto da culinária, existem diversas responsabilidades para homens, mulheres, crianças e adolescentes. Apesar de ser comumente associado ao universo feminino, quem organiza os afazeres na cozinha é uma família, a do senhor Sebastião e da senhora Lourdes. Contudo, é interessante notar que a liderança na cozinha é compartilhada entre dona Lourdes e o senhor Antônio Berto.

No local de preparo de alimentos durante a festividade dos Santos Reis as pessoas vivenciam alegria, gratificação e entusiasmo por estarem ‘servindo aos santos’. Na cozinha, pode-se conceber, imaginar um prato, ou seja, cozinhar com inspiração e prazer de fazer parte do evento. Quem dedica tempo à cozinha frequentemente sente “prazer de manipular a matéria-prima, de organizar, combinar, modificar e inventar” variados tipos de pratos de comida (GIARD, 1996, p. 212).

Quando um festeiro vai organizar a Festa sempre verifica a disponibilidade das pessoas que vão gerenciar a cozinha. Mesmo que seja uma tarefa árdua, estão sempre dispostos a ajudar em nome dos Santos Reis:

Meu dom mesmo é estar junto com o pessoal ali na cozinha, ajudando. Eu já fui, já ajudei a recolher as prendas. Já nós, mais o Juliano hoje está sendo uns que fica mais na cozinha para organização de matar o gado, as vacas, porco. Fica minha esposa, Antônio Berto nas panelas e assim vai dando continuidade no trabalho. (...) as pessoas pede para nós ir ajudar na cozinha, né? E nós assim nós temos uma devoção tão grande por santos reis, né? Nós e as nossas famílias passadas, né? Faz aí um tipo assim, com coração mesmo, porque gosta. Nós nunca cobrou. E assim nós tá incentivando muito nossos sobrinhos, né? Ser um folião, né? Ser um companheiro dos Três Reis nessa caminhada, né? (Sebastião, entrevista, outubro de 2023).

Eu acho que nós da cozinha, né? Nós ficamos mais na cozinha, mas a turma. Eu mesmo não vejo a folia chegar, a não ser o dia que ela vai me visitar lá em casa, sabe? Mas eu nem vejo quando chego ali. (Lourdes, entrevista, outubro de 2023).

Eu ajudo. Ali mais, que por devoção e gostar. De estar ajudando. E o bão é ver todo mundo contente que tá, tá as comidas, está gostosa e é Santos Reis acha bão, né? (Antônio Humberto, entrevista, outubro de 2023).

Desde criança, quando nossos pais todos gostavam muito de folia e nós crescemos no mesmo ritmo e gosta de cozinhar. O dia que não dá para vir o cabra fica achando ruim. São assim desde criança, mas já vem nesse ritmo. Nosso pai. Mas nossa mãe gostava disso, era tudo católico ainda. (Lázaro, entrevista, outubro de 2023).

Pelas falas dos entrevistados percebe-se que a preparação dos pratos para a comemoração da festa é uma alegria pessoal e ao mesmo tempo coletiva, um destaque da tradição de Santos Reis. Fazer refeições durante as celebrações de Santos Reis “é o suporte de uma prática elementar, humilde, obstinada, repetida no tempo e no espaço” como prática comum na conexão com o próximo e com seu interior (GIARD, 1996, p. 218).

Preparar os alimentos é igualmente uma arte que demanda diversas memórias no que tange à determinação de assimilar o ponto exato de um alimento para removê-lo da chama e entrelaçando “as sequências umas às outras, compor a sucessão dos pratos para atingir o grau de calor desejado no momento adequado” (GIARD, 1996, p. 219); é fundamental perceber os gostos e aromas dos alimentos sentidos ao saborear e aspirar os vapores para regular ou atenuar a temperatura nas panelas.

Figura 36 e 37 - A cozinha é coletiva: Pedra Lisa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

Na foto apresentada estão a senhora Lourdes, suas irmãs Maria e Marlene e o senhor Antônio Humberto, uma família de cozinheiros. Estão há gerações preparando as refeições em homenagem aos Santos Reis. A habilidade de preparar refeições pode ser aprimorada em casa por meio da comunicação oral entre diferentes gerações, assim como pela interação em grupos com indivíduos que não possuem vínculos familiares. É importante destacar que a adoração, a confiança em Santos Reis aparece em todos os depoimentos como o principal incentivo para generosidade quanto à doação e dedicação aos serviços prestados.

É possível perceber através das suas histórias que as posições em relação à Festa de Reis proporciona reconhecimento especial, gerando o respeito e o carinho do grupo, entendimento esse que traz o sentimento de pertencimento. Possivelmente aí reside a

significância do pessoal que cuida da cozinha e ainda que esteja fazendo as receitas tradicionais, não se pode ignorar a importância de seu trabalho. Preparar comida para 4 mil, 5 mil ou 6 mil pessoas de uma única vez não é uma tarefa simples e fácil. Refletindo como Certeau (1996, p. 287) é plausível afirmar:

Saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer: a sucessão dos gestos que se encadeiam, o hábil movimento das mãos necessitam por sua vez das palavras e do texto para circular entre os que lidam na cozinha. Este texto tem sua língua e seu corpo de referência, como todo tem seus segredos e suas conveniências - todo um saber 'bem entendido', que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar.

Figura 38 – Moisés: Preparativos para a Festa em 2024: Venda do Zé Major - Pedra Lisa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2024).

A essência que impulsiona a preparação das refeições é a mesma que guia as canções e os apelos: o espiritual, o sagrado. Dessa forma, “comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo” (GIARD, 1996, p. 250).

É válido mencionar que a figura masculina ajuda nas atividades que lhe são solicitadas como, por exemplo, abater os bovinos e os suínos, partir a madeira, mexer e transportar alimentos em recipientes grandes, dentre outras tarefas.

Percebeu-se que a materialidade do que é considerado sagrado ou que desempenha papel ativo na festa como os arcos, as flores, os ornamentos, as bandeirinhas, o altar e o presépio é responsabilidade de todos. Os depoimentos dos participantes das entrevistas revelam a vontade de trabalhar, originada pela devoção a Santos Reis. Todos concordam em dizer que se trata de um trabalho árduo, mas que os Santos dão muita força. Assim, os preparativos para a Festa de Santos Reis,

constitui espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas. Ela representa, igualmente, o momento de experiência prazerosa dessa convivência coletiva. A produção da festividade é, ainda, a composição de momentos do brincar com a experiência ritual da memória coletiva, da vivência com o passado e o presente, com a cerimônia e com as brincadeiras (ITANI, 2003, p. 7-8).

Conforme Itani (2003, p. 15) é imprescindível considerar a festividade como uma experiência coletiva, uma vez que “no conteúdo histórico das festas, pode-se ver o humano do ser em sua criação, em seus costumes, símbolos e suas crenças, pelos seus ritos, seus cantos, suas músicas e danças”.

Com relação à ornamentação, todos ajudam. Ela é feita manualmente por homens, crianças, adolescentes, não sendo uma tarefa somente para as mulheres. Todos contribuem da forma que podem, isso reflete a fala da Priscila sobre a Festa: “É organizado por todo mundo. Igual minha mãe fala, a festa não é do festeiro, a festa é de todo mundo que ajuda. E a festa é nossa. Cada um tem uma função, cada um ajuda com alguma coisa” (Priscila, entrevista, setembro de 2023).

Um dos principais cuidados dos festeiros e de todos é preparar o espaço para a comemoração e a decoração conta com arcos, galhos de plantas, laços, enfeites de papel, naturais, presépio, imagens de Santos, dentre outros. Cibele explica que,

eu participo da decoração. Eu sempre envolvo as crianças, as mulheres a me ajudarem na decoração, os homens também. E não somente da decoração. Eu também ajudo na preparação da comida, na matança das vacas, das galinhas, dos porcos, de todas as prendas que a folia passa arrecadando, eu ajudo também a

preparar. E depois a gente, no finalzinho do dia, a gente reúne todo mundo e faz a decoração da festa, do altar, né? Eu até mandei fazer as imagens de Santos Reis e todo ano eu enfeitei o altar. A gente sempre faz uma decoração, né? Com flores naturais para que seja uma festa bem bonita. Porque os Santos Reis, né? Como tem toda essa intercessão, esse carinho que eles têm pela nossa família, é tudo que a gente sempre precisou (Cibele Aparecida, entrevista, setembro de 2023).

Figura 39 e 40 - Ornamentação: Preparativos para a Festa em 2024:
Venda do Zé Major - Pedra Lisa.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2024).

Figura 41 – Infraestrutura da Festa de Reis – Pedra Lisa (2024)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2024).

Este estudo não poderia ignorar a contribuição dos idosos nas Folias de Reis em Quirinópolis. Ao se engajarem nessa celebração experimentam um momento ímpar na sociedade para a preservação e continuidade de uma tradição antiga na cidade e no campo. Os idosos são mantenedores da tradição. As canções, os costumes, a espiritualidade, os rituais sempre são transmitidos por eles para a geração mais nova a fim de que não se percam com o passar dos anos.

De acordo com Sonza (2006), a partir das memórias de vivências passadas, por muitas gerações, os idosos têm papel fundamental na reavivação, guarda e continuidade de tradições, visto que a lembrança serve como um meio de proteção e retenção do que se passou, evitando que caia no esquecimento e na perda. O relato e a recordação, numa relação interativa, contribuem para a construção, formação de identidades particulares e grupais.

Primordial na elaboração da identidade, a recordação, o ato de rememorar se torna imprescindível para a formação da coletividade, pois ajuda efetivamente a moldar decisões e comportamentos de agora e futuramente. Nesse sentido, as memórias constituem um elo entre a narrativa e o grupo. Esse elemento propicia o surgimento, em todos os que estão imersos na dinâmica social, de uma percepção de pertencimento a um local em um tempo específico.

As festividades são fundamentais para o processo de reordenamento das lembranças, pois, ao reviver acontecimentos passados e estruturá-los, ficam mais sólidas as lembranças e a formação identitária de pessoas e dos grupos materializada. Essa compreensão pode promover o engajamento do indivíduo com o coletivo e a valorização de suas expressões culturais. As palavras do senhor Sebastião ressaltam como os mais velhos são importantes ao descrever as barreiras vivenciadas durante o trajeto:

Mas eu acho assim. É um esforço muito grande, né? Hoje as coisas tá mais fácil, né? Mas há um tempo atrás era mais difícil né? Você sair, andar oito dias, né? Eles andava a pé. Hoje anda de carro, né? Mas mesmo assim, com você andando de carro. É um compromisso. Você tem que ter, né? Sair cedo de casa igual na fazenda, você tirar o leite e ter o compromisso de horário para poder estar te recolhendo para poder sair fazendo as visitas (Sebastião, entrevista, outubro de 2023).

Na maioria das falas analisadas, nota-se a preocupação com algumas renovações como, por exemplo, o fato dos foliões cobrarem para fazerem o giro e as pessoas não quererem estar e participar de um grupo:

Hoje em dia complicado, que todo folião tá querendo cobrar. Na época do meu pai nunca era de cobrar. Andava uns nove dias e não cobrava. Hoje em dia mudou depois que o [...] pegou e anda assim tem que ser pagado. Você vê que tem que mudar uma coisa pra outra, né? Mas não é (Vanderley, entrevista, novembro de 2023).

O trem mais difícil de formar é uma Companhia de Reis. Aqui eles passaram a cobrar muito caro, eu acho caro, mil real pra andar na Folia. A Folia não é um tipo dum serviço. É um trem de religião, de devoção. (...) aí fica caro pro festeiro. Porque se o festeiro for por folia completa é 10 pessoas, 10 componentes, com o palhaço. Cada um fazendo um serviço (...) Aí se for por duas folias é 20 pessoas, dá vinte mil real. É difícil (Paulo, entrevista, agosto de 2023).

Naquele tempo era uma devoção, andava por devoção. Hoje todo mundo cobra pra andar na folia. Naquele tempo isso não. Eu tô te falando. Além de andar os nove dias, ainda ia ajudar dois dias na festa pra matar, matar frango. Preparar. Fazer um rancho. Chão coberto de folha de coqueiro. De bacuri. Todos. Folião tava ali ajudando, né? Hoje não. Hoje nego anda de perua, né? Não anda nem de pé não. Nós andava nove dias de pé. Dormindo nos paiol que o dono da casa às vezes não tinha espaço para todo mundo (Álvaro, entrevista, novembro de 2023).

Eu acredito que a cultura da folia tem um grande risco de desaparecer. Principalmente pelo fato de que, para que ela continue existindo, as pessoas precisam ter uma coletividade muito alta. Como eu disse, esse caráter da coletividade é muito importante. Eu digo que cada vez mais as pessoas estão se tornando muito distantes. Cada vez mais as pessoas se comunicam mais por celulares e tablets, senão não, não querem mais se encontrar. E a folia é basicamente ela tem esse ponto principal de você chamar as pessoas. Você convida as pessoas para uma festa e aí todas elas participam, né, desse encontro. Então as pessoas precisam querer participar, estarem juntas. Eu acho que cada vez mais as pessoas não querem, se encontrarem, não querem participarem, não querem estarem juntas, estão cada vez mais distantes, mais antissociais até. É até um pouco. Esse caráter também religioso. Hoje em dia, acho que as pessoas estão se tornando um pouco menos religiosas, principalmente aquela religião mais doutrinária, aquela religião de você estar na igreja, você ir na igreja. As pessoas cada vez mais eu digo eu acredito, né? Mas eu não vou. Esse, essa, esse não vou falar assim, esse cristão não praticante. Cada vez mais estão tendo pessoas assim. E você tem uma mistura de cristão não praticante, pessoas que não querem se encontrar coletivamente. Isso acaba destruindo uma cultura muito forte que precisa dessa participação ativa (Glauber, entrevista, agosto de 2023).

Considerando os desafios enfrentados, os componentes do grupo de foliões e até mesmo os devotos têm uma opinião pessimista sobre a continuidade da Folia na sociedade. A participação de crianças e adolescentes nos encontros da folia é rara, assim como os que comparece à festa. Ainda há que se destacar o fato das posições deixadas pelos foliões que faleceram não estarem sendo assumidas por pessoas mais jovens, motivo de grande preocupação entre os mais velhos.

Desde pequenos, meninos e meninas podem exercer diferentes funções dentro da folia, como tocadores, oficiais, batedores de caixa, pandeiros, bandeiros, vozes de resposta (1ª voz, 2ª voz, 3ª voz, 4ª voz, 5ª voz e 6ª voz) e com dom e treino podem se tornar embaixadores, protagonistas de uma celebração que expressa a cultura e a religiosidade de um povo. Durante a pesquisa de campo, foi observado que as crianças também participam da Folia, geralmente acompanhando seus avós ou pais. No entanto, em um número menos expressivo, por isso, a preocupação dos foliões quanto à manutenção da tradicional festa, com mais de um século.

Os valores, os legados culturais e religiosos permanecem nas relações urbanas e rurais afetadas por um cotidiano repleto de tecnologias, incertezas, falta de trabalho e, por vezes, qualificação profissional, expansão econômica rápida e desigual. Estes fatores moldam as novas realidades no campo-cidade. A tradição e a contemporaneidade trazem uma nova visão sobre tempo, espaço, rotina e maneiras de viver.

Um aspecto importante são as mudanças sociais que exigiram alterações nos hábitos e comportamentos da comunidade local e, conforme os depoimentos dos foliões neste início de século (XXI), os devotos de Santos Reis da área urbana não apresentam a mesma alegria e fervor que os habitantes do campo, não oferecem doações e não rezam como eles.

Vale salientar que por meio da pesquisa ficou evidente que todos os foliões e devotos entrevistados se dizem católicos, alguns vão frequentemente à igreja, outros por morarem na fazenda dificilmente vão à missa. Percebe-se que estão alinhados com a igreja oficial e, ao mesmo tempo, com a religiosidade popular, dando continuidade à devoção “fora da igreja”.

É interessante observar que não há interferência da igreja local em relação à folia, pelo contrário, a família que cuida dos afazeres da cozinha dá suporte em várias festividades da paróquia. O alferes, o senhor Luís, é ministro da igreja “São Sebastião”, no bairro Conjunto Rio Preto e a senhora Gilda coordena o grupo que reza os terços na paróquia.

A essência da folia é influenciada pela contemporaneidade, tanto na área rural quanto na urbana, dado que a comunidade se torna cada vez mais digitalizada. Apesar dessas ressignificações terem diminuído a participação de crianças e jovens na folia, suas famílias sustentam a identidade como fiéis e ressaltam a importância da permanência da prática, uma tradição ancestral e familiar, conforme relatos de Geovana, bisneta do senhor “Nego Tulica” e também de Cibele:

Porque eu fui criada nisso. Então eu quero que meu filho, quando eu tiver, tenha o mesmo devoção de Santos Reis. Do meu avô, Do meu bisavô. Vai passar adiante. Não vai ficar sem, entendeu? Todo ano vai na folia junto. Vai seguir a tradição da família. Não vai acabar. Não vai acabar (Geovana Alves, entrevista, setembro de 2023).

E eu ensino para o meu filho. Eu quero que ele siga essa, essa devoção, essa tradição e passe também para os filhos deles dele. E é assim. É uma alegria muito grande. É a festa de reis onde a nossa família se reúne e todo mundo reza, né? Para agradecer as bênçãos e também para pedir para que Santos Reis interceda a Deus, mais um aninho (Cibele, entrevista, setembro de 2023).

Figura 42 – Geovana com o avó Luís Wanderley e o bisavô Nego Tulica (2016)



Fonte: Arquivo particular de Luís Wanderley.

Ser parte de uma companhia de Santos Reis é, em primeiro lugar, um gesto de fé, pois a folia é muito mais do que uma simples performance. O cerne dessa atividade é o espiritual, sendo o aspecto devocional percebido por aqueles que participam dos giros da Folia de Reis. A essência religiosa se separa de um evento popular e destaca seu jeito autêntico e dinâmico, possibilitando que este tipo de expressão continue presente na atualidade, apesar das fortes influências da mídia e da globalização. Participar das celebrações da sua comunidade possibilita que a pessoa perceba sua ligação com ela, compreenda sua própria essência e fortaleça a sensação de inclusão nesse grupo social.

Nota-se que as folias derivam de laços familiares e de amizades, sendo preservadas por meio da comunicação oral nos grupos que as instituíram. Assim, todos, independentemente da faixa etária, se envolvem plenamente na organização da festa, o que assegura sua transmissão ao longo do tempo.

A pesquisa de campo revelou ainda a existência de projetos que resultaram da Lei Paulo Gustavo. A presente legislação possibilitou a implementação de um leque de ações em nível municipal para a salvaguarda da Folia de Reis em Quirinópolis, bem como de outros projetos culturais, tanto de natureza material quanto imaterial.

De acordo com essa norma legal, os montantes destinados à reestruturação do segmento cultural, como o apoio financeiro para artistas e coletivos, foram geridos pelo Projeto Cultural Luz do Cerrado, uma associação sob a liderança da senhora Marli Gonçalves Rios e conta com a participação de pesquisadores e apoiadores do ramo.

De acordo com uma das idealizadoras do Projeto, a senhora Marli Gonçalves Rios:

Ele funciona uma vez, na semana das sete às 21h, onde as crianças aprendem. E o jovem também aprende a técnica das folia de reis tradicionais do nosso município. São 12 pessoas. E cada um aprende uma voz diferente. A Folia de Reis hoje se apresenta nas escolas, em procissões. [...]. A gente administra com muito carinho, com o objetivo de resgatar essa tradição, para a futura geração ter esse conhecimento e também continuar a nossa Folia de Reis, porque ela teve que sofrer uma adaptação, vir para a cidade porque na zona rural ela não tem mais condições de sobreviver devido às condições da evolução do tempo (Marli, entrevista, novembro de 2023).

O Ponto de Cultura Luz do Cerrado desenvolve o projeto intitulado “Companhia de Folia de Reis Capitão Lauro Campos - Tradição Pedra Lisa” e realiza os ensaios todas as terças-feiras das 19h às 20h30min no CERECA, Quirinópolis-GO, conforme ilustrado na figura 43.

Figura 43 – Ensaio da Folia de Reis Companhia Lauro Campos – CERECA



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Pesquisa de Campo, 2023).

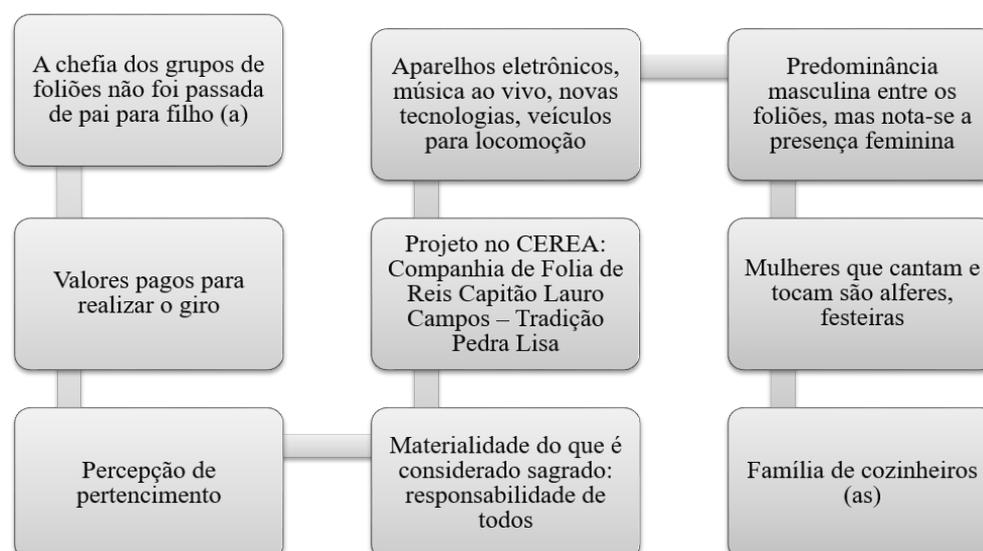
A tabela a seguir mostra alguns componentes da “Companhia de Folia de Reis Capitão Lauro Campos - Tradição Pedra Lisa”, Projeto Luz do Cerrado.

Tabela 4 - Caracterização da Companhia Lauro Campos

Nome	Data de nascimento	Profissão	Colocação na Companhia e Instrumento
Juarez Damasceno Ribeiro	03/03/1953	Cuidador de Idosos	Embaixador/Violão
Maria Aparecida de Barcellos	04/01/1964	Trabalhadora Rural	Violão/1ª voz
Azor Donizet de Oliveira	24/09/1956	Aposentado	Violão/5ª voz
Álvaro Alves Ribeiro	16/06/1942	Funcionário Público	Caixa/4ª voz
Antônio da Costa Ferreira	13/06/1950	Aposentado	Acordeon

Fonte: Elaborado pela autora (Pesquisa de Campo, 2023).

As narrativas dos integrantes das Folias de Reis de Quirinópolis, mostram a relevância da memória na elaboração da história de vida de cada um deles. Cada folião e devoto tem sua trajetória contada por meio de recordações individuais ou em grupo. Os relatos evidenciam de que maneira as identidades dos indivíduos dos grupos se desenvolvem em função da interação com a própria folia e a festa e com a sociedade da qual fazem parte. Ser folião é possuir algum entendimento das bases, vivenciar a celebração, o que possibilita não apenas que o indivíduo faça parte de uma comunidade, mas circule por diferentes agrupamentos. Os participantes também têm a opção de se realocar, em busca de ambientes que atendam melhor às suas necessidades, contribuindo assim para a construção da memória coletiva desse outro grupo, senão vejamos:

Diagrama 4 - Resignificações da Tradição

Fonte: Elaborado pela autora (Pesquisa de Campo, 2023/2024).

Constatou-se nas pesquisas de campo e nas interações com os participantes das Folias, que a inserção deles no grupo está frequentemente ligada à afinidades, a laços afetivos familiares ou à vivência social na prática religiosa, mas as lideranças dos grupos não foram passadas por meio de laços consanguíneos.

Ficou evidente que houve ressignificações nas folias ao longo do tempo como, por exemplo, os giros sendo custeados pelos festeiros, os meios de locomoção e o uso de tecnologias digitais para melhor execução dos trabalhos.

A presença masculina ainda é predominante entre os foliões, mas se percebe a figura feminina entre os mesmos, em posições estratégicas: festeiras, alferes, bandeiras. No entanto, as mulheres estão conquistando seus espaços como instrumentistas e entoando vozes na cantoria. A existência de crianças e jovens são restritas ao acompanhamento dos familiares, uma preocupação entre os foliões.

Também se verificou que a presença marcante nos afazeres da cozinha não é restrita ao feminino, mas sim, a uma família que cumpre com alegria suas funções naquele ambiente socioafetivo. Por fim, a materialidade do que é considerado por todos como sagrado, como a decoração do altar, o posicionamento dos arcos e bandeiras é uma responsabilidade coletiva, já que “a festa é para todos e de todos”.

A continuidade dessa prática cultural está ligada à presença, além da equipe da Folia, de um grupo de indivíduos prontos para acolhê-la quando visitam suas casas, a prática votiva, o recebimento de doações, ofertas e prendas, bem como a ajuda colaborativa manual em todos os afazeres para a festa de chegada da bandeira.

A celebração de Santos Reis, com toda sua singularidade e encanto, mesmo sendo um evento bastante antigo, ainda atrai muitos envolvidos, seja como fiéis, foliões ou simplesmente 'interessados'. Há uma notável expectativa em relação à festa, assim indicando que as pessoas, mesmo com todas as transformações do mundo, ainda anseiam pela essência das coisas e no caso da Folia de Reis, a essência são genuinamente a cultura, a história e a devoção.

Após a festa de entrega da bandeira, o ciclo de festividade de Santos Reis se encerra, repleto de felicidade e a sensação de missão cumprida pelos participantes devotos e foliões, e após um pequeno intervalo, já iniciam os preparativos para as comemorações do próximo ano. Cada atividade é realizada com atenção, carinho e respeito aos Santos que trarão bênçãos e estarão ao lado deles durante todo o ano vindouro.

Embora os membros mais antigos dos grupos de folia estejam apreensivos em relação à possibilidade do fim da devoção, vale ressaltar que a cultura da Folia de Reis é adaptável, é

passível de ressignificação. Desde seu fundamento, as práticas, símbolos e rituais dos grupos de folia encararam várias transformações e adaptações e, durante décadas de sua trajetória, a tradição se sustenta vigorosa, sendo bem recebida por toda a população de Quirinópolis. A dedicação dos foliões, devotos e admiradores revelam que a Folia e a Festa de Santos Reis são relevantes para a comunidade e esse legado cultural merece ser preservado e, se depender do empenho e da fé da “família da Pedra Lisa”, atravessará séculos.

CONCLUSÃO

Os rituais culturais, como os festejos da Folia de Reis, manifestam a cultura e os costumes da sociedade além de fortalecerem os vínculos sociais entre as pessoas, incentivarem a cooperação e ainda criam sentimentos e memórias. Proporcionam um clima de fascínio, originalidade, de misticismo, de apelo e ao mesmo tempo de alegria. Os eventos afastam as aflições, a dúvida e a instabilidade; conectam os participantes, os observadores, os intérpretes e os organizadores. Sua apresentação cativa e inclui todos os envolvidos na celebração.

Nos períodos que envolvem o giro e as comemorações da Folia de Reis em Quirinópolis, os devotos, os foliões e a comunidade se reencontram. O cenário da Folia facilita a formação de identidades, além da validação e desenvolvimento de novos valores, indispensáveis para a vida comunitária dos quirinopolitanos, que assim se resignificam.

A chefia dos grupos de foliões não foi passada de pai para filho. A razão central para a continuidade de sua atividade na contemporaneidade na cidade é fruto de uma herança devocional oriunda de vínculos de amizade, reciprocidade, companheirismo e fé. Laços fortes, simbólicos e ao mesmo tempo vívidos. Além disso, podem ser incorporados a este elemento o interesse e a atração de muitas pessoas da comunidade pela festividade, fazendo-a se concretizar ano após ano.

Isso demonstra que a prática da Folia de Reis engloba rituais, saberes, símbolos e bens que possuem valor e significado para esta coletividade. Os aspectos culturais evidenciam que as atividades das celebrações da Folia de Reis por parte dos participantes, os elementos simbólicos utilizados nos rituais e os saberes formam valiosos “legados” para a comunidade que preserva essa tradição intangível. Dessa forma, tem papel essencial na existência do coletivo, afetando seu futuro.

Os valores culturais estão em todos os setores da sociedade, nas práticas cotidianas de pequenas ou grandes coletividades. Essas práticas mobilizam, encorajam e geram contextos que cercam incessantemente os indivíduos, ajudando na convivência destes em seus grupos sociais. As tradições nos grupos populares são continuamente experimentadas de modo coletivo.

Portanto, mesmo quando se dá que as manifestações das tradições populares mudam do espaço rural para o urbano, ou do urbano para o rural, essa sabedoria popular é reformulada, ajustada à vida atual e compartilhada com a nova coletividade. Dessa forma, os conhecimentos experienciam mudanças, são acolhidos ou sofrem novas incorporações sem

perder sua essência, uma vez que é comum as comunidades populares não se deterem em discussões sobre a validade ou adequação das modificações necessárias, simplesmente as realizam e continuam com suas vidas.

Na cidade de Quirinópolis, essa devoção é ‘palpável’ e profundamente enraizada na ‘identidade’ dos devotos do município. Inúmeras famílias aguardam com entusiasmo o tempo da celebração para receberem a bandeira dos Santos Reis e requisitarem graças às suas casas, mais um ano de saúde e abundância. Existe um notável apreço da comunidade pelos rituais da Folia, mesmo entre aqueles que dizem não terem crença nos santos, de certa maneira, preservam a reverência à lembrança sagrada e, até mesmo, um certo assombro perante o cerimonial da bandeira, da canção, da Folia propriamente dita.

Os integrantes dos grupos de foliões, ao lançarem sua jornada de peregrinação, consideram que estão levando a cabo um objetivo: o de homenagear o Menino Jesus recém-nascido. Assim, eles seguem o modelo dos Magos do Oriente ao realizarem sua jornada, orientados pela Estrela Guia, superando os obstáculos, os riscos e as dificuldades da longa viagem.

Dessa forma, o legado dos personagens sagrados impulsiona a crença desses indivíduos, incentivando-os a persistirem na tarefa deixada, enfrentando as aflições e os desafios do momento atual. A celebração anual da passagem pelo Menino Jesus, por meio da realização da jornada (passagens pelas casas dos fiéis) segundo o costume da Folia, é uma ação efetiva dos foliões em gratidão por Ele ser realmente o Redentor da humanidade.

Ao longo da pesquisa, foi perceptível que a festividade de Santos Reis tornou-se uma tradição em Quirinópolis, pois a difusão de seu legado se deu pela comunicação oral. A tradição foi transmitida ao longo de diferentes gerações, incluindo não só os participantes dos grupos que organizam as festividades, mas também uma considerável parte da população rural e urbana da cidade e regiões próximas.

Numerosos fiéis participam, disponibilizando seus lares para acolherem a bandeira e os instrumentos, colaborando com contribuições de alimentos, com suporte financeiro ou oferecendo serviços voluntários ao longo do percurso da Folia e da celebração final. Portanto, deve-se levar em conta que a partir da vivência acumulada com as atividades e com a comunicação verbal os protagonistas dessa celebração cultural, os principais participantes da festa de Santos Reis, introduziram ao longo dos anos novos aspectos simbólicos na narrativa dessa celebração.

A consequência dessa apropriação não modificou a essência da celebração em sua totalidade e em seu sentido. Um ponto que exige análise é entender quais razões, de fato,

impulsionam praticantes e, sobretudo, foliões a se empenharem na coordenação e na gestão das celebrações de Santos Reis. As causas se baseiam em uma lógica em que as relações entre devotos, foliões e festeiros com os santos se solidificam de maneira necessária e, em algum aspecto continuam, visto que, graças e benefícios são recebidos e a presença indiscutível do ‘milagre’ é visível, bem como a celebração rituais.

De maneira abrangente, são diversos os “pré-requisitos” que conduzem as pessoas ao evento festivo da folia, ultrapassando o limite das interações recíprocas e místicas. Finalmente, entre essas explicações estão, ainda, a necessidade de socializar, de entretenimento e de compartilhar saberes, além de um forte sentimento de conexão com o grupo em que se insere.

Infere-se que na cidade de Quirinópolis, locus da pesquisa, as celebrações de Santos Reis têm passado por transformações em resposta às demandas contemporâneas. Mesmo que a Folia tenha adotado ao longo dos anos aspectos variados de suas raízes que, inicialmente, possam parecer incomuns ou imposições para o grupo de foliões envolvidos nas celebrações religiosas, sua verdadeira natureza se mantém.

A pesquisa de campo evidenciou que a comemoração de Santos Reis está entrelaçada no núcleo, no coração da comunidade estudada. A análise se apoia nos relatos reunidos durante as conversas realizadas com os integrantes dos grupos de foliões e devotos, mostrando que a herança cultural é obrigatória na vivência diária dos foliões e admiradores desta prática votiva. A Folia de Reis não deve ser restringida apenas às questões discutidas nesta análise, já que o tema ultrapassa as respostas que podem ser desenvolvidas em uma pesquisa. Essa manifestação cultural é completa e envolvente em seus rituais, sinais, cores, danças, cânticos e sonoridades.

A Festa de Santos Reis consegue preservar um profundo significado e nas interpretações das pessoas se transforma em valor. Possui competência em gerar atmosferas que propõem novos hábitos, comportamentos renovadores, regulações diferentes, valores emergentes e práticas capazes de ressignificar tradições.

A Folia de Reis possibilita compreender como a fé popular se transforma na atualidade, seja no ambiente rural, no urbano, pessoal ou comunitário. As distintas experiências, com essas localizações, são mostradas pelas individualidades. Oferece uma identidade de fé que une passado e presente. Assim, ser um participante é reinterpretar a herança de fé e sua identidade em resposta à contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; MAGNO, Marluce. **Desafios na Patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso**: o caso das folias de reis fluminense. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/zV6BfvqzSwkcYwyJQPsGByn/> Acesso em: 2 maio 2023.
- ALVES, Célio Macedo. A imaginária religiosa setecentista em Minas Gerais. In: VILLALTA, Luiz Carlos; RESENDE, Maria Efigênia Lage de. (Org). **História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo, vol. 2, 2007, p. 427-450. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274052398_Historia_de_Minhas_Gerais_as_Minhas_setecentistas. Acesso em: 2 maio 2023.
- ANDRADE, Mário. Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 30, p. 271-287, 2002. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat30_m.pdf. Acesso em: 2 maio 2023.
- ANDRADE, Wesley Lima de. **Catolicismo popular**: práticas e apropriações em Quirinópolis de 1943 a 1997. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16445/1/CatolicismoPopularPraticas.pdf>. Acesso em: 2 maio 2023.
- AQUINO, Maurício de. **História e Devoção**: Construção social do culto a Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado de Ourinhos – SP (1954-2004). São Paulo: Edusc, 2011.
- ARAÚJO, Ana Maria Ramalho Câmara. A cultura e a memória da festa do Divino de Mogi das Cruzes. In: **Projeto História: festas, ritos e celebrações**. São Paulo: Educ, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10453/7788>. Acesso em: 3 maio 2023.
- ARNT, Lionara. **Peregrinação X turismo religioso**: um estudo de caso no Santuário de Azambuja – Brusque, SC. 2006. 150f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Disponível em: <https://biblioteca.univali.br/pergamumweb/vinculos/pdf/Lionara%20Arnt.pdf>. Acesso em: 3 maio 2023.
- BARBOSA, Gemyma Dantas; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiros. “Hoje é dia de Santo Reis” – Os “três Reis Magos” e a piedade popular luso-brasileira. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 32, n. 1, p. 143–153, 2022. DOI: 10.18224/frag.v32i1.8814. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/8814>. Acesso em: 24 set. 2024.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia e conhecimento. 23. ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2003.

BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento. Tradução da Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003. Disponível em: https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf. Acesso em: 7 maio 2023.

BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Máscara:** estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=133763. Acesso em: 4 jun. 2023.

BOIERAS, Gabriel; CATTANI, Luciana; SÁ, Marco Antônio. **Maravilhas do Brasil:** festas populares. Rio de Janeiro: Escrituras, 2006.

BONESSO, Márcio. **Encontro de bandeiras:** o ciclo festivo no Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado em História. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1446>. Acesso em: 4 jun. 2023.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BORGES, Vonedirce Maria Santos. **Formação de uma nova centralidade do setor sucroenergético no cerrado: o caso de Quirinópolis, Estado de Goiás, 2011.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/011ea568-d8e2-4471-aa8f-8c772d1dfe7b/content>. Acesso em: 6 fev. 2024.

BOFF, Leonardo. **Igreja:** carisma e poder. São Paulo: Editora Ática, 1994. Disponível em: [file:///C:/Users/sandr/Downloads/Leonardo%20Boff%20-%20Igreja_%20Carisma%20e%20Poder%20-%20ensaios%20de%20Eclesiologia%20Militante-%C3%81tica%20\(1994\).pdf](file:///C:/Users/sandr/Downloads/Leonardo%20Boff%20-%20Igreja_%20Carisma%20e%20Poder%20-%20ensaios%20de%20Eclesiologia%20Militante-%C3%81tica%20(1994).pdf). Acesso em: 11 nov. 2024

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Folia de Reis de Mossâmedes. **Caderno de Folclore 20.** Ministério da Educação e Cultura. Departamento e Assuntos Culturais. Programa de Ação Cultural. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro. Gráfica Olímpica Editora, Ltda. 1977. 37p. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/A_folia_de_reis_de_Moss%C3%A2medes.html?id=DasSAQAIAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 4 jun. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado:** estudos de religião e ritual. (1983). Disponível em: <https://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2019/02/MEM%C3%93RIA-DO-SAGRADO-rosa-dos-ventos.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo:** símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/publisher/editora-da-ucg/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia: festa e romaria**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 8 jun. 2023.

BRASIL. Decreto nº 25 de 30 de novembro de 1937. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 2 set. 2023.

_____. Decreto nº 3.551 de 04 de agosto de 2000. **Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm. Acesso em: 2 set. 2023.

BRITO, Carolino Marcelo de Souza. Mário de Andrade: um nacionalista ou um regionalista paulista no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional? **Revista de História da UEG**. v. 6 n. 2, 2017, p. 42 – 63. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/6265/4850>. Acesso em: 7 fev. 2023.

BRITTO, Clovis Carvalho. Entre mascarados, mouros e cristãos: Por uma memória topográfica das cavalhadas no Campo do João Francisco em Goiás. In: **Os Sentidos da Devoção: o Império do Divino na Cidade de Goiás (Séculos XIX e XX)**. BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito; ROSA, Rafael Lino (Orgs.). Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. Disponível em: <https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/mitofundadoresociedadeautoritariamarilenachau.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2023

CALAFIORI, Luiz Ferreira. **Manual de Foila de Reis**. São Paulo: Resenha, 1993.

CAMELINI, João Humberto. **Regiões competitivas do etanol e vulnerabilidade territorial no Brasil: o caso emblemático de Quirinópolis, GO**. 159 f. (Dissertação de Mestrado) Campinas: UNICAP, 2011. Disponível em: https://alcsens.cpa.unicamp.br/docs/publicacoes/dissertacao_mestrado_camelini.pdf. Acesso em: 7 jun. 2023.

CAMPOS, Renato Márcio Martins de; GERALDO, Sebastião. Folia de Reis em Ribeirão Preto – Cenário atual e reflexão teórica. **Alceu**. PUC, Rio de Janeiro. v. 12 - n.24 - p. 122 a 136 - jan./jun. 2012.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

CARTA DE FORTALEZA. Fortaleza, 14 de novembro de 1997. In: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. Disponível em: https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf. Acesso em: 8 jun. 2023.

_____. O consumo do espaço. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001019322>. Acesso em: 8 jun. 2023.

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Orgs.). **Dicionário temático de patrimônio**. Debates contemporâneos. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=5D3A265F63C35860B85CD17A5622A8EB>. Acesso em: 3 fev. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=512A7F67EAAF1C8555AD75CCB97699FD>. Acesso em: 1 jul. 2023.

CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=45756FF0C7504AF2B7C9679E47AFDEA9>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CASTILHO, Denis. Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico. In: **Revista Mirante**, vol. 2, n.1. Pires do Rio - GO: UEG, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343724775_Cerrado_patrimonio_genetico_cultural_e_simbolico. Acesso em: 1 set. 2023.

CASADEI, Eliza Bachega; HALBWACHS, Maurice; BLOCH, Marc. Em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**, n°. 108, pp 153-161, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9678>. Acesso em: 1 set. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Uma geografia da cidade** – elementos da produção do espaço urbano. Goiânia: Alternativa, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Geografia_da_cidade.html?id=3ABHAAAAYAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 3 set. 2023.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. **A “Santiago de Compostela” brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé.** 2006. 191 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3262>. Acesso em: 24 set. 2023.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1996.

COELHO, Gustavo Neiva. Goiás: a ocupação pela agropecuária. **História Revista:** revista do Departamento de História / Universidade Federal de Goiás. Goiânia, v.02, p. 23-51. jul. /dez., 1997. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10687/7102>. Acesso em: 24 set. 2023.

CONVENÇÃO SOBRE A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

IMATERIAL. Paris, 29 de setembro a 17 de outubro de 2003. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguada.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

CORRÊA, Juliana Aparecida Garcia. **De reinados e de reisados: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis/MG.** 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-998GL3/1/teserevisadafinal23052010comp_ginas.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL (Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, Everaldo Batista. **A concretude do fenômeno turismo e as cidades patrimônio mercadoria: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/335277974_A_concretude_do_fenomeno_turismo_de_Everaldo_Batista_da_Costa/link/65ca762f1bed776ae34cd453/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em: 7 ago. 2023.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: <https://leaqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/03/chuva-marcia-regina-romeiro-os-arquitetos-da-memc3b3ria.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2023.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002. Disponível em:

<https://libgen.is/search.php?req=A+no%C3%A7%C3%A3o+de+cultura+nas+ci%C3%A2ncias+sociais&open=0&res=25&view=simple&phrase=1&column=title>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA NETO, Oscar. **Rio Verde: apontamentos para a sua história.** Goiânia: Líder, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Rio_Verde.html?id=Kae9swEACAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 3 ago. 2023.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAMIANI, Amélia Luísa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 1999.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades.** São Paulo: Saraiva, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=49AA89FDA056514F6CDCC185F281D9CD>. Acesso em: 12 set. 2023.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=0DF6EBF5CBBEB9176496D06A8EAAFC4D>. Acesso em: 12 set. 2023.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos.** Lisboa: Editora Arcádia, 1979. Disponível em: https://www.academia.edu/36261347/_Livro_Mircea_Eliade_Imagens_e_S%C3%ADmbolos. Acesso em: 12 set. 2023.

ESTEVAM, Luís Antônio. CAMPOS JUNIOR, Paulo Borges. Caminhando nos trilhos da ocupação econômica de Goiás. **Revista CEPPG - CESUC - Centro de Ensino Superior de Catalão**, Ano XV nº 27, 2º Semestre/2012. Disponível em: https://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/downloads/e3ec288763a4b45a7db8adcc1829627a.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.

ESTEVAM, Luís Antônio. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás.** Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/117241>. Acesso em: 1 nov. 2024.

FERREIRA, Maria Nazareth (colab). **Globalização e identidade cultural na América Latina.** Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos – CEBELA: São Paulo, 1995. Disponível em: https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/images/livros/pdf/livro_-_maria_nazareth_-_globalizacao_e_identidade_cultural_na_al-cultura_subalterna_-_1995.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. **Comunicação e Informação.** v. 9, nº 1: p. 111-118 – jan/jun. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22807/13554>. Acesso em: 15 set. 2023.

FIGUEIREDO, William Bezerra. **Dos Símbolos Numinosos: performance e ritual.** São Paulo: Editora Giostri, 2011.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: bases para novas políticas de patrimônio. In: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.** Políticas sociais: acompanhamento e análise. nº 02, pp. 111-120, 2001.

FREITAS, Sueli Martins de; PROVENSI, Gilmar Luiz. **Relatório de Auto Avaliação da Unidade Universitária de Ciências Exatas e Tecnológicas – 2006.** Disponível em: <http://www.unucet.ueg.br/novoUnucet/conteudo/autoaval/2006/capa.pdf>. Acesso em: 5 out. de 2023.

FROTA, Leila Coelho. Promessa e milagre nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas Gerais. In: **Promessa e milagre no santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas – Minas Gerais.** Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens Artísticas da Cultura Popular. In: **Cultura Popular e Educação.** Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/SEED/MEC, 2008. Disponível em: https://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/livro_salto_cultura_popular_e_educacao.pdf. Acesso em: 2 jan. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2 Morar, Cozinhar.** 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 211-334. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/450279/mod_resource/content/1/CARTEU%2C%20inven%C3%A7%C3%A3o%20do%20cotidiano%2017.03%20p234-249.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização.** 6. ed. Queluz de Baixo: Presença, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Iphan, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (orgs). **Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa.** São Paulo: Ed. Hucitec, 2001. Disponível em: file:///C:/Users/sandr/Downloads/Festa_Trabalho_e_Cotidiano.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HIGUET, Etienne. **O misticismo na experiência católica**. In VVAA. Religiosidade popular e misticismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984.

HORTA, Ana Paula S. **Os Reis na Canastra**: o sentido da devoção nas Folias. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06012012-144609/publico/2011_AnaPaulaSantosHorta.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Unidades da Federação com Maior Valor da Produção de Cana-de-açúcar**: Quirinópolis. Disponível em https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/soja-e-milho-ancoras-da-agricultura-brasileira/PAM_2015.pdf. Acesso em: 1 fev. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Quirinópolis**. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/quirinopolis.html#:~:text=3.786%2C026%20km%C2%B2%20\[2022\]%2048.447%20pessoas%20\[2022\]%2012%2C80,298.185.357%2C30%20R\\$%20\(%C3%971000\)%20\[2023\]%2041.843%2C87%20R\\$%20\[2021\]](https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/quirinopolis.html#:~:text=3.786%2C026%20km%C2%B2%20[2022]%2048.447%20pessoas%20[2022]%2012%2C80,298.185.357%2C30%20R$%20(%C3%971000)%20[2023]%2041.843%2C87%20R$%20[2021].). Acesso em: 3 fev. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Relatório “Ofício das Paneleiras de Goiabeiras”**. IPHAN: Brasília. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/oficio_paneleiras_goiabeiras.pdf. Acesso em: 1 set. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Relatório “Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Wajāpi”**. IPHAN: Brasília. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_PinturaCorporalArteGraficaWajapi_m.pdf. Acesso em: 1 set. 2023.

IRVING, Marta de Azevedo; GIULIANI, Gian Mário; LOUREIRO, Carlos Frederico B. Natureza e Sociedade: desmistificando mitos para a gestão de áreas protegidas. In: IRVING, M.A; GIULIANI, G. M; LOUREIRO, C. F. B. (Orgs). **Parques Estaduais do Rio de Janeiro**: construindo novas práticas para a gestão. São Carlos: Rima Editora, 2008.
ITANI, Alice. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 4 jun. 2023.

LIMONAD, Ester. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. **Territórios, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

LOBO, Aline Santana. **Sons e Movimento**: sentidos do sagrado na musicalidade da Folia de Santos Reis de Pirenópolis, Goiás, 2017. Disponível em:

https://www.btdt.ueg.br/bitstream/tede/1010/2/1539951609_sons_e_movimentos_sentidos_do_sagrado_na_musicalidade_da_folia_de_santos_reis_de_pirenopolis_goias.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.

LOPES, Michelly de Lourdes. **A espacialização do varejo no espaço intraurbano: o caso da rede Bretas de supermercados em Uberlândia (MG)**. Uberlândia: Edibrás, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16139/1/d.pdf>. Acesso em: 2 out. 2023.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: ROSENDAHL, Zeny. **Trilhas do Sagrado**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

MACEDO, Isaias de Carvalho (org.). **A Energia da cana-de-açúcar: doze estudos sobre a agroindústria da cana-de-açúcar no Brasil e a sua sustentabilidade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2005. Disponível em: https://unica.com.br/wp-content/uploads/2019/08/cana_livro_unica.pdf. Acesso em: 6 out. 2023.

MARAFON, Glaucio José. Territorialidades, Ruralidades e as Relações Campo-Cidade. In: **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-13, jun., 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/sandr/Downloads/admin,+15-Glaucio_Marafon%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sandr/Downloads/admin,+15-Glaucio_Marafon%20(1).pdf). Acesso em: 7 nov. 2023.

MARIANO, Neuza de Fátima. **Tem festa caipira na metrópole de São Paulo**. Disponível em: <https://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiairegional/03.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2023.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. Curitiba, n. 8, Editora UFPR, p. 83-91, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 458 f. (Tese de doutorado), Presidente Prudente: UNESP, 2004. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/04/04_MARCELO_RODRIGUES_MENDONCA.pdf. Acesso em: 7 nov. 2023.

MENEZES, Renata. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

NEVES, Paracy Corrêa. **A formação do espaço urbano de Quirinópolis: Uma Possibilidade Histórica de 1832 a 2010**. Dissertação (Mestrado em História) - PPHIST, Pontifícia Universidade Católica De Goiás - PUC-GO, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/2233/1/Paracy%20Correa%20Neves.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.

NOGUEIRA, Wanderleia Silva. **A Festa da Folia de Reis em Quirinópolis: Lugar de Memória 1918-2010**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em:

<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/2274/1/Wanderleia%20Silva%20Nogueira.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

OLIVEIRA, Aparecida Antônia. Análise dos impactos das políticas de desenvolvimento regional na bacia do Alto Paraguai. In: **Revista Ensaios e Ciências**, v. 6, n. 3, Campo Grande: UNIDERP, 2002, p. 39-66. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/260/26060303.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo organizado no Brasil**. Petrópolis: vozes, 1985.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIXINHO, Dimas Moraes. **A dinâmica sócio-espacial do modelo técnico - produtivo da sojicultora no Cerrado e a formação de centros dinâmicos: o caso de Rondonópolis (MT) e Rio Verde (GO)**. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/6630>. Acesso em: 10 out. 2023.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/07.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

PEREIRA, Azenaide Lopes. Encontro de Folia de Reis – Goiânia. In: **Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania: Propostas, Práticas e Ações Dialógicas**. p. 128-145, 2018. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/eipdce-propostas-pratica-acoesdialogicas/artigos/artigo11.html>. Acesso em: 6 fev. 2024.

PEREIRA, Ivone Aparecida. Sacerdotes das ruas e estradas: um estudo de caso da Folia de Reis de Santo Antônio de Goiás. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) **Religiosidade popular**. Goiânia/GO: Descubra, 2007. (Coleção religião e cotidiano; v.3).

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Peregrinos do Sagrado: um estudo da Folia de Reis**. In: **Do Presépio à Balança – representações sociais da vida religiosa**, p. 17-185. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 1995.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: UCG; Kelps, 2009.

PESSOA, Jadir de Moraes. FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos reis magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Morai; PESSOA, Edson; VIANÊS, Edson Alves. **Meu Senhor Dono da Casa: Os 50 anos da folia de Reis das Lages**. Goiânia: Editora da UCG, 1993.

PESSOA, Jadir de Moraes; SILVA, Valtuir Moreira da (orgs.). **Os tempos da estrela: 75 anos da Folia de Reis de Lages**. Goiânia: Kelps, 2021.

PIMENTEL, Elam de Almeida. A Imagem da Devoção de São Longuinho em Freguesia. In: **Sacrilegens** - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, Juiz de Fora, v.2, n.1, p.101-114, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26365/18173>. Acesso em: 10 dez. 2023.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, pp.200-212, 1992. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-de-michael-pollak-memoria-e-identidade-social/view>. Acesso em: 15 jan. 2024.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

PORTO, Guilherme. **As folias de Reis no Sul de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MECSEC FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938)**. 1999. 126f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.abebooks.com/Esculpindo-cultura-forma-Brasil-departamento-S%C3%A3o/16032875957/bd>. Acesso em: 3 jan. 2024.

REIS, Inimar dos. **Folias e folgedos do Brasil: ciclo junino**. Brasil: Paulinas, 2010.

RIBEIRO, Priscila. **Acendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz: a música da Folia de Reis e a Família Prudêncio de Cajuru**. São Paulo: Dialética, 2021.

ROCHA, Maria Isabel. **Altar Cristão: Evolução até a Reforma Católica**. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2004. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/lusitaniasacra/article/view/7060/6837>. Acesso em: 7 jan. 2024.

RODRIGUES, Marly. **Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SCIFONI, Simone. **A Construção do Patrimônio Natural**. (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, 2006.

SANCHES, Mário Antônio. Religião e ciência: o porquê do diálogo. *In*: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; KUZMA, Cesar. (org). **Cultura, religião e sociedade: um diálogo entre diferentes saberes**. Curitiba: Champagnat, 2010.

SANTOS, Gilberto Celestino dos. A Geografia e o desenvolvimento regional. *In*: **UEG em Revista: Revista Científica da UEG – Quirinópolis**. v. 1, n. 1, Goiânia: Kelps, 2004.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Rosselvelt José. (Re) Ocupação do cerrado: novas gentes, outras identidades. *In*: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008a, p. 98-136.

SCARANO, Julita. **Fé e Milagre: Ex-votos pintados em madeira – séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e a educação. *In*: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

SILVA, Angélica Cristina Gomes. **A Instituição da região: (Ind) Definições do “Sertão da Farinha Podre, Actual Triângulo Mineiro**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37732/3/Institui%C3%A7%C3%A3oRegi%C3%A3oIndefini%C3%A7%C3%B5es%20%281%29%20%281%29.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SONZA, Ana Cristina de Almeida. **Dos velhos é que vem a semente: o idoso na Folia de Reis**. Dissertação de mestrado em gerontologia. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2006. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1238/1/Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2024.

SOUSA, Maria Aparecida. **A conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/A_conquista_do_sert%C3%A3o_da_ressaca.html?id=iJ1EAAAAYAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 3 jan. 2024.

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Patrimônio Imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa**. Uberlândia: Composer, 2015.

SOUZA, Ricardo Luiz. **Festas, Procissões, Romarias, Milagres: aspectos do catolicismo popular**. Editora IRFN, 2013, 160p. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1090/Festas%20Procissoes%20Romarias%20Milagres%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2024.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. *In*: VALLA, Victor Vincent (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

TEIXEIRA NETO, Antônio. **Pequena história da agropecuária goiana (o ouro acabou? Viva o boi! /o ouro se foi? Chegou o boi!).** Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/teixeira_net_ant_nio_pequena_hist_agropecu_ria.pdf. Acesso em: 2 nov. 2024

TREMURA, Welson Alves. **A música Caipira e o Verso Sagrado na Folia de Reis.** Disponível em: <https://www.welsoftremura.com/images/downloads/IASPM2004Texto.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Fênix**, UFU (online), vol. 07, p. 02, 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/260/245>. Acesso em: 14 fev. 2024.

TOCHETTO, Zelinda Macari. **O homem constrói sua Cultura e o significado religioso do mundo.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1904-8.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris: Outubro, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

WOORTMANN, Klaas. **Com parente não se neguceia:** o campesinato como ordem moral. In: **Anuário Antropológico**. 87. Editora Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6389/7649>. Acesso em: 18 fev. 2024.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1983.

ANEXO A: INSTRUMENTO DE COLETA – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Os participantes serão selecionados a partir da pesquisa de campo no acompanhamento das preparações da Folia, procurando conhecer as pessoas que organizam e realizam toda a preparação, assim como os Foliões propriamente ditos, ou seja, os grupos formados pelo Capitão de Folia e pelos demais participantes. Será feita a entrevista semi-estruturada com análise qualitativa.

As entrevistas serão realizadas no local escolhido pelos participantes e neste caso, poderá ser em um espaço público como uma praça, no trabalho ou em seu domicílio, de forma que se sintam confortáveis, seguros e com total privacidade.

Serão entrevistados os integrantes das Companhias de Folia (homens e mulheres maiores de 18 anos) de diferentes gerações, dentre eles: cantadores, tocadores, capitão, alfeire e o anfitrião da Festa de encerramento. Também serão entrevistados representantes de famílias que receberão a bandeira para o pouso (homens e mulheres maiores de 18 anos).

O objetivo das entrevistas é angariar informações sobre as memórias, crenças, rituais e entender as representações e as identidades dos indivíduos que praticam a tradição da Folia de Reis.

Constituem possíveis riscos relacionados à participação neste estudo: a invasão de privacidade; a rememoração do passado e as emoções vividas; a necessidade de tomar o tempo do participante da pesquisa ao responder ao questionário/entrevista.

Os benefícios da participação nesta pesquisa serão a possibilidade de expressar o pensamento e a posição perante um tema de interesse da área cultural e a perspectiva de contribuir com a reflexão acadêmica e científica sobre as Folias de Reis e a cultura rural e urbana da cidade de Quirinópolis (GO).

- **Questionário 1. Destinado aos foliões praticantes ou ex-praticantes:**

- 1 – Qual é o seu nome? E sua idade?
- 2 – Você nasceu em Quirinópolis?
- 3 - Há quanto tempo você participa da folia?
- 4 – Por que você participa da folia?
- 5 - Você é católico?
- 6 – Como era realizada a folia no espaço rural (fazendas) antigamente?
- 7 - A folia realizada no campo era diferente daquela realizada na cidade?
- 8 - Atualmente, os jovens e crianças têm interesse em participar da folia?
- 9 - Qual o papel da mulher na folia?
- 10 – Como é organizada a festa? E por quem?
- 11 - Qual a importância dada ao altar na saída e na chegada da folia?
- 12 – Por que se reza o terço?
- 13 - Qual o significado da bandeira para você?
- 14 - O grupo de folia tem algum patrocinador?

15 - Quem organiza o giro?

16 – Quantas pessoas você acredita que participa da folia no dia da entrega da bandeira?

17 - Como você se sente participando da folia?

• **Questionário 2. Destinado aos devotos:**

1 – Qual é o seu nome? E sua idade?

2 – Você nasceu em Quirinópolis?

3 - Há quanto tempo você participa da folia?

4 – Por que você participa da folia?

5 – Você é católico?

6 - Qual a importância da reza do terço para você?

7 - Para você, o que representa a bandeira?

8 - Você participa da festa da folia?

9 - Como você se sente participando da festa?